Teresa Mateiro
Risaelma Cordeiro
Jéssica de Almeida
(orgs.)

ESTUDANTES E PROFESSORE(A)S DE MÚSICA

Estágios vividos e histórias contadas durante a pandemia

EDUFMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor Prof. Dr. Natalino Salgado Filho

Vice-Reitor Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos

EDITORA DA UFMA

Diretor Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira

Conselho Editorial

Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Prof. Dr. André da Silva Freires
Prof. Dr. Jadir Machado Lessa
Profª. Dra. Diana Rocha da Silva
Profª. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Marcus Túlio Borowiski Lavarda
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães
Profª. Dra. Rosane Cláudia Rodrigues
Prof. Dr. João Batista Garcia
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Bibliotecária Dra. Suênia Oliveira Mendes
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

TERESA MATEIRO
RISAELMA CORDEIRO
JÉSSICA DE ALMEIDA
(ORGS.)

ESTUDANTES E PROFESSORE(A)S DE MÚSICA

ESTÁGIOS VIVIDOS E HISTÓRIAS CONTADAS DURANTE A PANDEMIA

São Luís
EDUFMA
2022

***Copyright* © 2022 by EDUFMA**

ORGANIZADORAS

Teresa Mateiro
Risaelma Cordeiro
Jéssica de Almeida

CONSULTORAS DESTA EDIÇÃO

Ana Lúcia Marques de Louro-Hettwer - UFSM
Delmary Vasconcelos de Abreu - UnB
Jusamara Vieira Souza - UFRGS
Leda de Albuquerque Maffioletti - UFRGS
Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres - IPA/RS

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mônica Luchese Marques
Nicole Penteado

REVISÃO DE TEXTOS

Priscilla Morandi

XILOGRAVURAS

Milton Cazelatto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Estudantes e professore(a)s de música [recurso eletrônico]: estágios vividos e histórias contadas durante a pandemia / Teresa Mateiro, Risaelma Cordeiro, Jéssica de Almeida (orgs.). - São Luís: EDUFMA, 2022. 206 p.:il.

Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-65-5363-126-7.

1. Música - Estágio. 2. Música - Estudantes de Música. 3. Música - Prática docente. 4. Estágio - Pandemia. I. Mateiro, Teresa. II. Cordeiro, Risaelma. III. Almeida, Jéssica de.

CDD 781.378 17
CDU 78:378.147.091.33-027.22

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Marcia Cristina da Cruz Pereira
CRB 13/418

Criado no Brasil [2022]
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

EDUFMA | Editora da Universidade Federal do Maranhão
Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga. CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil.
Telefone: (98) 3272-8157
www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br

Agradecimentos

- Escola Básica Municipal Henrique Veras, Florianópolis – SC
- Escola Básica Municipal Donícia Maria da Costa, Florianópolis – SC
- Escola Básica Municipal Mâncio Costa – Escola do Futuro, Florianópolis – SC
- Colégio de Aplicação, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC
- Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC
- Instituto Federal Catarinense, Sombrio – SC
- Escola de Música Reduzino Romão de Faria, Biguaçu – SC
- Colégio Cívico Militar Monsenhor Eduardo, Palmas – PR
- Colégio Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo, Cascavel – PR
- Coordenadoria de Apoio à Educação Básica, Programa Multidisciplinar de Formação Docente, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR
- Instituto Ciranda – Música e Cidadania, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), Ministério da Justiça, Cuiabá – MT
- Instituto Desportivo da Criança no Asilo Santa Rita, Cuiabá – MT
- Escola Nossa Senhora da Guia (educação infantil e ensino fundamental), São Luís – MA
- Colégio Universitário (COLUN), Campus Bacanga da Universidade Federal do Maranhão, São Luís – MA

À Mônica Luchese Marques pelas ideias e pelo cuidadoso trabalho no projeto gráfico deste livro.

Ao Milton Cazelatto pelas artes de xilogravura usadas na capa, na contra capa e no interior desta publicação.

Mônica Luchese Marques é brasiliense, professora do curso de Música Licenciatura da UFMA. Mãe de duas meninas e dois cachorros, durante a pandemia começou a cuidar de plantas e fazer o doutorado. No tempo de Lives, escutou muito a canção "Reconvexo" de Caetano Veloso. 🎧

Nascido em Santos/SP, Milton Cazelatto reside em Florianópolis desde 2000. É artista plástico, gravador e ilustrador. Trabalha, mais especificamente, com xilogravura e faz pesquisa em processos gráficos. É casado e pai de gato. Na Pandemia, tentou aprender a fazer pão de fermentação natural, cuidar de plantas, fazer composteira, porém, sem sucesso, resolveu voltar às suas pesquisas no campo da gravura.

https://www.instagram.com/miltoncazelatto.art/

Indicações para a leitura do livro

Leia o capítulo de Abertura e o de Encerramento para entender a concepção deste livro.

Os demais capítulos estão organizados por seções. Não há necessidade de ler em ordem.

Os nomes dos autores aparecem ao final dos capítulos, pois propusemos textos em formato de carta.

Os subtítulos dos capítulos, que estão escritos em pequenas partes, encontram-se formatados à direita.

Clique nos fones de ouvido para ouvir as músicas indicadas pelas(os) autoras(es).

Clique na filmadora para assistir aos filmes indicados pelas(os) autoras(es).

O Sumário é interativo. Caso queira, clique nos títulos para ir até a narrativa desejada.

Sempre que quiser voltar ao Sumário, clique neste símbolo. Ele está nas páginas de apresentação das autoras e autores, no início de cada seção do livro.

Escolha a narrativa de seu interesse e desfrute!

SUMÁRIO

Apresentação 11

Teresa Mateiro, Risaelma Cordeiro, Jéssica de Almeida, Luciana Hamond, Mônica Luchese Marques e Nicole Penteado

Abertura 14

Narrativas docentes em tempos de pandemia: um ato de re(exis)tência

Jéssica de Almeida

Coordenadoras

Tempos de ressignificar a prática docente nos estágios da Licenciatura em Música 24

Risaelma Cordeiro

Uma experiência intensa no estágio supervisionado em educação musical: um relato como coordenadora, docente e orientadora 31

Luciana Hamond

Trajetórias de um estágio em Música: formar e formar-se em tempos de pandemia 40

Andréia Veber

Estágios em música: momentos de uma história 46

Teresa Mateiro

Estagiárias e Estagiários

Sobre as presenças ausentes do mundo remoto
Vinicius Manhães Andrade **55**

Comunicação e estágio na pandemia: (des)afetos e emoções
Júlia Darela **62**

Atenção! Estamos em obras, desculpem o transtorno: uma trajetória de estágios em música
Felipe Lacerda **70**

Transformando limões em limonada: uma perspectiva positiva em tempos de pandemia
Queila Guimarães **76**

Aulas de musicalização por meio do WhatsApp
Bárbara Sales de Holanda **83**

Professora, eu? Uma narrativa sobre se perceber e se permitir docente
Maria Clara Dias **91**

A vida não espera. Estágio na pandemia
Guilherme Mota Godinho **98**

Orientadoras

De graduanda a orientadora: voltando para casa em nova função e formato 106
Nicole Penteado

Cadê o estágio que estava aqui? 114
Sandra Mara da Cunha

Orientação de estágios durante a pandemia: os desafios impostos pelo ensino remoto 120
Maira Ana Kandler

Estágio supervisionado: criando soluções para o inesperado 128
Marisleusa de Souza Egg

O lugar e a temporalidade da construção da docência em música na pandemia 137
Carla Lopardo Holanda

Aspectos de comunicação e linguagem de um licenciando em Música: processos inclusivos durante orientação de estágio 144
Bárbara Trelha

Supervisoras e Supervisores

Paraná e Santa Catarina: uma relação musical em plena pandemia 153
Krisley Motta

Uma pequena serenata pandêmica 160
Fernando Bresolin

Modulações na formação docente em música: estágio supervisionado no Colégio Universitário da UFMA 167
Micael Carvalho dos Santos

Reflexões sobre o estágio supervisionado no componente curricular Artes/Música no IFC-CAS 174
Tereza Cristina Benevenutti Lautério

Processos de aprendizagens compartilhados com os estagiários de música 183
Gislene Natera

A terra parou, mas eu não: como embarquei em uma grande aventura em plena pandemia 191
Bárbara Funke Haas

Encerramento

Tempo, tempo, tempo: vivido e narrado por estudantes, professores e professoras de música 199
Teresa Mateiro

APRESENTAÇÃO

Em meados de março do ano de 2021, no contexto dos trabalhos remotos, criamos um grupo para conversar sobre as experiências com os estágios curriculares dos cursos de Licenciatura em Música, oferecidos pelas universidades onde trabalhamos. As trocas já haviam iniciado no ano anterior de modo mais pontual e individual. Entretanto, por iniciativa da professora Teresa Mateiro, o grupo tomou forma, sendo composto por Risaelma Cordeiro e Mônica Luchese Marques (UFMA), Jéssica de Almeida (UFRR), Luciana Hamond (UFMT) e Nicole Penteado (UEM).

Sem pretensões mais audaciosas, tratava-se de um encontro quinzenal e on-line, por meio da plataforma *Zoom*, de professoras universitárias que buscavam motivação, apoio, alternativas e soluções emergenciais para as práticas de ensino fora do ambiente físico da escola. Com as instabilidades e incertezas daqueles tempos nascia, então, um grupo de estudo disposto a aprofundar a compreensão sobre o estágio em Música, que também perpassa o exercício da docência e que pudesse compor o mote de nossas interações e investigações.

Recordamo-nos da primeira conversa na qual evidenciamos a realização do estágio no cenário da pandemia e como nós professoras estávamos conduzindo tal atividade de maneira nunca dantes vivida. Ademais, refletimos sobre os impactos do ensino remoto emergencial para a formação dos licenciandos e das licenciandas em Música outrora habituados e habituadas à educação presencial. De fato, repensar as práticas pedagógico-musicais no formato síncrono e assíncrono tornou-se o principal desafio para que os(as)

estudantes universitários pudessem alcançar as demandas da educação básica, sobretudo, das crianças da educação infantil. Muitas das discussões do grupo frutificaram reflexões mais amplas, que carregam o potencial de impactar outras situações de estágio, para além do período da pandemia.

Como lidar com essas realidades de modo a tornar significativo o momento formativo do estágio em Música? Como poderíamos formar professores e professoras sem a dimensão das relações humanas cotidianas que ocorrem nos locais profissionais de trabalho? A bem da verdade é que as situações *a priori* inquietantes e que pareciam ser infindáveis transformaram-se em uma espécie de "luz no fim do túnel", quando começamos a experimentar e propor outras formas de aprender, outras maneiras de escutar, outros modos de ensinar.

Por um lado, se o distanciamento social constituiu uma medida necessária à preservação da saúde da população, por outro, tivemos a oportunidade de nos aproximarmos e de conhecer melhor os inesperados dilemas da profissão docente. Nossos encontros virtuais tornaram-se momentos ímpares para ressignificar nossa prática e reafirmar que esse componente curricular é, sem dúvida alguma, o coração de qualquer licenciatura.

Decidimos concretizar as ações de todos e todas neste livro para divulgar nossas ideias e experiências, nossos pensamentos e sentimentos durante os dois anos inesquecíveis de pandemia, 2020 e 2021. Apresentamos, portanto, um conjunto de vinte e três narrativas de experiências vividas por estagiários e estagiárias, professores e professoras de música em escolas de educação básica e professores orientadores e professoras orientadoras de estágio de cursos de Licenciatura em Música.

A ideia de organizar um livro composto por narrativas é refletir com o outro – com professores e professoras que trabalham nas escolas de educação básica, com licenciandos e licenciandas que vão fazer o estágio, que estão fazendo ou que já terminaram, com docentes universitários que dão aulas nos cursos de Licenciatura em Música, com colegas envolvidos com os processos de formação docente, com leitores e leitoras - e com os tantos tempos e espaços que se cruzaram e, por vezes, se atropelaram no contexto pandêmico.

Destacamos que essa é uma ação do Grupo de Pesquisa Educação Musical e Formação Docente[1] (ForMusi/ Ceart/ Udesc/ CNPq) que tem privilegiado temáticas como: estágios curriculares e modos de aprender e ensinar; projetos interdisciplinares; narrativas e processos identitários; identidade e desenvolvimento profissional; programas curriculares e conteúdos de formação; construção do conhecimento; estudos internacionais e transculturais. Nesse lugar potencial de estudos e pesquisas consideramos a educação musical como um campo científico e a formação docente como um campo em estudo.

Desejamos uma ótima leitura e é nosso desejo que possamos cada vez mais pensar e lutar juntos pela formação acadêmico-profissional dos(as) estudantes, que corajosamente escolhem ser professores e professoras de música em um país que, nos últimos anos, não tem priorizado a educação e, muito menos, as artes.

Teresa Mateiro | Risaelma Cordeiro | Jéssica de Almeida
Luciana Hamond| Mônica Luchese Marques| Nicole Penteado
Florianópolis, São Luís, Boa Vista, Cuiabá, Maringá, abril de 2022

[1] Acesse a página do grupo pelo endereço: https://www.udesc.br/ceart/formacaodocente

Abertura

Narrativas docentes em tempos de pandemia: um ato de re(exis)tência

Jéssica de Almeida

Ser professor é constituir-se por narrativas: das narrativas gravadas nos muros das escolas às histórias, por vezes, mal-ouvidas quando imersas nos sons do recreio, mas que sempre encontram ouvidos na sala dos professores. Das narrativas lidas e estudadas nos livros aos encontros com a nossa própria vida... pela sua proximidade ou, mesmo, distância. São narrativas de tempos e espaços diferentes, mas que constituem lugares e territórios de falas comuns, compostos por subjetividades e singulares-plurais próprios da docência.

Empresto de Cunha (2008) o entendimento de lugar e território de fala, para a qual "o *lugar* se constitui quando atribuímos sentido aos espaços [universidade, escola], ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades" (p. 184, grifo meu). São espaços que adquirem status de lugar quando preenchidos de significados e subjetividades e, por isso, "se tornam parte de nós mesmos. Eles [os lugares] constroem nossa história e neles deixamos parte de nós" (p. 185). E é justamente na prática docente cotidiana que desenhamos a nossa história enquanto professores e devolvemos para ela, também, um pouco de nós.

Um território, por sua vez, configura-se quando inscrevemos "[...] ações como uma cultura, delineando processos decisórios e visões epistemológicas que se tornem preponderantes. Os territórios têm uma certa estabilidade, e a alteração de suas fronteiras é sempre resultado de lutas concorrenciais", como destaca Cunha (2008, p. 186). Nos territórios, estão compreendidas nossas concepções de mundo, dinâmicas que nos movimentam nossos entendimentos sobre os problemas e desafios que atravessam a profissão e o que aprendemos com eles.

Lugares e territórios são estabelecidos quando nos projetamos em um coletivo. E a narrativa, nesse sentido, é via potente porque só existe de e para um contexto histórico-político. Narramos para alguém que nos lê e nos ouve com seus próprios olhos e ouvidos, também embebidos de lugares e territórios de fala. Assim, concebidas em um espaço coletivo e para um plural de recepções, as narrativas docentes (de professores experientes e em formação) são, também, emaranhados de tempos. Isso porque na textura da condição docente:

> aparecem "vários tempos dentro do tempo". Paradoxalmente, na experiência temporal, não raro se observa que o "tempo não dá tempo". Também não se deve esquecer que na condição docente se enredam as temporalidades dos ciclos de vida, que se combinam, se encontram e desencontram, na convivência entre as gerações humanas nos tempos cotidianos dos territórios escolares. Como dizia um professor, "a escola nos dá as novas gerações de presente" (TEIXEIRA; SARDINHA, 2007, p. 67-68).

Para além dos atravessamentos do tempo na condição docente exposta pelos autores, este e-book reúne narrativas em uma condição nova de tempo, em que ele parece ter parado ao mesmo tempo em que voou. Um tempo que já dura muito, mas que não foi suficiente para apreendermos tudo que nele experienciamos, até agora. Muito rapidamente, a tecnologia estabeleceu-se como ponte e, ao mesmo tempo, muro para o aprendizado e para as relações pedagógicas. Como veremos nas narrativas que compõem este e-book, a tecnologia acelerou as narrativas... e precipitou as conclusões, ao mesmo tempo que, de certa forma, afastou os ouvidos para apreciá-las.

Nesse contexto, para além de histórias entrecruzadas, as narrativas de professores, em formação e em (trans)formação, são necessárias por firmarem-se atos de resistência e existência, especialmente durante o período pandêmico. Isso porque alguns desses "vários tempos que invadem o tempo" dos professores estão presentes nas experiências narradas pelos autores e são, provavelmente, resultados de conflitos, reflexões e aprendizagens por eles experimentados.

Segundo Suárez,

> Os espaços, os tempos, os ritmos, os movimentos e as relações do mundo escolar, as vicissitudes e grandezas da experiência educativa [...] sempre foram objeto de histórias contadas e escritas por escritores, pedagogos, educadores e alunos. Muitas vezes, as tramas narrativas que eles propõem também se configuram em termos biográficos ou adotam formas autobiográficas de enunciação: as compreensões pedagógicas postas em

> jogo pelos sujeitos nas experiências formativas que habitam e transitam exigem uma história que dê conta da passagem de uma vida [...] (SUÁREZ, 2011, p. 12, tradução minha[1]).

Nem por isso se considera "tudo que se escreve ou fala" uma narrativa. Leda Maffioletti (2017, n.p.) ressalta que alguns textos, apesar de conterem descrições detalhadas sobre algo, não trazem personagens nem se comprometem com trama ou enredo, condições mínimas para um texto estruturado como narrativa.

Concordando com a autora, tenho entendido o termo "narrativa" como "um modo básico de pensar, de organizar o conhecimento e a realidade" (DOMINGO; BOLÍVAR; FERNANDEZ, 2001, p. 19, tradução minha[2]). No contexto acadêmico, verifiquei (ALMEIDA, 2019) que a narrativa tem sido explorada nas pesquisas do campo da Educação Musical, principalmente, a partir de três perspectivas: como campo de construção de sentidos e significados de experiências de vida para os sujeitos (discurso, estrutura, modos de conhecer, fenômeno a ser investigado – *um lugar*); como referencial teórico-metodológico que constitui a espinha dorsal que estrutura a organização da pesquisa (forma de construir

[1] No original: "Los espacios, los tiempos, los ritmos, los movimientos y las relaciones del mundo escolar, las vicisitudes y grandezas de la experiencia educativa [...] siempre fueron motivos de historias contadas y escritas por literatos, pedagogos, educadores y estudiantes. Muchas veces también las tramas narrativas que proponen se han configurado em términos biográficos, o han adoptado formas autobiográficas de enunciación: las compresiones pedagógicas puestas em juego por los sujetos em las experiencias formativas que habitan y transitan requieren de um relato que dé cuenta del transcurrir de una vida" (SUÁREZ, 2011, p. 12).

[2] No original: "un modo basico de pensamiento, de organizar el conocimiento y la realidad" (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 19).

sentido, plano conceitual – um território); e como material empírico para análise e investigação (organização do conhecimento e da realidade, plano epistemológico – um lugar-território) (ALMEIDA, 2019; ALMEIDA; LOURO, 2019, em itálico, acréscimos meus). Em termos metodológicos, encontramos compreensões da narrativa como modalidade de pesquisa, procedimento metodológico, fenômeno investigado e procedimento de análise, além do uso de narrativas como forma de relato (ibidem). Isso tudo desenha a complexidade, potência e pertinência das narrativas para o contexto educativo.

Complementando o pensamento, Lima, Geraldi e Geraldi (2015), ao estudarem o trabalho com narrativas no campo científico na área de educação, verificaram que os usos de narrativas na formação e na pesquisa em educação são diversos e identificaram quatro principais empregos: "1) a narrativa como construção de sentidos para um evento; 2) a narrativa (auto)biográfica; 3) a narrativa de experiências planejadas para serem pesquisas; 4) a narrativa de experiências do vivido, isto é, narrativas de experiências educativas" (p. 17).

O que parece ecoar em todas essas compreensões e esses empregos é sua inscrição em um coletivo, sua condição de existir para alguém que lê/ouve e de se constituir de histórias que foram atravessadas por outras histórias: de determinado momento histórico-político, fruto de uma cultura (sempre (des)encontrada de outras), cruzadas às histórias de nossas famílias e dos nossos lugares de pertença, em geral. Um deles, especialmente para o professor, é a escola. Por isso, a narrativa é,

> [...] às vezes, um suporte para a construção pessoal, às vezes um objeto público formatado e reificado; às vezes lugar de elaboração de experiência singular, às vezes lugar de conformação; às vezes um ato de resistência, às vezes um ato de lealdade, às vezes uma narrativa que faz um "sujeito" ganhar vida, às vezes uma narrativa que subjuga [...] (DELORY-MOMBERGER, 2018, p. 90).

Na ocasião deste *e-book*, foram escritas narrativas que documentam experiências selecionadas no âmbito de estágios curriculares supervisionados realizados durante a pandemia – de alunos estagiários, professores orientadores, coordenadores de estágio e professores supervisores, sem uma estrutura rígida quanto ao seu conteúdo ou forma de escrita. Esses autores, por meio de suas narrações e, depois, através da leitura das demais narrativas,

> [...] projetam suas expectativas, perguntas e preocupações; as escrevem, as compartilham e conversam sobre elas com outros colegas na linguagem da prática, com suas próprias palavras. Vêem-se nelas e através delas, também vêem os outros, os nomeiam e os caracterizam; examinam e discutem as certezas e as dúvidas que se edificaram e derrubaram ao longo dos seus afazeres cotidianos nas salas de aula. Registram que "estiveram ali", no mundo das práticas escolares, e a necessidade de narrar histórias para comunicar as experiências e os saberes que construíram em situação social, geográfica e, historicamente, localizadas. Ao contar suas histórias de ensino, os docentes autores

> descobrem sentidos pedagógicos parcialmente ocultos ou ignorados, questões pedagógicas não nomeadas ou nomeadas de forma pouco adequada [...] (SUÁREZ, 2008, p. 114).

De forma complementar, Oliveira (2011) reitera a função pedagógica da escrita ao envolver interpretação e produção e mobilizar conhecimentos teóricos e epistemológicos que possibilitam "ao sujeito da ação formativa assumir o papel de protagonista ao criar/produzir textos ao invés de apenas consumi-los" (p. 290). Mais do que isso, narrar é uma necessidade básica humana e, sobretudo, política, porque "essa verbalização e sua relação com a linguagem não são neutras, seu exercício é formador *em si mesmo.* Elas modulam a representação e permitem o pensamento [...]" (LANI-BAYLE, 2012, p. 59, grifos da autora).

Com isso, finalizo este breve capítulo retomando algumas considerações sobre narrativa:

- a narrativa já existe no cotidiano escolar: ele é um dos contextos que a fazem nascer e é para ele que as histórias contadas retornam;
- a narrativa inscreve-se em tempos e espaços diferentes e desvela lugares e territórios de falas, imersos de singulares-plurais próprios da docência;
- por meio da narrativa, vimos, no papel, a temporalidade do fazer docente sendo refletida em palavras;
- narrativas docentes, ao inscreverem posicionamentos, visões de si, entendimentos, ainda que passageiros, sobre o que vivem e compreensões sobre a própria docência, projetam-se como atos de resistência e existência, especialmente em tempos pandêmicos.

Com isso, se o amanhã, como nos disse Eduardo Galeano, é o "único lugar onde ontem e hoje se encontram, se reconhecem e se abraçam", a narrativa é, ao mesmo tempo, acalanto que embala esse abraço e possibilidade de busca por novos braços para esses tempos abraçar.

Referências

ALMEIDA, Jéssica. *Biografia músico-educativa:* produção de sentidos em meio à teia da vida. 2019. 368f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019a.

ALMEIDA, Jéssica de; LOURO, Ana Lúcia. Biografia músico-educativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Revista da Abem,* v. 27, n. 42, p. 94-112, 2019. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/article/view/806>. Acesso em: nov. 2021.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesus; FERNÁNDEZ, Manuel. *La investigación biográfico-narrativa en educación:* enfoque y metodologia. Madrid: La Muralla, 2001.

CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes. *Educação Unisinos,* v. 12, n. 3, p. 182-186, 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5324>. Acesso em: nov. 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Transformações e centralidade da narrativa de si na sociedade biográfica. In: ABRAHÃO, Maria Helena M. B.; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas (Orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica:* diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018, p. 83-94.

LANI-BAYLE, Martine. Narrativas de vida: motivos, limites e perspectivas. Traduzido por Albino Pozzer e Maria da Conceição Passeggi. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barretto (Org.). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica.* Natal: EDUFRN, 2012, p. 59-78.

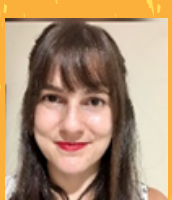
LIMA, Maria E. C. de Castro; GERALDI, Corinta Maria G.; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. *Educação em Revista,* Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/w7DhWzM5mB4mZWLB5hthLVS/?format=html&lang=pt>. Acesso em: fev. 2022.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. O que é narrativa em Educação Musical? In: XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME. 2017, Natal. *Anais* [...] Natal, n.p., 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Leda-Maffioletti/publication/330971877_O_que_e_narrativa_em_Educacao_Musical/links/5c5e1a3ea6fdccb608b27bc8/O-que-e-narrativa-em-Educacao-Musical.pdf>. Acesso em: jan. 2022.

SUÁREZ, Daniel H. A documentação narrativa de experiências pedagógicas como estratégia de pesquisa-ação-formação de docentes. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana M. N. (Orgs.). *Narrativas de formação e saberes biográficos.* Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2008, p. 104-121.

SUÁREZ, Daniel H. Narrativas, autobiografias y formación: una presentación y alguns comentarios. *Revista Educación y Pedagogia,* v. 23, n. 61, p. 11-22, 2011.

OIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. *R. Educ. Públ.* Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, 2011.

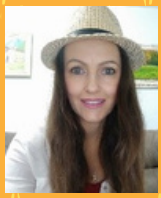


Jéssica de Almeida foi professora, coordenadora dos estágios supervisionados do curso de Licenciatura em Música e coordenadora institucional do Programa Residência Pedagógica na UFRR. Hoje é professora na UnB e continua trabalhando com estágios curriculares. Mãe de pet e de plantas. No período pandêmico aproveitou para olhar para si e cultivar uma relação mais saudável com seu corpo e sua mente. Tornou-se vegetariana estrita no processo.

COORDENADORAS

Risaelma Cordeiro é professora e coordenadora dos estágios do Curso de Música, Licenciatura da UFMA. Casada com um músico, aprecia o silêncio e gosta de viajar. No período da pandemia conseguiu fazer mais amizades com pessoas de outros estados, o que decerto não teria a oportunidade se fosse em outros momentos.

Luciana Hamond é carioca e professora dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música da UFMT. Acredita que a sua realização depende de um equilíbrio entre sua vida acadêmica e seus projetos artísticos pessoais, especialmente com suas composições para piano. A pandemia deixou claro o que mais importa na sua vida: família, amizades, natureza e música.



Andréia Veber é musicista e professora do Curso Superior de Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Defendeu seu doutorado no início da Pandemia, na sala de casa, calçando pantufas, com a família no sofá. O tempo de isolamento foi de redescobertas: do ser família, do ser professor, do ser artista. No campo acadêmico, dedica-se aos estudos sobre Educação Patrimonial e Educação Musical.

Teresa Mateiro é professora dos cursos de Licenciatura, Mestrado e Doutorado em Música e Mestrado Profissional em Artes da UDESC. Um de seus hobbies é ir ao cinema. Durante os dois anos de pandemia substituiu o cinema pela tela da televisão e assistiu a filmes, documentários e séries. Refletiu sobre o tempo e teve mais tempo para pensar. Mudou o visual, assumindo a cor natural de seus cabelos.

TEMPOS DE RESSIGNIFICAR A PRÁTICA DOCENTE NOS ESTÁGIOS DA LICENCIATURA EM MÚSICA

O ano de 2021 estava apenas começando, mas já trazia consigo inesperados desafios para a minha prática docente. No mês de fevereiro, haveria de concluir o curso de Doutorado em Educação: Currículo, pela PUC/SP, o qual dedicara quatro anos de minha vida em processo formativo desde o meu afastamento do curso de Música da UFMA. Com a defesa da minha tese, o retorno à universidade estava às portas. Reassumiria minhas funções como docente, embora não soubesse ao certo o que me esperava. O movimento de retorno causava-me a sensação de que embarcaria em outro mundo, por ora desconhecido.

Apesar das incertezas, passei a entender que se tratava de um movimento de readaptação. Com a drástica mudança ocasionada pelo cenário da pandemia, que apanhou de surpresa pessoas no mundo inteiro e profissionais das distintas áreas do conhecimento, adaptar-me à nova realidade foi um imperativo para manter vivo o compromisso com a formação dos licenciandos em Música. A situação emergente do isolamento social traria consigo outras possibilidades de explorar os recursos tecnológicos, a fim de atender às demandas educacionais. O inevitável aconteceria: o uso das tecnologias digitais associado aos processos educacionais ganharia força neste derradeiro tempo de ressignificar a minha prática. Mas como ficaria minha atuação profissional nos estágios remotos do curso de Música?

Tempo de reassumir a coordenação e a orientação dos estágios

No movimento de retorno remoto à UFMA, reassumi a coordenação e a orientação dos Estágios Supervisionados (obrigatório e não obrigatório) do curso de Licenciatura em Música. Recordo-me de que o coordenador da graduação fora solícito, reunindo-se comigo para desejar as boas-vindas e, principalmente, para apresentar algumas diretrizes quanto ao planejamento dos estágios – certamente na intenção de responder às demandas do segundo semestre letivo de 2020, interrompido por conta da pandemia. Embora tudo estivesse muito diferente, situei-me novamente naquele tempo que ansiosamente me aguardava para desvelá-lo. Foi um tempo de muitas descobertas: as reuniões presenciais outrora transformadas em encontros remotos síncronos; o espaço da sala de aula física, substituído pelo ambiente virtual; já os estagiários passaram a ser visualizados pelas janelas da tela do *notebook* ou do *smartphone*; e o tempo da aula presencial no ambiente virtual passara a durar o tempo necessário à aprendizagem.

Nessa dimensão, reporto-me a Carbonell (2016) em suas reflexões sobre a tensão existente entre o *cronos* e a filosofia do *kairós*. Em conformidade com o autor, realço a importância do movimento lento e sereno (do *kairós*) num processo educativo duradouro e perpassado por momentos de pausa, reflexão, criatividade, que valoriza a autonomia dos sujeitos; o que não significa um estado de relaxamento, que deixaria os alunos à mercê de suas próprias vontades, mas de experienciar ritmos equilibrados na perspectiva do tempo necessário a todo o processo de aprendizagem exitoso.

Rememorando a primeira reunião geral do estágio,

sublinho que foi marcada por muitas presenças e expectativas. Estávamos na plataforma do Google Meet e encontrava-me ali com estudantes das três modalidades de Estágios I, II e III, que correspondiam respectivamente às etapas da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio. Identifiquei naquele momento alguns daqueles que inclusive foram meus alunos em disciplinas lecionadas antes do afastamento para o doutorado. Após uma breve apresentação, deixei que falassem espontaneamente sobre o momento do estágio que estavam vivenciando, uma vez que precisaria ouvir suas vozes, dúvidas, angústias e o que esperavam com relação às próprias necessidades nesta etapa formativa.

Tratava-se de uma situação desafiadora: alguns discentes tinham iniciado os estágios, outros já os tinham concluído, e outros ainda nem mesmo tinham começado. Isso sem contar os casos que ainda aguardavam o devido encaminhamento sobre o aproveitamento ou as interrupções dos estágios. As dúvidas não encerravam no momento das falas, de modo que buscava atender aos estudantes orientando-os para além daquele primeiro encontro. Em sucessivas reuniões, fui percebendo aos poucos que precisava propiciar ao grupo um clima de motivação no qual pudessem estabelecer laços de confiança, colaboração e engajamento para que não se sentissem abandonados no percurso do estágio – mesmo porque o principal desejo de cada estagiário era o de encontrar seu lugar de atuação durante esse processo de formação em Música. Assim, o tempo de reassumir a coordenação e a orientação dos estágios foi acentuado pela revisão do meu papel de gestora no processo de encaminhamento dos casos desenhados, sobretudo considerando o contexto do ensino remoto emergencial.

Tempo de buscar novo sentido para os Estágios I e II

Naquele semestre letivo, segui em busca de uma escola de educação infantil e de ensino fundamental que pudesse atender às demandas do estágio trazendo um novo sentido para a vida dos estagiários. Deparei-me com uma professora responsável pela gestão de uma escola localizada no bairro Vila Embratel, a qual acabou por abrigar as demandas dos Estágios I e II. A gestora foi extremamente solícita ao propiciar a inserção dos estagiários em campo e salientou que se tratava da primeira vez que os alunos da escola teriam a oportunidade de ter aulas de música naquele estabelecimento educacional.

Desta forma, transcorreram os Estágios Supervisionados I e II, que acabaram demarcando dois semestres letivos (2020/2º e 2021/1º) com intensas atividades alinhadas à concepção da aprendizagem lenta e serena, porém focada no engajamento dos sujeitos e na construção de novos conhecimentos em música. Dentre as etapas vivenciadas entre mim, a gestora, as professoras da escola e os estagiários, constam: reuniões, planejamento de aulas, produção de videoaulas de música com postagem em canais do YouTube dos próprios licenciandos que assumiram o papel de professores de música nas turmas alocadas. No entanto, para facilitar o acesso às videoaulas, os *links* também eram compartilhados nos grupos do WhatsApp. Ao final do conteúdo desenvolvido em cada aula de música ministrada, os estagiários propunham um tipo de exercício para que os alunos pudessem realizá-lo.

Nesse tempo assíncrono, revelou-se a necessidade de sugerir conteúdos de música adaptados aos interesses de

aprendizagem dos alunos da escola. Por outro lado, emergiu inevitável resolução de alguns problemas relacionados à ausência de devolutiva das atividades programadas para as crianças da educação infantil – isso porque ainda não possuíam autonomia para realizá-las sem que os pais ou responsáveis as ajudassem. O *feedback* contínuo dos estagiários foi imprescindível para que juntos buscássemos estratégias que trouxessem novo sentido à proposta dos Estágios I e II. Sendo assim, fui impelida a ressignificar meu fazer pedagógico com intervenções que incentivassem a motivação dos licenciandos com práticas apoiadas na literatura da área para lidar com situações reais e desafiadoras do ensino remoto emergencial, junto às demandas da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental.

Tempo de valorizar as interações no Estágio III

Tendo chegado o momento do Estágio III, no segundo semestre do ano de 2021, a nova turma de estagiários que atuariam no ensino médio contou com a supervisão do professor de música de um dos Colégios de Aplicação de São Luís. Dessa vez, vivenciei uma experiência única com adolescentes nessa etapa da educação básica, que apontou para a reflexão do fazer musical que valorizasse as distintas possibilidades de interações entre os envolvidos. Tratou-se de um momento singular no qual pude observar e inclusive participar de aulas síncronas da disciplina de música, juntamente com os estagiários e o referido professor do Colégio.

Dentre as vozes que reclamavam o escondimento de alunos de alunos por detrás das câmeras, percebi a

necessidade de discutir sobre a incorporação de metodologias ativas em suas práticas pedagógico-musicais. Na ocasião, reuni-me com o grupo de estagiários para tratar da questão e aprofundar o assunto sobre alguns métodos que poderiam ser adaptados a tal situação, tais como: grupo de observação e verbalização, grupos de oposição, mural de notícias, *brainstorming* e sala de aula invertida (BERGMANN; SAMS, 2016; MASETTO, 2010).

O interessante é que conversava sempre com o professor de música que supervisionava os estagiários. Naquela situação, dissera-me dos seus planos sobre a prática da sala de aula invertida, além de outras estratégias vivenciadas que favoreceriam significativos momentos de interações entre os alunos e os estagiários. Em suma, nesse tempo os estagiários não só foram provocados a trabalhar de maneira criativa os conteúdos planejados, mas sobressaltou a ideia de fazer intervenções que incentivassem efetivas interações entre alunos, supervisor e estagiários.

Por fim, o tempo da descoberta

A propósito, o retorno ao exercício do magistério infundi-ra-me a ideia inicial de que o estágio, no contexto do ensino remoto emergencial, não aconteceria ou não funcionaria de alguma forma. Dilemas do tipo: encontrar escolas que acolhessem os estagiários, professores que colaborassem para o êxito da formação dos estudantes nesta etapa educacional, resolver pendências ou casos particulares de alguns dos discentes, orientar, observar, planejar aulas ou videoaulas de música, reger as turmas, enfim, exercer a prática em situações reais da profissão docente soava-me de modo impossível no limiar do ano de 2021.

Mas os caminhos foram abertos e deram prosseguimento ao tempo da principal descoberta de trazer novo sentido à minha prática docente, para responder às demandas dos Estágios em Música no contexto da pandemia. A mudança de conduta na gestão dos estágios, a parceria firmada com escolas que se mostravam abertas a oferecer os recursos disponíveis para dar novo significado ao processo formativo dos licenciandos, a readaptação de estratégias para incentivar as interações e a resolução de problemas derivados das limitações no uso das tecnologias digitais foram aspectos substanciais para refletir sobre a minha própria formação em serviço.

Entendi que o paradigma do estágio curricular tradicional também precisa ser repensado, sobretudo, em situações adversas nas quais fui provocada a rever meu papel de docente não experienciada na modalidade presencial do curso. Como coordenadora e orientadora dos estágios remotos, fica a sugestão da mudança de mentalidade e atitude. Enfim, mesmo com os percalços, foi possível realizá-lo de maneira exitosa.

Risaelma Cordeiro
Montes Claros-MG, fevereiro de 2022
(Tempo das férias!)

Referências

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. *Sala de aula invertida:* uma metodologia ativa de aprendizagem. Trad. Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

CARBONELL, Jaume. *Pedagogias do século XXI:* bases para a inovação educativa. 3. ed. Penso, 2016.

MASETTO, Marcos Tarciso. *O professor na hora da verdade:* a prática docente no ensino superior. São Paulo: Avercamp, 2010.

UMA EXPERIÊNCIA INTENSA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO MUSICAL: UM RELATO COMO COORDENADORA, DOCENTE E ORIENTADORA

O ano de 2022 se inicia, e eu faço uma retrospectiva da minha experiência como coordenadora, docente e orientadora de Estágio Supervisionado em Educação Musical do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *campus* Cuiabá. Meu relato parte de uma docente que exerce funções distintas e que, por serem realizadas pela mesma pessoa, esses papéis se confundem, se fundem, se ajudam e se complementam.

Antes de começar a explorar o contexto do estágio em música, considero de significativa importância relatar brevemente a minha trajetória na música, apresentando-me. Minha experiência com a música aconteceu com o piano. Fui musicalizada ao piano, me formei em Bacharelado em Piano e, depois, em Licenciatura em Música buscando preencher as lacunas pedagógicas deixadas pelo curso de bacharelado no final da década de 1990, pois já atuava profissionalmente como professora de piano. Tenho ministrado aulas de piano desde 1995, sejam elas particulares, sejam como parte de cursos em escolas de música. Minha trajetória acadêmica também tem sido voltada para as práticas interpretativas no mestrado e ao uso de tecnologia no ensino e aprendizagem ao piano no doutorado no exterior e no pós-doutorado na UDESC, assunto que mantenho interesse com projeto de pesquisa e grupo de pesquisa registrado no CNPq.

No final de 2020 fui nomeada e convocada para assumir o cargo de docente na área de atuação Educação Musical/Piano com foco no ensino de piano em grupo, atuação profissional que tanto almejava e força motriz para concluir o

doutorado. Assumi como docente do Departamento de Artes na Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* Cuiabá, em outubro de 2020, viajando no meio da pandemia, com aviões lotados e sem distanciamento no voo, numa época que ainda não havia vacinas no Brasil. Viajei morrendo de medo. Respirei fundo, encarnei uma mulher-maravilha, pensei positivo e fui. Na semana seguinte já estava dividindo uma disciplina com outro professor do departamento no modo remoto emergencial.

Do naufrágio ao resgate e acolhimento

As demandas do Departamento de Artes começaram efetivamente no início de 2021, quando fui solicitada para assumir tanto a disciplina de estágio supervisionado em educação musical quanto a coordenação de estágio. Ser a única docente envolvida no estágio e coordenadora me deixa bem confusa e numa posição desconfortável, pois um coordenador deveria trocar ideias com os coordenados, correto? Além disso, ser a única referência para os estudantes de estágio, sem ter identidade ou experiência como docente na disciplina, é de uma extrema responsabilidade; os estagiários se beneficiariam com mais docentes atuando no estágio com suas práticas pedagógicas únicas e individuais, contribuindo assim para uma formação docente com múltiplas visões e percepções da educação musical.

Ainda no final de 2020, eu assisti a uma apresentação (MATEIRO; CUNHA, 2020; MATEIRO; CUNHA, 2021) que me inspirou, no sentido de que é possível realizar um estágio on-line e ajudar os estudantes a continuarem seus cursos e não ficarem estagnados na espera que a condição ideal do estágio presencial voltasse. Duas ideias nortearam minha atuação

como docente no estágio: (1) eu não queria fazer da disciplina de estágio uma disciplina somente de leitura e discussão de textos acadêmicos referentes a estágios na modalidade presencial; (2) eu queria que os estudantes sentissem e abraçassem o estágio on-line porque era a nossa realidade no momento. Os professores de música das escolas da rede pública estavam trabalhando on-line! Essa era a nossa realidade, as mesmas realidades das aulas da UFMT: ensino remoto emergencial.

Neste cenário, eu me senti uma "náufraga" numa "ilha" chamada *Estágio*. Bom, só me restou usar as minhas habilidades interpessoais, ou chamadas *soft skills*, para me comunicar e pedir ajuda às pessoas certas. Então, eu pedi ajuda a quem eu mais respeito no assunto de Estágio em Música – Teresa Mateiro –, que tive oportunidade de conhecer e estabelecer algumas parcerias durante meu pós-doutorado na UDESC. A minha fumaça "S.O.S." chegou até ela – e me senti resgatada e acolhida. Na verdade, fui acolhida não só pela Teresa, mas também por um grupo de mulheres incríveis: as professoras Risaelma, Mônica, Jéssica e Nicole, que também participam deste *e-book*. E, por meio de encontros remotos quinzenais, criamos um espaço para discussões, trocas, desabafos, compartilhamento de ideias e soluções de problemas. Finalmente, encontrei um espaço de diálogo, com docentes que estavam lidando com o estágio na modalidade on-line e enfrentando os mesmos desafios que eu. Gratidão!

Bom, voltando o foco aqui... eu, pianista e professora de piano, estava ministrando, orientando e coordenando estágio, sem experiência prévia, numa instituição e cidade que eu não conhecia, onde eu não conhecia ninguém e ainda precisava superar esses obstáculos. A ajuda dos docentes mais antigos da casa foi (e tem sido) imprescindível; eles me passaram

alguns contatos, o que me ajudou bastante. Mas e o resto? Os desafios da área de estágio eram muito maiores do que a questão do ensino remoto emergencial; esse eu tirei de letra. Eu já me sentia adaptada ao ensino on-line, que vivencio desde 2020. Minha experiência como professora de teclado e piano da Escola de Música Baden Powell da Fundação de Apoio a Escola Técnica do Rio de Janeiro (FAETEC-RJ) em 2020 me preparou para o ano seguinte (2021). Então, continuei o uso da plataforma Zoom para as aulas síncronas; do Telegram para me comunicar com os estudantes no modo assíncrono; desenvolvi habilidades de gravação e postagem de vídeos no meu canal do YouTube; e me senti motivada a melhorar minhas habilidades de ensino on-line cada vez mais.

Coordenando a disciplina

Atualmente o curso de Licenciatura em Música tem dois Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) de Licenciatura em Música: o antigo (2009) e o novo (2019). Em ambos os PPCs, a principal diferença é que no PPC antigo o estágio é disciplina, sendo ministrado em turma e organizado alfabeticamente (A, B, C e D), enquanto o PPC novo conta como orientação individual e é organizado numericamente (I, II, III, IV). A carga horária de estágio é pesada para os estudantes, principalmente aqueles que trabalham, e fica em torno de 90 e 120 horas para os dois PPCs. Dada a minha tripla atuação – professora da disciplina, orientadora e coordenadora –, o meu objetivo maior foi o de atender os estudantes nesta nova jornada da melhor forma possível, deixando claro para eles que essa jornada também era nova para mim. A palavra condutora do estágio on-line foi FLEXIBILIDADE. Busquei ser flexível, com aval do colegiado de curso e de departamento,

principalmente em relação à carga horária do estágio.

O ano de 2021 incluiu os anos acadêmicos de 2020.1, 2020.2 e metade de 2021.1. Como coordenadora, entrei em contato com diretoras, coordenadoras e professoras de escolas da rede pública de Cuiabá (MT), como a Escola Estadual Souza Bandeira, e de outros estados, como ocorreu no caso do Instituto Federal Catarinense (IFC), *campus* Sombrio, em Santa Catarina, para atender os estudantes de estágio A e estágio C, respectivamente. No estágio B (turma) e no estágio I (orientação), entrei em contato com vários coordenadores de projetos sociais, inclusive de projetos da própria universidade. Apesar de eu idealizar um estágio para os estudantes em projetos que os estudantes não conhecessem, para que eles pudessem ter uma experiência completamente nova, isso foi uma tarefa impossível.

Entrei em contato com coordenadoras pedagógicas de dois projetos sociais conhecidos, o Instituto Ciranda e o Instituto Desportivo da Criança (IDC), com os quais foram estabelecidas parcerias para a realização dos estágios e acolheram os estudantes, realizando um novo convênio com o segundo. O primeiro local ofereceu aulas de musicalização infantil e aulas de percussão via plataforma Google Meet, e o segundo ofereceu aulas de musicalização infantil via WhatsApp em tempo síncrono. Em outubro de 2021, comecei a o Estágio C e a orientar o Estágio II no contexto de ensino médio. Como coordenadora, promovi um encontro remoto para que professores de quatro *campi* de institutos federais de Mato Grosso se apresentassem e comentassem sobre o ensino de arte/música nos IFs. O encontro foi produtivo não só para conhecer a realidade dos IFs, mas também para os professores se encontrarem virtualmente e trocarem experiências, estreitando laços entre os professores dos

diferentes *campi* e estabelecendo a parceria entre a UFMT e os IFMTs.

Além disso, um dos papéis do coordenador de estágio da UFMT é organizar o SEPEM (Seminário de Práticas de Ensino de Música), que tem como objetivo a publicação e a apresentação de relatos de experiência de estudantes da disciplina de estágio e outros relatos na área de educação musical:

> Organizado pelo Curso de Licenciatura em Música da UFMT, **o Sepem** é um evento para divulgar e discutir as diferentes experiências educativo-musicais na UFMT, no Mato Grosso e no Brasil. Os trabalhos são publicados em anais e divulgados virtualmente. (SEPEM, on-line).

Confesso que foi desafiador pensar em organizar um evento on-line. No entanto, o SEPEM aconteceu em parceria com o PesqMus – os Seminários de Pesquisa em Música –, organizado pelo Grupo de Pesquisa Música e Educação, liderado pelos professores do departamento – Prof.ª Tais Helena Palhares e Prof. Leonardo Borne – e com a participação de todos os orientandos e membros do grupo de pesquisa. Realmente fazer parte de um time faz toda a diferença. Nesse sentido, me senti fazendo parte de um todo, contribuindo com o meu melhor, estabelecendo parcerias para que os estudantes de licenciatura tivessem acesso aos conhecimentos compartilhados por elas no evento.

Orientando estudantes de estágio

Como docente/orientadora de estágio, procurei orientar os estudantes a buscarem temas e conteúdos que eles

tivessem domínio ou uma maior identificação para que pudessem se sentir mais seguros ao planejar e ministrar as aulas de música. Ao revisitar o texto "Práticas Surpreendentes" (FINK-JENSEN, 2017), deparei-me com o seguinte cenário: por um lado, a ideia de formar um professor pesquisador de sua prática pedagógica se alinhava com meu pensamento como orientadora; por outro lado, a ideia de buscar soluções para as surpresas (desafios ou problemas) observadas nas aulas de música fora de nossas experiências vinha em desencontro com minha conduta de orientação. Aí bateu uma crise da minha própria prática pedagógica como docente na área de estágio em educação musical! Somente depois de algumas reflexões é que eu pude compreender que o princípio das práticas surpreendentes não é uma prática fácil, evidente ou recorrente de ser realizada, mas pode nortear a prática pedagógica como exercício diário de inovação e evitar a reprodução de modelos pedagógicos vivenciados, ao mesmo tempo sem negar ou excluir a experiência prévia adquirida.

O meu pensamento é o de que é por meio de nossa experiência que nos relacionamos com o mundo e que interagimos com a realidade, que fazemos associações entre a realidade e nossas experiências prévias e, juntamente com nossas trajetórias de vida, formamos a nossa identidade. Não podemos ignorar nossa experiência, nossa identidade e nossos conhecimentos prévios na situação presente. Só assim, depois de refletir sobre a importância da minha experiência prévia como professora de piano atuando no estágio em música, pude ser mais gentil comigo mesma e aceitar o aprendizado que vivenciei (ou tenho vivenciado) como coordenadora, docente e orientadora, buscando soluções baseadas na minha experiência e em conhecimentos e ainda

buscando me aperfeiçoar, aprender trilhando caminhos novos e ouvindo estudantes e professores supervisores.

Tudo isso acontece para que eu possa orientar os estagiários. Esses, sim, estão fazendo a ponte entre a universidade e os vários contextos de estágio, principalmente as escolas de rede pública, trazendo a realidade da educação básica para a universidade por meio de seus relatos e se construindo como educadores musicais por meio de suas práticas pedagógicas.

Para finalizar, um dos desafios do estágio no ano de 2021 foi a sincronia (ou assincronia) dos calendários das escolas e/ou dos projetos sociais com o calendário acadêmico da UFMT. O outro desafio foi o cumprimento da carga horária de estágio, que teve de ser flexibilizada ao extremo para atender aos calendários de aulas na UFMT e nas instituições conveniadas e para compreender as demandas pessoais, de saúde e de trabalho que todos estavam passando em relação ao momento de distanciamento social. É necessário destacar que uma das vantagens do estágio on-line é a aproximação de servidores e profissionais da educação, que podem promover parcerias entre instituições de diferentes estados ou localidades distantes, enriquecendo tanto as experiências dos alunos e das suas professoras supervisoras da educação básica quanto as dos estudantes, os estagiários do curso de licenciatura. Outra vantagem foi notar como o ser humano pode ser criativo e inovador, principalmente quando o seu meio lhe apresenta desafios aparentemente intransponíveis.

Luciana Hamond

Rio de Janeiro-RJ, janeiro de 2022

Referências

FINK-JENSEN, Kirsten. Práticas surpreendentes: uma estratégia de ensino na formação do professor de música. Trad. de Ana Ester Correia Madeira e Teresa Mateiro. *Orfeu*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 200-219, 2017. DOI: 10.5965/2525530402022017200. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/105965252553040202201720 0. Acesso em: 28 jan. 2022.

LACERDA, José Augusto Duarte; FERNANDES, José Fortunato; PALHARES, Taís Helena; FRAGA, Vinícius de Sousa; CAMPOS, Gabriel Rodrigues. Projeto Pedagógico de Curso de Graduação: Música (Licenciatura). Cuiabá: Ministério da Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2019.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Estágios curriculares supervisionados em música: uma aventura incerta. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2020. *Anais* [...]. [S. l.]: ABEM, 2020. p. 1-13.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Escola para além do digital: reflexões sobre os estágios na formação docente em música. *Revista da Abem*, v. 29, p. 161-177, 2021.

PROJETO Pedagógico de Curso de Graduação: Música (Licenciatura). Cuiabá: Ministério da Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Coordenação de Ensino De Música, 2009.

SEPEM – SEMINÁRIO DE PRÁTICAS DE ENSINO. Disponível em: https://ufmt.br/curso/musica/pagina/seminario-de-praticas-de-ensino-em-musica/3837.

TRAJETÓRIAS DE UM ESTÁGIO EM MÚSICA: FORMAR E FORMAR-SE EM TEMPOS DE PANDEMIA

A missão de conduzir a equipe de estágios em Música em meio à pandemia e a necessidade de isolamento que vivemos nos últimos tempos levaram-me a refletir sobre minha trajetória como professora de Música. Dei-me conta de que essa caminhada acaba de fazer aniversário: o tempo parece mesmo voar, já se foram 10 anos nessa jornada como professora universitária. O que me trouxe até aqui? Meu desejo de estar nesse espaço que permite ver a profissão docente desabrochando. Isso é mágico! Em todo esse tempo, porém, a experiência vivida durante a pandemia – e na função de coordenadora de estágios – foi algo inimaginável. Uma mescla de sentimentos tomou conta de mim. Uns bons, outros nem tanto, mas todos importantes na composição que leva a cabo o que muito se diz por aí, que é em meio às dificuldades que surgem os maiores aprendizados e o crescimento. E foi assim que aconteceu. Em meio aos medos do incerto, às dúvidas sobre as escolhas a serem feitas, estava a insegurança de trilhar os caminhos escolhidos, mas também o desejo de acertar e o sentimento de alegria por estar em meio a pessoas que queriam o mesmo: fazer acontecer.

Transitando, algumas vezes, por lugares jamais percorridos, mal sabia eu que essa seria a experiência mais desafiadora de toda a minha vida docente. Quando assumi a posição de coordenadora de estágios do curso de Licenciatura em Música pela primeira vez, estávamos em meio ao avanço mais intenso da Covid-19, que impediu o retorno às atividades presenciais. Nosso curso é pequeno. Mesmo em "tempos normais", poucos estudantes passariam pela experiência do estágio durante os anos de 2020 e 2021. A necessidade de

seguir em isolamento fez esse número reduzir ainda mais. Ao todo, eu tinha sob a minha coordenação 12 estudantes.

Um novo impasse nos cercava: de um lado, a pressão institucional para que esses estudantes se mantivessem no curso e dessem sequência aos seus estágios; de outro, estudantes fragilizados, psicologicamente abalados e já exaustos com a rotina de aulas em modo remoto. Acrescentavam-se a isso a incerteza do futuro das atividades presenciais e o fato de as escolas e a própria universidade estarem funcionando apenas em modo remoto emergencial. Eu tinha à minha frente o desafio de tomar as decisões certas e liderar nossa equipe na tarefa de organizar os estágios de maneira a considerar todos os fatores complexos envolvidos sem deixar que ninguém saísse prejudicado. A saída: negociar com sensibilidade e empatia. Diante de tudo que estávamos vivendo, eu sentia que a realização dos estágios por parte dos estudantes não poderia ser algo imposto por uma burocracia da instituição. Tínhamos que ser mais do que isso! Tínhamos que ser a humanidade que sempre pregamos em nossas aulas. Tínhamos que mostrar a empatia que sempre ensinamos que devemos ter quando se é professor. Tínhamos de tratar cada especificidade com o carinho e o respeito que a situação pedia.

E foi por esse caminho, com muito cuidado e num processo de construção coletiva, que conseguimos engajar os estudantes a realizar parte de suas práticas de estágio obrigatório. Por que eu digo somente “parte dos estágios”? Preciso contar como são organizados os estágios no curso de licenciatura na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Os estágios na UEM

Os estágios seguem um sistema seriado com dois modelos de trabalho: Estágio Escola, na terceira série, e Estágio Comunidade, na quarta série. Durante o período de aulas on-line, os estágios desenvolvidos na UEM se concentraram na realização do Estágio Comunidade, que se deu por meio da oferta de cursos on-line integrados a um programa de formação de professores e de apoio à educação básica. Não estaríamos diretamente na escola, mas estaríamos em contato direto com aqueles que estavam lá, fazendo a escola acontecer da forma como era possível. Essas pessoas também tinham muito para contar sobre a escola de antes e a de agora, durante a pandemia, além, claro, do que esperavam para o "pós-pandemia".

De início, os estudantes relutaram diante da ideia, mas logo perceberam que aquela seria também uma grande oportunidade de formação, apesar do medo e da insegurança provocados pela situação. E foi assim que aconteceu. Realizamos cinco cursos, atendendo aproximadamente 300 professores de todo o Paraná, especialmente da cidade de Maringá – onde está localizado o campus-sede da UEM – e de Sarandi, cidade vizinha a Maringá, sempre parceira nos projetos desenvolvidos pela universidade. Sim, isso mesmo, tivemos 300 professores participando de formações voltadas para o pensar o espaço da música em suas vidas, em suas histórias e, claro, em sua formação. Esse olhar humanizado para o professor como ser imerso em sua cultura – e por que não dizer em "suas culturas"? – permitiu não somente o estabelecimento de laços humanos, mas também o despertar para sentimentos de ligação e pertencimento em relação à música.

Em conversas durante os cursos e em momentos de reflexão realizados ao final de todo o trabalho, ficou registrado o quanto, para muitos dos participantes, o fazer música, que antes era visto como algo distante, passou a ser entendido como parte de suas vidas. Aos poucos, o estereótipo que dita que a "música é para quem nasce com dom, para quem tem talento", foi se quebrando. Construímos ali, com aqueles grupos, um sentido de pertencimento em relação à música, de diferentes formas, como algo que passara a ser parte da vida pessoal e profissional de cada um, não mais apenas como uma "ferramenta pedagógica para ensinar algo", mas também como um elemento cultural importante para a formação humana. Era a música, o fazer musical adentrando na vida dessas pessoas, em suas histórias, trajetórias e relações familiares. Isso foi encantador e fez florescer em nossos estudantes um desejo ainda maior de estar na escola e de vivenciar bem de perto o ser professor de música.

A curiosidade por aquele espaço foi aguçada. Além disso, o carinho recebido dos professores-estudantes, o respeito, a confiança e a admiração permitiram que os estagiários-estudantes saíssem desse processo de ser formador e estar se formando mais seguros, mais confiantes e, de certa forma, mais conectados com sua profissão e com as responsabilidades que ela carrega. E como estava eu em meio a isso tudo? Bem, estava à frente de uma equipe, prestes a colocar os estudantes diante de grupos de professores com vasta experiência de sala de aula para, de forma ou outra, ensinar música. Isso gerou em mim um estado de incertezas, medo e preocupação com relação aos caminhos escolhidos. No entanto, aos poucos, a insegurança e o medo deram lugar à confiança, fortalecida pelo engajamento e pelo desejo visível de todos em fazer dar certo.

Formar e formar-se: o que, por fim, construímos?

Percebi que se tratara de uma experiência ímpar, uma ocasião que abrira portas para a oportunidade de experimentar algo antes jamais feito, visto, vivenciado. Eu tinha ao meu lado uma equipe disposta e disponível, que, junto comigo, se fez presente em cada momento das práticas de estágios, em cada encontro. Jamais deixamos os estudantes sozinhos; em todas as aulas, cada orientador esteve em sala on-line com seus orientandos. O estagiário era o responsável pelas aulas, por toda a parte organizacional e pedagógica, mas sempre amparado, sob os olhares e o cuidado da equipe de orientadores e da coordenação de estágios.

Ao fim da experiência, as falas retratavam que o medo, a insegurança e as incertezas que dominavam no início foram se diluindo e dando lugar à maturidade docente, que começava ali a desabrochar de forma bela e sólida. Estando na coordenação pela primeira vez, foi uma decisão difícil apoiar os estudantes na escolha de não realizar os Estágios Escola, mesmo que de maneira on-line. Mas o caminho escolhido e a forma como atuamos como equipe – coordenadora, professores orientadores, e estudantes – nos permitiram chegar ao final e dizer: "deu certo, valeu a pena cada insegurança vivida". Isto porque os objetivos maiores foram alcançados, isto é, formar professores que sejam conscientes dos significados de sua docência, que tenham amor pelo ensino, que entendam a escola e qualquer outra experiência de formação em música como seu lugar de atuação e que olhem para o outro com respeito, humanidade e empatia.

A missão ainda não acabou, cada escolha tem sua consequência e impõe tomada de decisões que neste

momento precisam ser pontuais e assertivas. A minha, como coordenadora de estágios, tem sido a de estabelecer parcerias sólidas com secretarias, buscando experiências de estágios que, nesta fase de retomada ao presencial, permitam que os estudantes vivam experiências que os façam se apaixonar pela docência, pela escola, sempre com o desejo de cumprir o objetivo que me trouxe até aqui, como eu contava antes: ser parte do desabrochar da profissão docente em nossos estudantes da forma mais significativa, natural e mantendo a beleza e a poesia que o ser professor congrega.

Andréia Veber
Maringá-PR, janeiro de 2022

ESTÁGIOS EM MÚSICA: MOMENTOS DE UMA HISTÓRIA

Quero registrar aqui breves momentos de uma história: da minha história como professora de estágios e, especificamente, como coordenadora dos estágios do curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), durante os anos de 2020 e 2021. Trabalho com essa disciplina deste 1997, quando ingressei como professora permanente. Como coordenadora, já perdi as contas de quantos anos estive e estou nessa função. A minha tese de doutorado, defendida há 20 anos, foi nessa área; desde então, desenvolvo atividades de ensino, pesquisa e extensão a partir de três linhas de estudo: formação acadêmico-profissional em música, professores e contextos de trabalho, e estudos autobiográficos em educação musical.

Esta atividade narrativa a que me proponho implica uma "forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação" (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 525), que estou tendo durante o período em que o Brasil atravessa um *pot-pourri* de crises, desde a sanitária à econômica. Refiro-me ao cenário do combate ao vírus SARS-CoV-2, composto pelo isolamento, pelo uso de máscaras e álcool em gel, pela negação da vacina, pela valorização da ciência, pela defesa das instituições democráticas, pelo trabalho remoto emergencial, pelo desemprego, pela corrupção, pelas filas nos hospitais, pela falta de insumos, pela morte, pela greve de professores em defesa da vida.

Quando a universidade anunciou a suspensão das atividades acadêmicas, lembro que fiquei sem saber o que fazer, pois no dia seguinte eu teria aulas. Se, por um lado, fui tomada por sentimentos de incerteza, indecisão, insegurança, medo e receios, por outro, fui surpreendida por voltar a

desfrutar de um tempo que há muito não tinha. Organizei a minha rotina com atividades pessoais e profissionais em espaços-tempos singulares, mas não sabia até quando duraria. E lá se vão 22 meses. O tempo vivido não se parecia mais ao tempo dos relógios, à correria do dia a dia, ao tempo gasto no trânsito. Jönsson (2004, p. 31) esclarece que "o tempo vivido é, de fato, tão verdadeiro quanto o tempo dos relógios mecânicos/atômicos – o que há apenas é que esses tempos são verdadeiros em dimensões diferentes".

Neste momento, para compreender o presente, talvez eu possa pensar em dimensões – metodológica, ontológica, histórica, afetiva, tecnológica – que possam levar às diferentes formas de experienciar o tempo, incluindo também o tempo virtual. A preocupação metodológica não são as aulas on-line, pois me aproprio da formação e experiência que tive como professora no curso de Licenciatura em Música a distância da UnB, durante os anos de 2009 e 2012. Desse modo, lancei mão de características da EaD ao estruturar o material das disciplinas com as ferramentas assíncronas oferecidas pelo *moodle* e à semelhança do ensino presencial, dou aulas, participo de *lives* e coordeno reuniões utilizando a plataforma Zoom. Por fim, quero salientar a dificuldade de realização de atividades práticas musicais no ambiente on-line, uma vez que as plataformas apresentam problemas de latência, fidelidade sonora e sincronização, como também foi relatado por Barros (2020).

Como coordenadora e professora dos estágios curriculares supervisionados em música, estava inquieta, logo no início da pandemia. Os dias se passavam e não havia, sobre os estágios, uma posição do Ministério da Educação, das Secretarias Estadual e Municipal e da Pró-Reitoria de Ensino da UDESC. Os estágios do curso a distância da UnB não eram um

modelo a seguir, pois os estudantes iam às escolas, filmavam suas aulas e as enviavam para os professores orientadores. As escolas agora estavam fechadas, e eu, inspirada na webconferência proferida por António Nóvoa (WEBCONFERÊNCIA..., 2020) 🎥 , me perguntava: como é possível formar um professor de música ou de qualquer outra área sem a dimensão da escola?

É na escola que nos tornamos profissionais da educação. É nesse contexto que se origina a construção de um conhecimento profissional docente. Especificamente, é durante o estágio curricular que acontece a transposição dos conhecimentos musicais e pedagógicos – teóricos ou práticos, em conhecimento pedagógico de conteúdo, conforme denominado por Shulman (1987). Com isso em mente e trocando ideias com colegas de outras universidades, resolvi que defenderia a possibilidade da continuação dos estágios curriculares supervisionados na modalidade do ensino remoto emergencial.

Abro um parêntese para esclarecer que, ao ler o artigo de Charles Hodges e colaboradores publicado em março de 2020, me convenci de que, entre tantas outras nomenclaturas, como ensino híbrido, ensino on-line, ensino remoto, aprendizagem móvel, aprendizagem on-line, definidas cuidadosamente por pesquisadores em tecnologia educacional, considerei o termo ensino remoto emergencial como o mais apropriado. Primeiro, porque não foi algo planejado desde o início para o ambiente on-line, foi uma adaptação às pressas, temporária e alternativa de processos educativos presenciais aos meios digitais. Segundo, foi uma solução de ensino totalmente remota, posteriormente, híbrida para algumas instituições educacionais que, no momento, já voltaram ao presencial. Fecha parêntese.

Conversei com os estagiários, que já haviam iniciado o semestre em 2020, e a maioria expressou que era difícil imaginar como o estágio poderia ser feito desse modo. Se era essa a forma que nós, professores, tanto do ensino superior quanto da educação básica, estávamos sendo orientados a prosseguir com as atividades de ensino, por que os estagiários não poderiam fazer o mesmo? Simultaneamente sentia que, como educadora, não poderia abandonar os estudantes, como se nada estivesse acontecendo. Queria saber como estavam, o que estavam fazendo e o que pensavam sobre a situação atípica que em que nos encontrávamos. Nesse momento, dei-me conta de que pensava na educação como acolhida, e não, simplesmente, como um processo de quem ensina alguém que aprende. Voltei a ler os livros de Paulo Freire, iniciando por *A Pedagogia da Esperança.*

Fui confrontada com a "incerteza do real", parafraseando Morin (2000), e, como em outro momento refleti com minha colega, a professora Sandra Mara da Cunha (MATEIRO; CUNHA, 2020), era necessário apostar e arriscar um caminho, como o de propor e acompanhar as atividades que seriam desenvolvidas pelos licenciandos juntamente com os professores de música que trabalham em escolas públicas de educação básica. Quase não havia a opção por estágios não presenciais em outros contextos, como igrejas, escolas de samba, escolas livres de música, pois a grande maioria havia suspendido suas atividades.

A parceria entre instituições de ensino rompeu as barreiras territoriais, e, excepcionalmente, os estagiários começaram a ser supervisionados por professores de música de Institutos Federais no interior dos estados do Acre e Santa Catarina, em duas escolas estaduais no interior do Paraná e outras escolas municipais na cidade de Florianópolis. A cada semestre, em

conjunto com a equipe de estágio do Departamento deMúsica, buscamos novos campos de atuação, entrando em contato com egressos e colegas de vários estados, que nos informavam de que modo as aulas de música estavam sendo levadas a cabo.

A instabilidade do momento era e continua sendo enorme. As mudanças, consequentemente, têm sido frequentes nos processos organizacionais e pedagógicos dos estágios: uma escola voltou às atividades presenciais, outra optou pelo ensino híbrido e uma terceira continua na modalidade do ensino remoto emergencial. As dificuldades relatadas pelos estudantes em formação docente também merecem destaque: como os alunos não interagem via tela, não se sabe que relação está sendo construída; o ensino híbrido é inconstante, porque pode acontecer de não haver alunos presencialmente na sala de aula; os problemas de conexão com a internet e com o áudio são frequentes; o planejamento é volúvel, sendo alterado incessantemente, muito mais do que quando as aulas eram presenciais.

Boa parte dos licenciandos realizou os quatro semestres de estágio on-line, e as razões foram diversas: uns já davam aulas de música em escolas antes da pandemia e justificaram que já têm essa experiência; outros, mesmo sem a experiência no mundo do trabalho, priorizaram terminar o curso de graduação; alguns consideraram ser mais fácil fazer o estágio na frente da tela do computador, estando conscientes de que poderão, mais tarde, sentir falta dessa experiência profissional orientada e supervisionada. Como coordenadora e professora, conversei com os estudantes sobre todas essas opções e mantive a concepção de que um professor se faz na escola, de que a educação se dá pelas relações humanas e de que o que estamos vivendo é uma excepcionalidade.

Procurei, por meio das minhas palavras, representar a realidade deste momento que muito possivelmente será inesquecível, tendo certeza de que este relato e a reflexão que ora faço são inerentes aos processos constitutivos da minha subjetividade, contrariamente aos modelos matemáticos, que representariam essa mesma realidade de outra forma. Portanto, como afirma Delory-Momberger (2012), temporalidade e historialidade são próprias à existência singular.

Teresa Mateiro
Florianópolis-SC, janeiro de 2022

Referências

BARROS, Matheus H. da Fonsêca. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino remoto emergencial de música. R*evista Ouvirouver,* v. 16, n. 1, p. 292-304, 2020. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/55878. Acesso em: 10 jul. 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 21 ago. 2021.

HODGES, Charles et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. *EDUCAUSE Review*, 27 Mar. 2020. Disponível em: https://er.educause.edu/articles/2020/3/thedifference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn7. Acesso em: 10 jun. 2020.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra M. Escola para além do digital: reflexões sobre os estágios na formação docente em música. *Revista da ABEM*, v. 29, 2021. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1023. Acesso em: 10 dez. 2021.

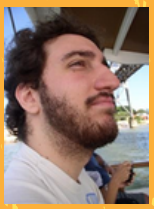
SHULMAN, Lee. Knowledge and teaching: Foundations of the new reform. *Havard Educational Review,* v. 57, p. 1-22, 1987.

WEBCONFERÊNCIA Prof. António Nóvoa. Formação de professores em tempo de pandemia. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (63 min). Publicado pelo canal Instituto iungo. Disponível em: https://www.youtube.com/c/Institutoiungo/video. Acesso em: 3 set. 2021.

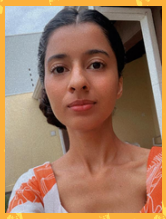
ESTAGIÁRIAS E ESTAGIÁRIOS

Vinícius Manhães Andrade é natural de Florianópolis (SC) e licenciado em Música pela UDESC. Já atuou como educador social e, atualmente, é instrutor das atividades de música do SESC, unidade Ingleses, em Florianópolis. Aspirante da psicanálise, apaixonado pela boniteza da pedagogia da pergunta e esperançador da construção de um mundo das pessoas, pelas pessoas e para as pessoas.

Júlia Darela é professora de música, acadêmica do curso de Licenciatura em Música, cantora, baixista, atriz e geógrafa de formação (o diploma está bonito no armário). É tutora das cachorrinhas Filó e Teodora e do gato Joey, e conseguiu passar o isolamento social da pandemia sem aprender a fazer pão de fermentação natural.

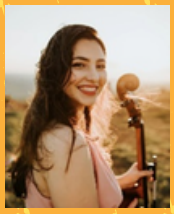


Felipe Damato de Lacerda é graduado em bacharelado e licenciatura em música, além de especialista e mestre em educação musical pela UDESC. Tem experiência como professor autônomo de música, nas áreas de canto, canto coral e violão. Foi professor do curso de Licenciatura em Música da FURB (2016-2017) e, atualmente, é professor no ensino médio em escolas da rede estadual de Santa Catarina. Sobreviveu ao isolamento social com três cachorros, cinco gatos, um bebê e a esposa.



Queila Guimarães, do signo de aquário e temperamento melancólico, é paulista, casada e mãe da Débora. Cursa Licenciatura em Música na UFMT e trabalha na Academia de Música Maurice Ravel, de sua família. Com a pandemia aprendeu a desacelerar a sua rotina e a viver um dia de cada vez.

Bárbara Sales de Holanda é Cearense com metade do coração Matogrossense. É professora de música e violoncelista que ama o que faz. Seu violoncelo tem até um nome: Antonio Gandal. Antonio em homenagem a Antonio Stradvari e Gandalf em homenagem ao maior mago de todos os tempos. Além disso, Bárbara é falante, alegre e adora doces.



Maria Clara Silva Dias é estudante de Música - Licenciatura em Educação Musical, na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Durante a pandemia tornou-se acumuladora de saudade. E saudade até mesmo das coisas que ainda não tinha vivido. Por outro lado, aproveitou imensamente os domingos com sua família, acompanhados do rotineiro "carteado" de buraco, café, chás e licor de jabuticaba.

Guilherme Mota Godinho é licenciado do curso de Licenciatura em Música pela UFMA. Também é músico e faz o “famoso” voz e violão pela noite da ilha maranhense. No isolamento, assistiu muitos filmes e séries e buscou se aprofundar mais no universo da literatura em geral, a fim de desenvolver a razão ideológica.

SOBRE AS PRESENÇAS AUSENTES DO MUNDO REMOTO

Nos quatro semestres em que fiz os estágios, atuei em quatro campos, com dois orientadores e três colegas diferentes – todos de maneira remota, sendo o último e o final do terceiro em modo híbrido. Nessa situação, vieram-me diversos questionamentos que ainda carrego comigo: quando nós, educadores, estamos em ambiente virtual, o que sobra do lugar real? Quais são os objetivos agora? Os "produtos finais" podem ser comparados ao original em alguma medida? Mas e os processos? A ideia de se fazer música em conjunto, com instrumentos, sonoridades e formações que surgiram muito antes dos computadores, se mantém de que forma neste contexto? O que é fazer música em um mundo remoto?

Dos três primeiros campos de atuação

No primeiro semestre, iniciado em junho de 2020, atuei em um campo da comunidade, na Escola de Música Reduzino Romão de Faria, em Biguaçu, uma escola de música mantida pela prefeitura da cidade, voltada à comunidade. A escola já estava há algum tempo realizando vídeos-mosaico e videoaulas para se manter presente no cotidiano da cidade e para garantir seu financiamento e a remuneração de seus colaboradores. A atuação nesse campo foi meramente simbólica, afinal estávamos todos ainda tentando compreender o que era possível e o que fazia sentido nessa realidade. Exerci, junto ao meu parceiro de estágio, a função de elaborar materiais audiovisuais com o intuito de auxiliar os participantes nas gravações para os vídeos-mosaico, mas não havia condições naquele momento para que eu pudesse ter qualquer devolutiva sobre o que realizei. Foi o máximo que aconteceu

Já no segundo semestre, atuei no IFC, *campus* de Sombrio, em Santa Catarina. O clima era de aceitação de que seriam atuações severamente limitadas pelas tecnicalidades, encharcadas de um sentimento de imaginar o que poderia ter sido e de reflexões que buscavam determinar de alguma maneira o que poderia/deveria ser.

Os fatos imutáveis eram que todas as interações aconteceriam virtualmente, com pessoas que não conhecíamos, cujos rostos muito provavelmente nunca veríamos e cujas vozes talvez nunca ouvíssemos. As perguntas que não calam continuavam: como ensinar música? Qual música? Ensinar remotamente para depois viver um mundo não remoto? E se daqui para a frente o mundo se tornar, de fato, "remoto"? E faz sentido ensinar remotamente algo que de remoto nunca teve nada, cuja existência está intrinsecamente ligada ao coletivo e às relações presenciais?

Já era esperado um baixo número de participações por parte dos educandos. As poucas devolutivas neste campo se mostraram bastante positivas, com educandos trazendo dúvidas e contribuindo com as discussões com comentários pertinentes e reflexivos. Havíamos proposto uma atividade de composição em que cada um gravaria com o celular uma rima de quatro linhas, ao som de uma batida que havia sido preparada por mim anteriormente. Nas montagens com todas as gravações enviadas, os educandos abordaram temas como isolamento, cotidiano e críticas ao atual governo pela condução de pandemia, que considerei resultados muito promissores. A turma toda demonstrou forte interesse pela proposta, dada a riqueza das devolutivas, apesar de a participação ser mínima durante as aulas síncronas. O sentimento realmente foi de imaginar o que poderia ter sido, caso pudesse ter estado com aquelas pessoas em um mesmo ambiente, durante um semestre inteiro.

No terceiro campo, por uma questão relativa à minha agenda pessoal, não pude permanecer no mesmo que o semestre anterior e acabei ficando em um campo disponível no estado do Paraná, na cidade de Palmas, em um colégio cívico-militar. O aumento progressivo do distanciamento geográfico a cada semestre (Biguaçu, Sombrio, Palmas...) foi aumentando a sensação de desconexão e de falta de familiaridade com os lugares e pessoas com quem estava atuando.

Nesse campo a atuação se deu de maneira muito semelhante à anterior. Apesar de bastante participativos, constantemente abrindo os microfones e câmeras de maneira espontânea, as aulas pelo Google Meet tinham em torno de cinco educandos presentes por encontro. Houve poucas mas significativas devolutivas às atividades propostas. Dada a percepção que tive sobre um certo medo entre alguns educandos ao ligar a câmera e tentar realizar alguma atividade prática, minha dupla e eu priorizamos sempre a construção de laços de confiança em detrimento da apresentação de resultados, já que, em modo remoto, não sentimos que havia margem significativa para uma contribuição realmente participativa da turma. É claro que essa escolha não contempla as (ou não é contemplada pelas) limitações da atuação de estágio. Eu não tive a mesma quantidade de tempo que um educador contratado pela escola teve ao longo de um semestre, por isso a escolha por zelar pelas pessoas daquela turma talvez possa ter comprometido os resultados obtidos, principalmente nesse escopo. Porém, não me arrependo da escolha, afinal a formação daqueles seres humanos transcende completamente o nosso estágio em tempo e abrangência.

Quando estávamos nos direcionando para o fim do semestre, ao entrar na sala do Google Meet, deparei-me com uma sala da escola, cheia de crianças. Descobri que, a partir daquele momento, a atuação seria em modo híbrido, com a professora supervisora e a turma em sala. Por webconferência, estaríamos nós, estagiários, com os educandos que não voltariam presencialmente, mas que deveriam continuar frequentando as aulas a distância, os quais eram raríssimos.

Estas últimas aulas foram severamente prejudicadas.Não havia a possibilidade de se compreender qualquer fala dos educandos. A adaptação repentina faz parte do cotidiano do educador, mas o modo híbrido não é mais que um simulacro da sala de aula. Nos poucos momentos de interação, as crianças chegavam perto da câmera e mostravam seus trabalhos ou faziam perguntas e comentários, às vezes "traduzidos" pela professora supervisora. De qualquer modo, o sentimento no fim do semestre foi de susto e frustração.

Último campo e "ensino" híbrido

Para este último, o campo foi a Escola Mâncio Costa – Escola do Futuro, em Florianópolis. Apesar de ser uma proposta animadora, já esperava as dificuldades do ensino híbrido, que, desde o início, foi uma experiência sofrida pela interação que simplesmente não acontecia com a turma.

A professora supervisora trouxe a demanda da realização de uma apresentação de fim de ano com as turmas que pudesse ser filmada para ser exibida em seminários e congressos on-line, a fim de reafirmar a importância do lugar da aula de música no currículo e na escola. Foi interessante lidar com este desafio, pois nos colocou em uma situação que

faz parte da realidade da escola, que muitas vezes acaba não sendo contemplada pela experiência de um estágio. Porém, devido à necessidade de um ritmo acelerado de trabalho, muitas vezes as propostas que levamos acabaram sendo deixadas de lado, pois levavam mais tempo para serem desenvolvidas, dada a comunicação prejudicada.

No decorrer de todas as atuações, o fato é que o meu trabalho em sala de aula foi meramente simbólico neste campo. Não tive expectativas quanto aos resultados trazidos pelos educandos. É claro que reconheço o mérito dos resultados dos trabalhos feitos em sala no decorrer de um período letivo, mas ainda priorizo o processo, as vivências, o cotidiano, as relações humanas etc. Por isso, o sentimento nesse semestre foi de tortura.

Eu não tenho anos e anos de prática como educador, mas tive, sim, a sorte, durante a graduação, de ser contratado e de trabalhar em sala por pouco mais de dois anos. Ao me ver frente a uma turma em modo híbrido, meu sentimento é o de quem já entrou em uma sala de aula e sabe muito bem da completa *não existência*, da irrelevância que tem o nosso papel sendo executado nestas condições.

Inclusive, acredito que a atuação durante os três semestres anteriores, enquanto estávamos todos em modo remoto, fazia mais sentido e dava mais certo. Quando estamos todos em casa (educandos, educadores e estagiários) pelas câmeras e microfones, nossos meios de comunicação são os mesmos para todos. Encontramo-nos no mesmo ambiente, mesmo sendo este um *não ambiente*. Todas as falas e todas as escutas tinham o mesmo volume de som, o mesmo ritmo e recebiam a mesma escuta, já que todos estávamos utilizando os mesmos recursos. Ainda que com diferentes equipamentos, os barulhos eram filtrados pelos microfones desligados, e as falas

ocorriam sempre com aquele ritmo em que as pessoas precisavam esperar o silêncio dos colegas para começar falar. Todos os acontecimentos que talvez pudessem interromper a aula acabavam não acontecendo, porque estes não entram na sala de aula, a menos que fossem abertos os devidos canais. Os momentos que "quebram" o ritmo da aula são parte dos processos pedagógicos e não os ter é definitivamente uma perda. Mas essa perda me pareceu, de certa forma, mais democrática quando estávamos todos em casa.

Não quero de forma nenhuma defender o ensino remoto, nem como regra, nem como opção. As perdas neste formato são gigantescas e indiscutíveis. Porém, quando nós, estagiários, somos os únicos a "participar" pelo computador, elas talvez sejam ainda maiores.

Minha comunicação foi demasiadamente prejudicada pela baixíssima qualidade da imagem que recebia, pela minha imagem ser reduzida a uma tela, pela qualidade do áudio que escutava, pelo sistema de som presente na sala, que era insuficiente, pelas oscilações e quedas de internet e, principalmente, por não ocupar os espaços da sala.

Sob estas condições, tive que me desapegar de algo que me é de profunda importância, em prol da minha saúde mental. Precisei compreender que, em pandemia, faz estágio quem precisa fazer, e quem não precisa adia. Eu precisei. Não posso demorar mais para me formar. A vida segue, tenho outras atribuições e demandas e quero seguir meus estudos. Por isso, aceitei conscientemente, e com grande pesar, a condição de que naquele semestre as atuações seriam meramente simbólicas e que fariam seu papel para o cumprimento de horas, de créditos acadêmicos.

Sei que ensinar ultrapassa profundamente a ideia de propor uma atividade e obter seus resultados diretos. Alguns

anos atrás tive a sorte de me deparar com uma vaga de emprego em uma ONG que (felizmente para mim, infelizmente para eles) tem uma rotina muito próxima da de escola, na sua grade de horários, organização pedagógica etc. E foi isso que me possibilitou poder viver algo que cumprisse o papel que o estágio remoto deixou em aberto na minha formação. Tenho certeza de que não sentiria essas frustrações se não tivesse vivido essas experiências. Que bom que as sinto! É justamente saber o que é o cotidiano da sala que dificulta esta situação, que escancara essa *não presença*. Somos todos cobaias destas condições historicamente adversas, e agora só espero que possamos ajudar gerações futuras a responderem às nossas dúvidas.

Vinícius Manhães Andrade
Florianópolis-SC, dezembro de 2021

COMUNICAÇÃO E ESTÁGIO NA PANDEMIA: (DES)AFETOS E EMOÇÕES

As disciplinas de estágio ocorreram em meio a muitas inseguranças conjunturais devido a situações específicas causadas pela pandemia da COVID-19 somadas à política de desmonte da educação pública, agravada nos últimos anos pelos governos Temer e Bolsonaro[1] (HADDAD, 2019). Us[2] docentes e discentes (tanto dos estágios quanto das escolas) vivenciavam fortes sintomas causados pelo isolamento social, bem como dispunham de diferentes estruturas (equipamento, moradia...) disponíveis para atender às aulas – evidenciando também a desigualdade social dos envolvidos nesse processo. Pretendo aqui realizar algumas considerações sobre esses diferentes formatos da atuação no estágio e tecer uma análise sob o viés dos vínculos, da afetividade e do emocional, os níveis de contato (ou ausência de) que tanto impactam o ambiente educacional presentes em cada interação que tivemos nos diferentes modelos de trabalho.

Considerando que há no ensino de artes e música e, na docência em geral, componentes muito importantes ligados à sensibilidade, emoção, estética e subjetividades na coletividade, que essas questões são intrínsecas ao ambiente educacional escolar e que muitas delas (a maioria) não puderam ser transpostas para o ambiente virtual da maneira abrupta como se deu essa mudança, pode-se refletir sobre a importância da reconstrução desses laços nos períodos que estão por vir. Conforme Paulo Freire,

[1] Ideia trazida por Fernando Haddad e Daniel Cara em Educação Contra a Barbárie (2019).

[2] Utilizar a linguagem inclusiva neutra no texto para incluir todos os gêneros na linguagem. Para isso, utilizarei de pronomes elu/elus, de artigos u/us e de flexão e/es para substantivos que se referem a mais de uma pessoa com gêneros diversos. Mais informações em: https://jornal.usp.br/atualidades/linguagem-neutra-pode-ser-considerada-movimento-social-e-parte-da-evolucao-da-lingua/. Acesso em: 22 fev. 2022.

> Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade ingênua à curiosidade epistemológica, do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação (FREIRE, 1996, p. 39).

É sob essa ótica que realizarei as reflexões sobre as três diferentes vivências que experienciei nas disciplinas do Estágio Curricular Supervisionado I, III e IV do Curso de Licenciatura em Música ao longo do ano de 2020 e 2021. Nos três estágios, tive um período curto de observação: no primeiro, através de reunião com a supervisora e lendo materiais curriculares da escola; no terceiro e quarto observando encontros por videochamada. Sempre preferi dar prosseguimento aos conteúdos propostos pelos currículos e pelas supervisoras, com objetivo de dar senso de continuidade. Também optei por conteúdos que possibilitassem momentos de ludicidade, alegria, esperança. Na Tabela 1, encontram-se os nomes das escolas onde realizei os estágios, as respectivas professoras de música, as professoras orientadoras, os colegas com quem trabalhei em dupla e as datas.

Tabela 1: Cronologia e localização[3]

Estágio	Data	Local	Orientador(a)	Supervisor(a)	Dupla de Estágio
Estágio I	Junho a Out 2020	Escola de Educação Básica Henrique Veras (Florianópolis - SC)	Maira Ana Kandler	Áurea Demaria	Francisco
Estágio III	Jun a Set 2021	Escola Estadual Monsenhor Eduardo (Palmas - PR)	Rodrigo Velho	Krisley Motta	Olga
Estágio IV	Out a Dez. 2021	Colégio Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (Cascavel - PR)	Maira Ana Kandler	Alinne Martins de Souza	Olga

Fonte: elaboração da autora.

[3] Optei por realizar esse relato em primeira pessoa, embora as ações todas tenham sido coletivas. Agradeço aqui a meus colegas de estágio Chico e Olga e às supervisoras que tornaram a realização dessas atuações possível: Áurea, Krisley e Alinne.

No Estágio I, gravei as aulas sobre o Boi de Mamão, folguedo familiar ao bairro de atuação. Nessa interação unilateral, tive como retorno formulários preenchidos por algumas crianças[4] com respostas sobre os vídeos. Utilizei perguntas como: *"Você teve dificuldade para tocar?"* ou ainda *"Você já conhecia esse personagem do boi de mamão?"*, assumindo, assim, a superficialidade do meu contato com essas crianças. A atuação docente, nesse modelo, enquanto experiência de estagiária, provoca reflexões acerca da premissa apontada por Freire (2011) de que ensinar não é transmitir conhecimento. Pode-se assumir que a ausência de interação síncrona impossibilita a troca de saberes da qual resultaria construção de novos conhecimentos, significativos para o desenvolvimento dos indivíduos sujeitos dessa educação. É possível também supor que o nível de interação e engajamento a que essas crianças foram submetidas ao assistirem um conteúdo gravado foi semelhante ao de assistirem um conteúdo nas redes sociais ou num *streaming* de televisão: há nessa interação algum nível de assimilação de novos conhecimentos e informações, despertar de sentimentos e emoções, sim, mas sem a habilidade de trocar impressões com colegas e professories, sem tocarem juntos, sem dividirem seus saberes. Pode-se chamar isso de ensino escolar?

Para o Estágio III, que ocorreu já em uma conjuntura onde o ensino escolar estava organizado em formato de aulas síncronas por videochamada, elaborei uma proposta baseada em apresentar diferentes gêneros musicais associados a culturas de regiões específicas, bem como contextualizar o fazer musical com vivências socioculturais do Vale do Paraíba,

[4] Recebíamos respostas de cerca de 7 alunes, dentre 20 da turma, em geral. Uma média de 20% de respostas para cada atividade.

na materialização do Jongo - originário de Congo-Angola e materializado historicamente enquanto manifestação cultural afro-brasileira. Us estudantes conversavam sobre os temas abordados, apresentavam eventualmente canções pertinentes aos assuntos que estávamos discutindo e realizavam as atividades propostas nas aulas. Pude, ao longo desses encontros, conhecer um pouco melhor a realidade do município de Palmas e contribuir com o desenvolvimento do ano letivo dus alunes. Ali naquele ambiente virtual, encontrei maneiras de driblar a supressão de som do aplicativo, bem como a impossibilidade de tocarmos sincronizadamente (já que o atraso de áudio da videochamada impedia isso). Avalio que, ao longo desses encontros, conseguimos nos aproximar mais de um ambiente educacional semelhante ao presencial (em comparação com o modelo anterior, das gravações), ainda que us estudantes tenham sido excluídes desse formato das aulas, pois alguns conseguiam assistir, mas não podiam falar ou não tinham câmeras, outres dividiam os dispositivos com familiares e a maioria assistia as aulas com muitas intercorrências. Também é relevante pontuar que o fazer musical em si foi bastante prejudicado pelo formato dessas interações, afinal a percepção dos elementos da linguagem musical foi "deformada" pelos ruídos da comunicação. Ainda que houvesse esforço para amenizar esses ruídos (literalmente e metaforicamente), estimo que as perdas decorrentes dessa distância são importantes de serem consideradas, insistindo que só se considere esse formato de "escola" numa situação emergencial, e que, mesmo em curto prazo, os prejuízos no desenvolvimento dus estudantes já é evidente e será sentido por todes.

As aulas do Estágio IV aconteceram de maneira híbrida,

após decretar-se o retorno presencial integral. Us estudantes se encontravam em uma sala multiuso que possuía um projetor, um quadro e um notebook. A professora supervisora levava uma caixa de som pequena e através do notebook se realizava a nossa comunicação. Ao longo de 18 aulas (ministradas em 9 encontros), abordamos os seguintes assuntos: cirandas (dando sequência ao conteúdo da professora supervisora), áudio partituras e partituras imagéticas e sonorização de cenas[5]. O primeiro e principal desafio era ouvir e ser ouvida nesse contexto. 32 estudantes juntes numa sala com bastante reverberação e uma comunicação via microfone de computador e caixinha de computador. Os ruídos eram muitos, as falas muito fortes eram suprimidas pelo aplicativo, as muito fracas se tornavam incompreensíveis. Durante incontáveis vezes, a supervisora precisava repetir as minhas orientações para us estudantes e também repetir aquilo que elus respondiam pra mim. Novamente, precisei assumir que a atuação se basearia em contornar os problemas de comunicação e tentar encontrar maneiras de contribuir com o desenvolvimento daquele grupo, diante de uma situação adversa e sem precedentes. À medida que os encontros se desenrolaram, tracei algumas estratégias de comunicação e cito algumas delas aqui: 1) pedi aus estudantes que viessem sempre falar perto do monitor, pausadamente e um por vez; 2) gravei as canções e peças de percussão corporal utilizadas nas aulas em vídeos e disponibilizei na plataforma youtube, para que pudessem seguir as nossas referências e ainda assim eu conseguisse

[5] Seria extenso discorrer sobre cada um desses temas aqui, mas gostaria de comentar que são temas corriqueiros nos currículos escolares e escolhemos esses pela viabilidade da aplicação no modelo em que estávamos.

ouvi-les na videochamada; 3) privilegiei temas relacionados à tecnologia, podendo utilizar vídeos como uma maneira de aliviar os sentidos (audição, visão) sobrecarregados na interação longa por videochamada. Se lá no primeiro estágio havia vídeos gravados e nenhum contato com us estudantes, aqui eu podia vê-lus e podiam interagir entre si, mas o que estava falho era a mediação pois, sem a possibilidade de se comunicar claramente e intervir nas relações agilmente, também não pude exercer aquilo que considero um importante papel du professorie no contexto educacional: mediar as relações e o conhecimento através das relações.

A construção da relação entre professora e alunes tem dimensões físicas e emocionais que não são contempladas em nenhum dos modelos de atuação do estágio. O tempo todo recebe-se e entrega-se *feedback* contínuo e instantâneo através das expressões dus estudantes, prejudicadas pela distância do vídeo, câmeras desligadas ou máscaras. Houve diferenças de estrutura e espaço, temperatura (até mesmo o clima de municípios diferentes impactou a participação em algumas aulas), rede de apoio emocional (estudantes e professories que estavam isolades sozinhes não têm a mesma possibilidade de participação dos que estavam acompanhades), entre outros fatores. A educação musical é essencialmente social, a música é uma linguagem social e sua complexidade não pode ser abordada integralmente das formas como aconteceram nos últimos dois anos. Entretanto, as interações que aconteceram puderam auxiliar as pessoas a manterem algum vínculo, ainda que pequeno, entre si e com a linguagem musical, tão importante e fundamental para que se enfrentasse as adversidades desse período de instabilidade sanitária, isolamento social e insegurança geral que ocorreu. No primeiro caso, de aulas gravadas, não considero que houve

sequer algo que possamos chamar de relação de “ensino e aprendizagem”, embora houvesse de minha parte essa intencionalidade. No segundo caso, ainda que com muitas reservas, pude realizar através das comunicações em videochamada trocas e compartilhamento de algumas emoções, sensações e vivências, me aproximando um pouco mais de um ambiente educacional escolar, onde u docente media as relações. Houve mediação, mas as relações estavam restritas às possibilidades de uma videoconferência. No terceiro caso, as relações aconteceram entre us estudantes, mas a mediação esteve prejudicada pelo meio de comunicação, havendo ai uma restrição grande da possibilidade das mediações por parte da estagiária. Como formação docente, saio dessa experiência com a consciência de aspectos intrínsecos à educação que estiveram ausentes nesse período. Busquei aprender na adversidade, através daquilo que não ocorreu. Muitas reflexões frutíferas aconteceram nas aulas da disciplina de estágio para que se pudesse agregar essa experiência na nossa formação enquanto professories, mas também enquanto cidadães, na busca por amenizar as desigualdades estruturais e nos entender como parte de um momento extremamente complexo que a humanidade estava vivenciando: a de sobreviver e lidar com atividades da rotina em meio a uma pandemia.

Júlia Darela

Florianópolis-SC, fevereiro de 2022

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Edição eletrônica.

HADDAD, Fernando. Prólogo. In: CASSIO, Fernando (org.). *Educação contra a barbárie:* por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ATENÇÃO! ESTAMOS EM OBRAS, DESCULPEM O TRANSTORNO: UMA TRAJETÓRIA DE ESTÁGIOS EM MÚSICA

Quando a pandemia do SARS-CoV2 foi decretada pela Organização Mundial da Saúde, em 11 de março de 2020, eu já atuava como professor autônomo de música há oito anos, inclusive já tendo sido professor substituto de um curso de Licenciatura em Música em Santa Catarina. Minha primeira filha havia nascido quatro meses antes e eu estava iniciando mais um semestre como aluno no curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). No dia 11 de março fiz minha primeira observação no campo de estágio em que eu atuaria naquele semestre, o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Era o meu segundo semestre de estágio lá, pois havia concluído um de forma presencial em 2019. Mas, neste dia, ouvi dizer que havia tido casos de Covid-19 no IFSC, e aí tudo mudou...

Nos semestres subsequentes, concluí os três semestres de estágio que me restavam de forma não presencial, trazendo o silêncio tumular dos microfones e o anonimato desumanizador das câmeras desativadas. A mudança de realidade impôs uma forçosa e obrigatória reforma da minha prática pedagógica, que, de certa forma, já estava consolidada com base na minha formação e experiências profissionais anteriores.

Os meus três primeiros estágios (Estágios 1, 3 e 4), incluindo o presencial, foram realizados em turmas do ensino médio integrado[1] do IFSC, enquanto o último (Estágio 2) foi em

[1] Ensino médio integrado é uma modalidade de ensino onde é oferecida a formação em nível técnico concomitantemente ao ensino médio regular.

uma turma de 3º ano fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O estágio presencial no IFSC tinha encontros semanais com 1h40min de duração, enquanto os dois estágios não presenciais foram estruturados com encontros síncronos quinzenais de uma hora de duração e atividades assíncronas em semanas alternadas. Já no último estágio no 3º ano do CA da UFSC, os encontros síncronos eram semanais, tinham 40 minutos de duração e não possuíam atividades assíncronas.

Como professor, a experiência de estágio presencial no IFSC foi muito satisfatória, pois conseguimos, os estudantes e eu, construir uma performance elaborada com a canção "Velha Infância", do grupo Tribalistas, através de um processo de arranjo coletivo e ensaios, aproveitando da excelente estrutura que o IFSC tem para aulas de música. Este estágio foi próximo do que eu estava já acostumado a fazer como professor de música, lidando diretamente com o fazer musical prático, principalmente relacionado à execução musical. E então veio a...

Desconstrução

Ao me deparar com a perspectiva de realizar o Estágio 3 de forma remota, o meu primeiro impulso foi proporcionar aos(às) jovens uma experiência que simulasse uma vivência prática com música em sala de aula, de forma presencial. Meu principal foco de trabalho com música é a voz – o que veio ao encontro dos interesses da turma –, portanto busquei maneiras de viabilizar esta prática.

Fiz uma pesquisa de repertório de interesse dos(as) integrantes da turma e, com base nela, selecionei a canção "Roda Viva" de Chico Buarque como obra a ser trabalhada. Elaborei atividades de contextualização da obra envolvendo

questões de censura e discussões sociais para depois partirmos para a execução vocal propriamente. Gravei videoaulas com exercícios de voz, ensinando a melodia com referências vocais masculinas e femininas, para que os(as) jovens pudessem exercitar a parte prática.

Eles(as) gravaram vídeos cantando a obra e a partir deles eu os orientei para a melhoria da execução. O objetivo era a realização de uma gravação no estilo coro virtual ao final do semestre – o que não aconteceu, devido a questões diversas. No desfecho desse estágio, a minha sensação foi de fracasso total, pois ao longo do semestre as aulas não tinham dado o resultado com relação à prática vocal que eu sabia que era possível com o grupo que eu tinha em mãos.

Creio que isso tenha ocorrido pelo fato de eu não ter percebido como a forma de ensino remoto emergencial, estabelecida por ocasião da pandemia de SARS-CoV2, foi deletéria para o ensino de música. Nesse contexto, os desafios de trabalhar música de forma prática, não presencial, coletiva e com escassez de recursos tecnológicos e de tempo de convivência vão se acumulando até se tornarem praticamente incapacitantes para a atividade pedagógica. Se eu quisesse ter uma proposta de aula de música que fosse significativa para mim e para os(as) estudantes, teria que fazer algo diferente...

Reconstrução

Devido à frustração ou minha inaptidão com a implementação da prática musical no ensino não presencial, optei por modificar minha estratégia geral no Estágio 4. Tendo em vista que estava trabalhando com adolescentes do ensino médio, cogitei que a apreciação, calcada em conceitos musicais aliados à contextualização social e histórica, poderia

ter mais resultado neste formato de ensino. Assim, planejei iniciar com atividades de apreciação livre, para ir gradualmente direcionando e agregando conteúdos às atividades.

O início do semestre do Estágio 4 (dois primeiros meses) foi completamente com atividades assíncronas, ou seja, efetivamente perdendo todo o contato com os(as) estudantes, devido a questões de encerramento de contrato do professor supervisor no campo de estágio. Posteriormente, pude começar a ter um pouco de interação com a turma, no entanto a interação neste modelo de ensino foi sempre muito pouca e de baixa qualidade, principalmente pela perda dos momentos antes e depois das aulas e da espontaneidade e da leitura corporal que são possíveis ter presencialmente.

Esta proposta, na minha percepção, teve sucesso em engajar a turma, já que pudemos ter discussões muito importantes sobre conteúdos musicais e temas transversais. Frequentemente, era a abordagem de temas transversais que causava maior engajamento dos(as) jovens. Por exemplo, uma das canções que usei para trabalhar a questão de forma musical ("Amianto", do Supercombo) também suscitou uma discussão sobre a prevenção do suicídio, e os(as) adolescentes, finalmente, ativaram as câmeras e contribuíram muito com a aula.

Com base nesta experiência já fui para o Estágio 2[2], com a turma de 3º ano do ensino fundamental, com uma experiência de algo que funcionou nesse contexto. O planejamento que adotei foi a continuação do trabalho dos professores supervisores de música das turmas, que envolvia abordar as famílias dos instrumentos musicais,

[2] Realizei os estágios fora da ordem, pois precisei trancar o semestre que realizaria o Estágio 2 e, como não havia pré-requisitos, pude cursar os outros, deixando o 2 para o final.

trazendo imagens, exemplos e repertório, ou seja, novamente, um trabalho de educação musical focado na apreciação musical.

Ainda que a proposta tenha sido similar em alguns aspectos, creio que as particularidades de cada um dos contextos seja algo importante a se considerar, inclusive quando pensamos em ensino remoto. Por exemplo, enquanto em turmas de ensino médio, frequentemente, era necessário insistir para que os estudantes abrissem as câmeras e os microfones para participar da aula, nas turmas de 3º ano era o total oposto, era necessário gerenciar o entusiasmo dos alunos em participar da aula.

Ao longo desta trajetória de estágio, fui encontrando solução para a problemática do ensino não presencial na apreciação musical, ajustada a diferentes faixas etárias. Essa, com certeza, não é a única saída possível para solucionar a questão, mas foi a que encontrei através do meu processo de adaptação.

A tentativa de manter vivas as características do ensino presencial se originou, acredito, em uma ansiedade pedagógica que parte do pouco tempo curricular que a disciplina de Arte tem. Para mim, o estágio não presencial foi importante para ampliar o horizonte de possibilidades, atentando para o fato de que outras experiências podem também ser significativas.

Creio ser pertinente pensar na possibilidade de se planejar atividades remotas, explorando novas tecnologias, quando possível, mesmo com o retorno das aulas presenciais, pensando em propostas que possam potencializar as qualidades de recursos on-line. Destaco que afirmo isto baseado na experiência que tive em um campo de atuação privilegiado em diversos sentidos, como é o caso do IFSC, que

possui uma significativa tradição de ensino de música e uma estrutura completa para tanto.

Sobre o elefante na sala... Música não pode ser ensinada, aprendida, nem vivida plenamente sem a presença física em um mesmo ambiente sonoro. É preciso interagir em tempo real, é preciso demonstrar, é preciso imitar, é preciso sentir o fazer musical coletivo. São tantas coisas que são necessárias! Na minha percepção, a música exige a manipulação do objeto sonoro através do entendimento e da construção motora, de modo a sermos transformados pela experiência vivida, não apenas gerando um produto musical digital.

Creio, a partir da minha experiência pessoal e profissional, que o excesso de experiências digitais, de forma geral, nos torna menos capazes socialmente, cognitivamente e corporalmente, de modo que afirmo que o ensino remoto, a distância, ou qualquer outra forma não é aceitável para a educação básica como solução de longo prazo. A falta de atividades práticas coletivas, interação, retorno sobre a eficácia das atividades em tempo real, tudo corrobora para a inadequação da substituição total do ensino presencial pela mediação digital.

Não obstante, ao longo de três semestres de estágio remoto emergencial, creio ter conseguido compreender sobre algumas possibilidades eficazes para se trabalhar música no ensino não presencial. Para mim, acho que a busca foi compensatória, pois, em alguns momentos, foi possível me sentir professor, apesar de tudo.

Felipe Damato de Lacerda
Palhoça-SC, janeiro de 2022

TRANSFORMANDO LIMÕES EM LIMONADA: UMA PERSPECTIVA POSITIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Introdução

Iniciei o curso de Licenciatura em Música no ano de 2018. Para mim, foi um grande impacto quando em 2020 a universidade parou as atividades, na esperança de que a pandemia logo passaria. Como os protocolos de isolamento social tiveram que continuar, algumas disciplinas eletivas foram flexibilizadas para a modalidade remota no semestre seguinte para não prejudicar os alunos. No entanto, em 2021, ainda sem previsão de retorno, todas as disciplinas, obrigatórias e eletivas, foram flexibilizadas, entre elas, o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Musical, que gerou o presente relato.

Sobre o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Musical, é válido ressaltar que é o momento em que os licenciandos podem colocar em prática aquilo que aprenderam ao longo do curso, por isso pode ser considerado como uma etapa central em sua formação (MATEIRO; CUNHA, 2021, p. 172). Tendo em vista as medidas de prevenção adotadas, como o isolamento social, tornou-se necessário que professores e alunos encarassem com comprometimento e coragem o desconhecido universo virtual em suas práticas pedagógicas. Mesmo observando que alguns profissionais já investiam nessa modalidade, eu mantinha o pensamento "que bom que funciona para eles, mas não é para mim". Desta forma, para encarar a nova realidade, tive que sair da minha zona de conforto.

Fora do campus da universidade, eu já vinha trabalhando como professora particular de piano, órgão, teoria musical e

musicalização na Academia de Música Maurice Ravel desde 2018, sempre recebendo os alunos presencialmente. Quando escolhi cursar a disciplina do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Musical, pensei que esta seria mais tranquila (em relação a planejar e ministrar as aulas), dada a minha experiência prévia no ensino de música no contexto de uma escola particular de música. No entanto, como o estágio foi conduzido na modalidade de ensino remoto emergencial, percebi que teria muito o que aprender.

Em relação à minha experiência com as tecnologias, posso dizer que eu tinha um conhecimento básico antes da pandemia. Provavelmente isso acontecia porque a minha rotina não requeria de mim tais habilidades. Além disso, eu não possuía motivação alguma para buscar aprender mais sobre o uso de tecnologias. Antes da pandemia, eu tinha pouco conhecimento em relação às plataformas de videoconferência. Por exemplo, eu sabia usar minimamente o Google Meet para acessar uma reunião virtual, desconhecia o Zoom e não compreendia as configurações de áudio e câmera nessas plataformas, ou seja, as aplicações básicas do uso de tecnologia já eram um grande desafio para mim.

Confesso que essa desinformação me trouxe grande medo, particularmente porque envolvia enfrentar o desconhecido. Logo nas primeiras semanas de aula, relatei à minha orientadora que eu estava bastante apreensiva com a minha regência. Eu não sabia se os alunos se interessariam pelo conteúdo das minhas aulas na modalidade de ensino remoto emergencial, se participariam ativamente e se eu seria capaz de manter o interesse dos alunos nas aulas de modo que contribuísse para uma jornada de aprendizagem musical significativa para eles.

Contexto

O Estágio Curricular Supervisionado em Educação Musical era a minha primeira experiência de estágio no curso de licenciatura, referente ao período 2020.1. Foi combinado de fazermos duas observações e quatro regências. O estágio foi realizado em um projeto social com uma turma de musicalização infantil. Ao observar as aulas de musicalização da professora supervisora, notei que a estrutura da aula era focada no ensino da flauta doce utilizando o método de flauta *Fun Book* (NEWMAN,2006).

Na primeira aula em que eu regeria, estava com tudo pronto (partitura, instrumentos, celular e *notebook* em mãos) aguardando os estudantes entrarem na sala virtual do Google Meet, no entanto neste dia nenhum aluno compareceu à aula. Isso me deixou frustrada, mas me ajudou a perceber que, por mais ansiosa que eu estivesse, maior era a minha vontade de compartilhar com aquelas crianças a aula que eu havia planejado. Por isso, tenho encarado esse processo de aprender a lidar com as tecnologias e ferramentas digitais como uma oportunidade de desenvolvimento e crescimento pessoal, porque tem me ajudado a enfrentar medos e inseguranças.

Percebi que eu poderia contribuir para essas aulas de musicalização mantendo o ensino de flauta doce e combinando com momentos de apreciação musical por meio de vídeos no YouTube. Além disso, desenvolvi uma atividade de composição que consistia em os alunos criarem uma música enquanto eu transcrevia as melodias usando o editor de partitura Musescore ao mesmo tempo que eu compartilhava a tela com a partitura referente à composição dos alunos. Aproveitando a minha prática fora da universidade

como professora de instrumento, também apresentei aos alunos os instrumentos de teclas: teclado, órgão e piano. Utilizei o Paint para marcar a parte na partitura em que eu queria dar foco, como também para ajudá-los a descobrir qual nota estava naquela parte.

Deparei-me com o meu despreparo quanto aos recursos físicos para realizar as aulas do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Musical, tendo em mãos apenas um celular e muitas vezes sem poder contar com um bom aparelho (celular/*notebook/tablet*) do lado do aluno, boa internet ou um bom microfone. O espaço físico onde os alunos participavam das aulas também foi um aspecto importante a se considerar, visto que nem todos os alunos possuíam um local adequado para os estudos, pois muitas vezes estavam compartilhando o mesmo local que familiares em casa ou até mesmo participando das aulas no ambiente de trabalho de seus pais.

Nesse contexto, comecei a me questionar: como assegurar um ensino e aprendizagem de música de qualidade sem domínio tecnológico, sem recursos materiais e um espaço físico adequado, sem controle da qualidade da internet ou de imagem e som? O que podemos conseguir tirar de bom dessa situação caótica? Acontece que, como dizia o poeta Antonio Machado (1983), "Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar".

Entrei no mundo digital caminhando, buscando aprender como usar as ferramentas nas salas de aula na modalidade de ensino remoto emergencial: Google Meet e Zoom. Durante o meu caminho, fui aprendendo a usar algumas ferramentas que já conhecia, como o WhatsApp, para enviar tarefas, conteúdos e recados. Experimentei editar vídeos pelo aplicativo InShot e editar imagens no Canva e no Paint. O

Musescore me auxiliou na edição de partituras. Nas aulas do estágio, utilizei Google Meet, WhatsApp, Paint e Musescore.

Quanto aos recursos físicos, pedi um *notebook* emprestado e com ele eu me filmava e abria o áudio, como também compartilhava a tela com vídeos, partituras etc. Ao mesmo tempo, utilizava o meu próprio celular para mostrar alguma coisa mais de perto, como um instrumento, por exemplo. O meu espaço físico continuou sendo a sala onde eu costumo dar aulas particulares. Quanto ao espaço físico do aluno, eu não possuía controle sobre ele, nem de sua internet ou da qualidade de seus equipamentos. Contudo, aprendi lendo alguns artigos na revista *Piano Magazine a aceitar essa circunstância e me concentrar apenas no qu*e eu podia de fato mudar (PIKE, 2020, p. 46).

Se o aplicativo travasse muito, trocaria para um outro sem medo; se a internet estivesse muito ruim, então buscaria gravar vídeos e mandar para que o aluno assistisse de modo assíncrono; se o áudio estivesse ruim, buscaria um fone de ouvido ou aprender/ensinar a mudar as configurações do áudio. Aquilo que estivesse ao meu alcance, com isso me preocuparia. Também me tranquilizei quanto ao fato de precisar saber sobre tudo, conhecer todos os aplicativos e ferramentas, ter os melhores equipamentos em casa, pois não eram essas as minhas condições. Se eu dominasse um ou dois aplicativos, já estava bom, e com o tempo buscaria aprender um pouco mais e iria ampliando os horizontes.

Considerações finais

Apesar de todas as dificuldades discorridas, consegui aprender cinco ricas lições:

1) sair da zona de conforto: pois acabamos caindo em uma monotonia, aplicando a mesma aula semanalmente, os mesmos métodos, as mesmas ferramentas e as mesmas abordagens;

2) nos renovarmos: como professores, estamos sempre ensinando aos nossos alunos, mas e quanto a nós? Por que paramos de aprender? Há sempre o que descobrir, como ser mais claro e estar mais atento;

3) familiarização com as tecnologias: acredito que muitos alunos e professores, assim como eu, fugiam das tecnologias. Contudo, estando familiarizados com o mundo virtual, novos horizontes de possibilidades para o ensino-aprendizagem se abrirão;

4) reconhecer limitações: aprendi que devemos aceitar nossas limitações, seja com poucos ou muitos recursos, com ferramentas baratas ou caras;

5) sermos criativos: o mais importante fator, sem o qual não seríamos capazes de encontrar soluções para problemas nunca vistos, e que devemos trazer sempre para nossas aulas, estimulando também a criatividade de nossos alunos.

Notei que estava mais atenta aos alunos e buscava ensi-nar de modo mais claro possível, buscando soluções rápidas e mudando de plano caso o primeiro não funcionasse. Outrossim, buscando desenvolver a autonomia no aluno para que ele conseguisse sozinho, de casa, aprender, se coordenar, tomar decisões e fazer reflexões sobre sua prática. Fato é que não tem sido fácil, mas acredito que – com paciência e garra, parando para recuperar o fôlego de vez em quando – sairemos melhores do que quando entramos nesta pandemia. Afinal, sempre ouvimos falar que, "se a vida te der limões, faça uma limonada".

Queila Guimarães

Cuiabá-MT, fevereiro de 2022

Referências

FERREIRA, Antonio Cezar. O cotidiano no cotidiano da pandemia: educação musical em tempos de pandemia. *Scientific*, p. 37-43, 2021.

GONÇALVES, Lilia Neves. O cotidiano no cotidiano da pandemia: aulas de música na universidade – reflexões de uma professora: o ensino da pesquisa em tempos da pandemia da COVID-19. *Scientific*, p. 79-85, 2021.

MACHADO, António. *Proverbios y cantares.* Poesías completas. Madrid: Espasa-Calpe, 1983.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Escola para além do digital: reflexões sobre os estágios na formação docente em música. *Revista da ABEM*, v. 29, p. 161-177, 2021.

NEWMAN, M.R. Larry. *The Recorder Fun Book:* For Young Students. Pacific Palisades, CA: Createspace, 2006.

PIKE, P. (ed.). Piano Magazine: Clavier Companion, COVID-19 Special Issue. *The Frances Clark Center for Keyboard Pedagogy,* v. 12, n. 2, p. 1-90, 2020.

AULAS DE MUSICALIZAÇÃO POR MEIO DO WHATSAPP

Introdução

Em 2020 fomos surpreendidos com a Covid-19, que deixou milhares de pessoas assustadas principalmente por não saberem como se cuidar no início da pandemia. Depois de um tempo, percebi que acabamos nos adaptando da melhor maneira possível aos protocolos de saúde, como, por exemplo, aquele que mais impactou a vida de todos: o distanciamento social. O ensino remoto emergencial foi adotado tanto na questão de dar aulas quanto na de ter aulas de música. Confesso que as aulas on-line foram um processo um pouco complicado para mim e acredito que muitas pessoas se sentiram assim também.

Eu sou professora de violoncelo há mais de cinco anos e nunca passou pela minha cabeça um dia precisar dar aulas de música no formato do ensino remoto emergencial. Então, em 2020, precisei dar aulas pelas plataformas *Google Meet, Classroom* e *Zoom*. Atualmente sou graduanda no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá (MT). Com o início da Pandemia todas as atividades da minha faculdade se tornaram remotas, e assim se passou o ano inteiro de 2020. Já em 2021, ainda em pandemia, as aulas da faculdade continuaram remotas, e precisei fazer a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Musical. Era costume fazermos estágio em sala de aula no formato presencial, porém até mesmo a aula de estágio precisou se adaptar às plataformas on-line.

A primeira vez em que estagiei foi por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de Licenciatura em Música da UFMT em 2014, com foco no

ensino médio em uma escola estadual, quando tive a oportunidade de aprender a pesquisar academicamente e a fazer o planejamento de aulas de música para o formato presencial. Para a disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Educação Musical B, realizei estágio em um projeto social no Instituto Desportivo da Criança (IDC). Este Instituto é um projeto que atua com crianças e adolescentes da escola pública e que proporciona gratuitamente acesso às culturas regional, nacional e mundial por meio de ações como esporte, saúde e educação, levando conhecimento musical por meio de aulas de educação musical. Dentro dessas ações, existe o projeto Dó, Ré, Mi Kids, que trabalha musicalização com crianças em alguns polos da cidade de Cuiabá. Um desses polos é o asilo Santa Rita, coordenado por freiras que acolhem meninas da comunidade carente de Cuiabá, da faixa etária entre 7 e 15 anos, onde eu fiz o meu estágio.

Por causa da pandemia, as aulas do IDC precisaram ser repensadas: no lugar de aulas presenciais, as aulas passaram a ser on-line. As alunas não possuíam equipamentos como computadores e uma boa conexão à internet para que as aulas pudessem acontecer em formado de videoaula. Então, foi preciso adaptar as aulas de musicalização para a realidade das alunas: elas utilizariam os celulares de seus responsáveis e nos comunicaríamos pelo aplicativo *WhatsApp* As professoras supervisoras enviavam mensagens em um grupo formado pelos responsáveis e usado nas aulas pelas alunas, onde havia uma interação por meio de textos escritos, de áudios e de *links* de vídeos.

Antes mesmo de iniciar as observações nesse formato de aula, eu não conseguia compreender como uma aula de musicalização pelo *WhatsApp* poderia dar certo. Pensei que poderia ser difícil de acompanhar as conversas entre as

professoras e as alunas, mas foi muito diferente do que eu esperava. Esse formato de aula me surpreendeu porque precisei desenvolver outras habilidades e usar novas ferramentas para adequar o ensino de música ao contexto das aulas on-line.

As aulas observadas

Fiz duas observações das aulas de música no Asilo Santa Rita. As aulas tiveram duração de 1 hora e 30 minutos. Percebi que havia uma estrutura que as professoras supervisoras seguiam em seus planos de aula, que era organizada por atividades intituladas "Roda de Conversa", "Missões" e "Desafio Kids". Foi por meio dessa estrutura que planejei minhas aulas no Estágio Curricular Supervisionado em Educação Musical com as alunas do IDC, polo Asilo Santa Rita.

As aulas ocorriam sempre às sextas-feiras e começavam a partir das 9h da manhã. No entanto, às 8h30min uma das professoras supervisoras enviava uma mensagem ao grupo de *WhatsApp* do "Polo Asilo Santa Rita" pedindo para que as alunas se preparassem para aula daquele dia e separassem alguns materiais que usariam durante a aula (lápis, borracha, caderno). Às 9h da manhã, as professoras supervisoras iniciavam a aula dando as boas-vindas às alunas, usando tanto mensagem de texto quanto mensagem de áudio. Esse momento foi muito interessante, pois pude observar que as mensagens de áudio serviam tanto para facilitar a comunicação com as alunas que ainda estavam aprendendo a ler quanto para levar, por meio da entonação da voz, um pouco mais de alegria para a conversa com as alunas.

A aula seguiu um roteiro que consistia em uma Roda de Conversa, atividades denominadas de Missões, e por último o

o Desafio Kids, que era a tarefa a ser realizada “Para Casa”. A Roda de Conversa era sempre sobre algum assunto relacionado a algum momento histórico ou folclórico, mesmo que não fosse pertinente à aula de música. A roda de conversa acontecia para convidar as alunas a refletirem sobre alguns temas, datas comemorativas que aconteceram recentemente, qual a importância delas para nós ou até mesmo sobre a importância da saúde do corpo, como exercícios físicos ou assuntos relacionados à higiene bucal. Na roda de conversa havia uma interação entre professoras e alunas, que opinavam sobre os assuntos apresentados por mensagens de texto ou áudio.

Logo após a Roda de Conversa, as professoras davam continuidade ao roteiro da aula seguindo para as Missões, que eram atividades sugeridas às alunas. As professoras supervisoras enviavam no grupo uma breve explicação do que as alunas precisariam fazer para cada Missão do dia de aula. Essa explicação da atividade era acompanhada pelo áudio explicativo, e a professora, em alguns casos, enviava um *link* de vídeo demonstrando visualmente o que as alunas precisariam fazer para realizar aquela atividade proposta. As alunas davam as devolutivas da atividade logo em seguida por meio de áudios, quando precisavam falar ou cantar algo, ou enviavam seus vídeos, quando precisavam reproduzir a atividade do vídeo enviado pelas professoras.

Minha participação

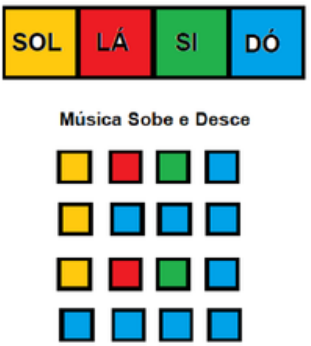
Após a observação das aulas, segui a mesma estrutura de planejamento das professoras supervisoras: iniciei a aula com uma Roda de Conversa, apresentei as Missões e por último fizemos o Desafio Kids. Foi combinado que o Desafio Kids seria

apresentado pela professora supervisora, pois ela continuaria mantendo as atividades já desenvolvidas pelo projeto, e assim as alunas manteriam as devolutivas durante a semana.

Para minha primeira aula, escolhi trabalhar o conteúdo sobre parâmetros sonoros, focando a altura – grave e agudo –, baseando-se no método Martenot Martenot (FIALHO; ARALDI, 2012). Para demonstrar alturas diferentes numa notação musical alternativa, em um papel em branco, criei um gráfico com uma linha desenhada no formato de chapéu. A linha começava na parte mais baixa do papel, subia para a parte mais alta e descia novamente como uma onda. Mandei um áudio cantando a linha do gráfico. Eu expliquei às alunas que o som que ouvimos poderia ser representado no papel em forma de gráfico: a linha começando mais em baixo seria o som mais grave e, quando a linha subia no papel, seria o som mais agudo. Uma das atividades propostas foi a criação de gráficos pelas alunas e depois a execução musical gravando áudios com os sons feitos por suas vozes usando sons da letra A ou O. As alunas gravaram vídeos dos gráficos criados por elas e cantando e enviaram no grupo de *WhatsApp.* Percebi que elas foram muito participativas e se divertiram com essa atividade.

Já na segunda aula, desenvolvi uma atividade para as alunas criarem suas próprias músicas na flauta doce. Compartilhei a Figura 1 junto com a explicação da Missão. Primeiro, pedi para elas tocarem na flauta doce a música "Sobe e Desce", de minha autoria (Figura 1), onde cada nota era representada por uma cor diferente: amarelo era o Sol, vermelho era o Lá, verde era o Si e azul era o Dó. Em outro momento, pedi para as alunas criarem seus próprios quadradinhos coloridos, escolhendo a ordem das cores, ou seja, a ordem das notas musicais. Em seguida, as alunas tocaram suas próprias criações musicais na flauta doce.

Figura 1: Música "Sobe e Desce" com nomes das notas musicais representadas por quadradinhos coloridos



Fonte: elaboração da autora.

As devolutivas das alunas foram impressionantes. As alunas participaram das atividades aplicando corretamente o que lhes foi sugerido. Poucas alunas demonstraram um pouco de dificuldade em manter o pulso na atividade da música "Sobe e Desce". No entanto, percebi que as alunas exploraram as notas apresentadas na atividade em que elas mesmas criaram as suas músicas, mostrando criatividade em suas composições musicais. Houve o compartilhamento de vídeos com suas criações musicais no grupo do *WhatsApp*, onde elas puderam mostrar umas às outras as suas músicas.

Na terceira aula, apresentei outras notas musicais associadas a cores e usando a sua notação musical tradicional (partitura): Dó (azul), Ré (rosa), Mi (laranja), Fá (roxo) e Sol (amarelo), usando cores diferentes. As alunas desenharam nos seus cadernos de música, cantaram e depois tocaram as notas novas na flauta. Finalmente, na quarta aula utilizei a música "Dó Ré Mi Fá" com uma notação musical alternativa e apresentei o conceito de pausa sendo representada como um "pontinho" vermelho. As alunas foram bem participativas e

realizaram todas as atividades, o que me deixou muito feliz com o resultado. Senti que eu estava agregando para o desenvolvimento musical das alunas, além disso, percebi que as alunas aprendiam e se divertiam ao mesmo tempo nas minhas aulas.

Considerações finais

O que percebi nesse processo de reinventar a forma de dar aulas devido à pandemia mundial é que a música ainda é uma das principais formas de comunicação e reinvenção do ser humano. Como afirma Kater (2004, p. 44), "música e educação são, como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação". Percebo também que a pandemia me tirou da minha zona de conforto e me instigou a criar conteúdos muito mais evolutivos que chamassem a atenção dos alunos para que eles pudessem e quisessem participar das aulas.

As aulas do IDC no Asilo Santa Rita me proporcionaram uma experiência única. Sinto que me reinventei como profissional da música, pois desenvolvi maneiras de dar aula de música ainda não trabalhadas por mim. Percebi que, mesmo que as alunas tenham acesso a livros em aulas presenciais e equipamentos eletrônicos nas aulas on-line, é fundamental não só a presença, mas o engajamento do professor para garantir o desenvolvimento musical das alunas.

Bárbara Sales de Holanda
Cuiabá-MT, 27 de janeiro de 2022

Referências

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. Maurice Martenot: educando com e para a música. *In*: ILARI, Beatriz; MATEIRO, Teresa (org.). *Pedagogias em educação musical.* Curitiba: Intersaberes, 2012. p. 157-184.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 12, n. 10, p. 43-51, mar. 2004.

PROFESSORA, EU? UMA NARRATIVA SOBRE SE PERCEBER E SE PERMITIR DOCENTE

Quem divide o que tem é que vive pra sempre.
(Emicida)

Dia desses, ouvindo a música "Quem tem um amigo (tem tudo)", do cantor e compositor Emicida, comecei a refletir sobre a mensagem que a frase traz. Ser amigo é estar para o outro, é se entregar, entender, compartilhar, complementar: dividir para somar e somar para multiplicar. Ser professora também! Esse é o sentimento que resume todo o caminho trilhado ao longo da realização do meu estágio em Música. Posso dizer que concluí essa etapa com um "quentinho no coração" e acreditando ainda mais no potencial humanizador da educação. No entanto, confesso que, antes de iniciar essa trajetória, as expectativas não eram muito boas.

Começar o Estágio Supervisionado no contexto da pandemia parecia algo muito distante, para não dizer assustador. A minha (in)experiência dando aulas, que até então se resumia a monitorias em eventos e cursos de extensão na própria Universidade, foi geradora de inseguranças e de um quase trancamento dessa etapa. Achei que não seria capaz, queria esperar a volta das atividades presenciais para realizar esse trabalho, já que sempre tive grandes expectativas sobre a chegada desse momento em que eu, enfim, poderia começar a exercer e a sentir na pele a minha profissão.

Apesar disso, por tornar-se meu desejo e pelo incentivo de colegas e professores, resolvi encarar o desafio. Assim, surgiu o curso, resultado de uma união entre minha prática como *performer*, a partir do trabalho vocal, e meus anseios por

uma sociedade mais justa, diversa e humana, por meio da abordagem de temas referentes à cultura afro-brasileira: "Cantando a voz de dentro – entre práticas e repertórios da cultura afro-brasileira".

Um pouco sobre o curso: criando, apostando, tornando-me professora

O estágio, etapa obrigatória nos cursos de licenciatura, geralmente tem início no terceiro ano, no curso de Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM). A pandemia deu um jeito de bagunçar tudo isso. Em 2020, comecei o ano letivo – o temido e esperado ano no qual faria o estágio – tendo aulas pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE), o que era uma novidade. Todos estavam em processo de adaptação, tentando entender como as coisas funcionariam dali para frente e, ainda, sem saber por quanto tempo. Com isso, as práticas dos estágios I e II, que seriam na escola, ficaram em *stand by*.

Passou o tempo e... nada: completei o terceiro ano no ERE e entrei no quarto e último ano da graduação também no ERE. Quem imaginaria uma situação dessas? Pois bem, assim foi. E o estágio precisava acontecer. Como disse, nesse momento inicial, inúmeros sentimentos diferentes surgiram, e, mesmo com minha bagunça interna, consegui me organizar e elaborar o curso que denominei "Cantando a voz de dentro: entre práticas e repertórios da cultura afro-brasileira", referente à disciplina Estágio Curricular Supervisionado III, que tem como foco a experiência docente em outros contextos, para além do espaço escolar.

O trabalho ocorreu no período de 29/9/2021 a 1/12/2021, sob orientação da professora Nicole Penteado, totalizando

oito encontros síncronos e dois assíncronos. As aulas aconteciam uma vez por semana, às quartas-feiras, de forma on-line, via plataforma Google Meet, e tiveram como público-alvo pedagogas atuantes na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Como o objetivo principal do curso era proporcionar espaços de vivência musical com a voz por meio do (re)conhecimento de repertórios da cultura musical afro-brasileira, grande parte do trabalho foi realizada mediante atividades práticas, com a utilização de recursos como o corpo, o jogo e gravações de vídeos e áudios. Tudo isso para proporcionar um ambiente mais dinâmico e contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, considerando as limitações com que lidaríamos devido ao formato on-line.

Optei por organizar os encontros da seguinte forma: a parte inicial de cada um deles foi destinada às práticas, nas quais fazíamos exercícios de aquecimento corporal e vocal para, na sequência, focarmos no repertório. O segundo momento era voltado para a contextualização histórico-social das manifestações e canções estudadas e ocorria sempre aos finais das aulas, tempo reservado também para discussões e reflexões acerca dos temas trabalhados.

Essa estrutura foi se consolidando ao longo do curso, conforme eu ia analisando as estratégias que funcionavam ou não e considerando também o número de participantes – cinco, no total – que tiveram presença frequente nas aulas. Apesar de ser um número pequeno de professoras, tive a sorte de tê-las e posso dizer, com certeza, que esse trabalho só funcionou graças a elas, que se mostraram interessadas e ativas desde o primeiro dia.

Sobre se permitir

... dá-me o direito de dizer coisas sem sentido.
De não ter que ser perfeito, pretérito, sujeito, artigo definido.
(Vander Lee)

Nunca imaginei que esses dois meses de aula passariam tão rápido. Em um dia estava conversando com minha amiga – que também estava fazendo estágio – sobre como seria a primeira aula e no outro já estávamos comemorando nossas vitórias e o sucesso dos cursos. Mas, mais importante que olhar para essa conquista, gosto de pensar no estágio como um todo. Foi o processo, a caminhada que me fortaleceu. Olho para trás e vejo como, dia após dia, desde os estudos e planejamentos das aulas até os encontros com minhas alunas às quartas-feiras, eu cresci. E esse crescimento aconteceu, pois me permiti estar completamente imersa no estágio. Eu me permiti aprender, errar, analisar, ouvir, refletir.

Foram semanas e semanas vividas para o curso. Isso porque um dos eixos escolhidos – o trabalho com as manifestações da cultura afro-brasileira – não era familiar para mim e me exigiu um estudo diário. Fiz essa escolha consciente de que teria que me dedicar bastante para oferecer às minhas alunas uma oportunidade de ter um contato significativo com esse universo por meio da música. E, mesmo assim, passeamos pelo jongo, samba, maculelê, capoeira, coco e maracatu, de forma leve.

Desde o início de nossos encontros, fui muito sincera com as alunas-professoras, dizendo que aprenderíamos juntas determinados temas, já que eu não tinha experiências com algumas das manifestações, mas que eu me comprometeria a oferecer ferramentas e possibilidades para que elas pudessem aproveitar o curso. Acredito que o ambiente a que tantas

vezes nos referimos como de ensino e aprendizagem deve ser assim mesmo: um lugar onde possamos ser verdadeiros e nos expressar livremente; onde professores e alunos possam estar confortáveis e se sentir seguros com a presença do outro; um ambiente de vivências a serem compartilhadas e que agregue contribuições às vidas dos estudantes. Para que isso aconteça, precisamos nos permitir construir esses espaços. É um movimento constante que deve estar em nós.

Pela primeira vez, pude me identificar e me reconhecer como professora, como uma pessoa sujeita aos detalhes que envolvem o ser docente e que está aberta a mudanças. Lembro-me do dia em que tive esse "estalo", acho que foi na segunda ou terceira aula do estágio. Uma aluna nova entrou na sala, parei para cumprimentá-la e ela, superanimada e descontraída, naturalmente me disse com um sotaque gaúcho: "Oi, profê! Você que é a profê?". Sem refletir muito, respondi prontamente que sim, mas confesso que, por dentro, pensei: "Quê? Ela está falando comigo? Eu, eu mesma? Professora?". Foi uma sensação estranha e me faltam palavras para tentar explicar um pouquinho do que senti naquele momento. Mas pensem comigo um instante: 1) essa era minha primeira experiência dando aulas; 2) meu primeiro contato com o estágio estava sendo on-line; e, para dar aquele toque final, 3) meu público eram... professoras, pessoas mais velhas que eu, formadas, com uma vivência gigante nas costas. Lembraram? Agora entendem o porquê de eu não conseguir nomear direito meus sentimentos? Foi estranho, mas foi muito bom.

O novo assusta. Por um momento, deixa a gente sem chão, paralisa. Conversei sobre isso em uma das minhas sessões de terapia. Não é fácil encarar aquilo a que não estamos acostumados, mesmo sabendo que precisamos. A

minha experiência no curso não só me lembrou desse "pequeno detalhe", como também me empurrou para a vida, para onde as coisas acontecem. Elas precisam acontecer. Não é perfeito e não tem que ser. A música da epígrafe diz isso, é quase um mantra que repito diariamente. Eu me permiti me tornar professora, dessas reais que às vezes se equivocam, dizem coisas sem sentido, mas que analisam e refletem sobre suas falas e ações em busca do crescimento. Uma professora que não é artigo definido, pois entende que a vida é devir, é fluida, que planos de aula não precisam ser seguidos à risca. Basta a gente se permitir estar, já que tudo faz parte de uma constante inconstância da vida. De inícios e fins.

E fins que são começos

Bem que Emicida falou: "Quem divide o que tem é que vive pra sempre". Lembro com muito carinho dos professores que passaram por mim ao longo de minha trajetória como estudante. Aqueles. Mas Aqueles que ensinavam e tocavam nossa alma junto. Hoje, quase finalizando a graduação, a Licenciatura em Música, ecoam em mim as palavras de apoio que um dia eles me disseram. Eles me construíram não só como aluna, mas também como professora. Isso mostra que, para que haja um ensino de qualidade, ambas as partes devem andar de mãos dadas.

A vida é feita de ciclos. Um deles, meu primeiro estágio, acabou, mas abriu muitas portas para/em mim. Sei que não será uma caminhada fácil, até porque nada é, mas sei também que, a partir do momento em que eu me permitir, as coisas começarão a acontecer. O sentimento do pós-estágio é o de que meu espírito interior pôde se achar novamente. Estaria mentindo se dissesse que as paranoias – "será que é essa a

minha profissão? É isso mesmo que quero da vida?" – não vão mais aparecer. Porém, essa experiência me mostrou que os retornos que recebi de minhas alunas afirmaram que, sim, estou no caminho certo, estou fazendo a diferença, mesmo que singela.

Escrevo com um sorriso no rosto só de lembrar de uma das mensagens trocadas via WhatsApp ou de algumas falas nas aulas: "olha essa reportagem, prof., lembrei de você"; ou "comecei a aplicar a técnica de respiração do canto nos meus exercícios físicos e tem me ajudado muito!"; ou, ainda, "cantei a música que estudamos aqui com meus alunos, e eles amaram!". Poderia demorar horas e horas listando exemplos. A alegria sempre vem. E, assim como uma aluna disse para mim e para as colegas na finalização do curso, falo o mesmo: vou carregar um pouquinho de cada uma delas dentro de mim. É tanto sentimento! O que mais posso dizer? Esse estágio foi uma surpresa. E das boas!

Maria Clara Silva Dias
Piraju-SP, janeiro de 2022

A VIDA NÃO ESPERA. ESTÁGIO NA PANDEMIA

Após três anos cursando a Licenciatura em Música pela UFMA, foram muitos os momentos de aprendizado dentro e fora de sala. Muitas conversas entre colegas, trocas de conhecimentos, experiências (boas e ruins) que tive por conta própria e outras propiciadas em conjunto com os companheiros e companheiras de curso. Professores marcantes de diferentes frentes teóricas, verdadeiros marcos na minha trajetória, que foram essenciais para ampliar minhas habilidades como licenciando. Foram anos até sentir que eu estaria pronto para a etapa final do curso, mas ainda precisaria frequentar no mínimo três semestres a mais – logo quando o desgaste começava a pesar.

A saturação diante da rotina de estudo e do percurso que eu traçava em minha cidade, a cada dia útil das minhas semanas, fazia tudo parecer que seria uma verdadeira "pedreira", como todos os veteranos haviam me alertado até então. Eu deveria produzir meu TCC ao mesmo tempo que deveria cumprir minhas horas de estágio, e assim eu finalizaria minha graduação com apenas um semestre de atraso – um privilégio, diga-se de passagem, pois muitos colegas ficaram estagnados.

O ano de 2019 terminou com uma sensação de insegurança mundial. Já havia indícios de uma possível epidemia de Covid-19 que vinha da Ásia e se alastrava Europa afora, e isso já preocupava as autoridades. Depois do carnaval de 2020, o brasileiro se viu em meio a uma onda de infectados que gradativamente começaram a lotar os leitos dos hospitais. Incorporamos o cenário que aprendemos a chamar de "pandêmico" para não chamar de "inferno": cidades fechadas, comércios fechados, baixa circulação de pessoas nas ruas

devido ao risco de contaminação, afetando drasticamente a economia nacional, aumentando desemprego e a incerteza diante do futuro. Além de tudo isso, criou-se um movimento de mercado que pregava a adaptação das formas de trabalhar e produzir a partir do meio remoto. Isso era previsível, pois, além da necessidade que a elite empresarial/executiva sempre tem em gerar lucro, as pessoas, de fato, ainda precisavam se graduar, se qualificar, crianças precisavam aprender. Adultos precisavam trabalhar para que a "vida não parasse", e, apesar do estigma fatalista que essa última frase possa ter adquirido nesses últimos tempos sombrios, ela é uma verdade inegável. A vida não espera mesmo!

Dito isso, busco neste texto sintetizar minha experiência no estágio supervisionado no Colégio Universitário, campus Bacanga (COLUN-UFMA), que, no meu caso, foi meu primeiro período de estágio obrigatório pela UFMA. Fiquei com a turma do terceiro ano A e, no início, como era de se esperar, eu estava muito ansioso.

Primeiras impressões

Ainda demoraria para que eu de fato começasse a ensinar algo aos alunos. Inicialmente seria um momento de observação, mas sempre me vinha à mente que em algum momento eu teria que reger a aula sozinho. De alguma forma isso me apavorava. No meio de uma pandemia, o sujeito começa a pensar que tudo aquilo que ele aprendeu sobre dar aula – os ensinamentos, os métodos e as brincadeiras que até então não eram, em sua maioria, pensadas para o ensino remoto emergencial – não lhe serviria de nada! Afinal, o ensino naquele momento deveria estar focado no uso mais intenso da tecnologia. Agora, todos deveriam pensar em conhecer

aplicativos de transmissão de chamadas, geradores de formulários para pesquisa ou avaliação, aplicativos de edição de vídeo, de áudio, de imagem, de produção de faixas etc.

A pandemia nos jogou de paraquedas ao mundo digital. Minha forma de ensinar e aprender a ensinar deveria se adequar aos meios tecnológicos dominantes, fazer com que os alunos também se sintam ativos nesse processo é essencial, como está descrito na LDB (1996) ao detalhar as aprendizagens a serem assimiladas no Ensino Médio:

> I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna. II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017).

Até aquele momento, eu nunca havia dado aula. Não me sentia um músico completamente suficiente de conhecimentos técnicos e teóricos para dar aula, então achava que não era para mim – acredito que me sentia assim porque não tive uma boa experiência como aluno. Claramente há questões pessoais mal resolvidas em minha relação com o ensino e com o fato de não me sentir um músico apto a ensinar. Tive esse sentimento antes da primeira aula observada. Depois do contato com os alunos da turma com a qual eu trabalharia, comecei logo a refletir sobre o que eu tinha assimilado por meio daquelas aulas. Considerei os alunos que interagiram, seja pelo *chat* ou ligando o microfone, muito inteligentes! Pensei logo que qualquer proposta poderia ser desenvolvida ali. Talvez esse sentimento seja comum entre os profissionais quando têm o primeiro contato com a turma com a qual vão trabalhar. Percebi que os alunos carregavam uma boa bagagem vinda dos períodos anteriores, falavam muito bem e até reconheciam a presença de elementos que compõem os conteúdos estudados em suas vidas pessoais, como músicas famosas, artistas e filmes.

A partir disso, é natural pensar que eu deveria estar no nível desses alunos. Eu não poderia, em apenas um dia, propor uma aula sobre um assunto que não lhes acrescentasse nada, porque infelizmente não me interessei em compreender previamente os conhecimentos que os alunos já traziam consigo. Nessas minhas primeiras impressões, imaginei que, devido ao horário da aula (o último horário da sexta-feira, de 16h30 a 17h30), seria mais difícil conseguir um nível de foco e disposição semelhante ao dos horários em que não estão tão exaustos. Mesmo sendo a distância, a sequência de aulas ainda devia ser cansativa, mas logo essa questão não se mostrou uma barreira na execução dos trabalhos.

Trabalhar no isolamento

O isolamento aumentou a necessidade do trabalho a distância, e percebemos que somos completamente capazes de desempenhá-lo com a tecnologia que o mundo possui hoje em dia. A estrutura já estava disponível, afinal o ensino a distância já existia, mas, com um investimento do mercado nesse sentido, a mistura desses elementos culminou na institucionalização do ensino remoto emergencial como solução para todos os níveis de ensino. Quando tive a oportunidade de ingressar no estágio e começar a dar aula, eu já havia passado mais de um ano tendo aulas da universidade e fazendo cursos on-line; inclusive, participei do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) também remotamente. Sendo assim, eu já estava um tanto habituado com a situação de ensino remoto. Depois de algumas aulas em que minha participação se limitava a estudar o assunto e pontualmente contribuir com a fala,

buscando acrescentar algo para melhorar a assimilação do conteúdo pelos alunos, finalmente eu regeria uma aula de maneira integral.

Até então, eu continuava tranquilo com relação aos alunos. Busquei me aproximar deles o máximo possível, ligava a câmera para falar e me mostrava presente no chat enquanto o professor explicava a sua matéria. Disponibilizei meu contato aos alunos e me mostrei disposto a contribuir com informações pelo WhatsApp fora do horário de aula – algo que deve ter sido útil quando os alunos precisaram produzir suas próprias canções, por ser uma plataforma que possibilita envio de documentos, vídeos e áudios. No dia da aula, fiz uma exposição sobre as principais plataformas de *streaming* que dominam o mercado e utilizei um artigo que falava sobre a diminuição da duração das faixas que encabeçavam as paradas musicais do momento; nos exemplos que o texto trazia para debater o assunto, levei a faixa requerida.

Conclusões e reflexões

No fim das contas, acredito que a experiência foi muito proveitosa. A participação dos alunos foi essencial para afastar qualquer resquício de nervosismo. Naquele momento, eles mostraram que haviam compreendido a influência que a lógica capitalista exerce sobre as produções artísticas e pareceram gostar das canções escolhidas, tanto das mais antigas quanto das mais recentes. Da forma deles – pelo chat ou ligando o microfone –, acabaram sendo luz-guia dessa experiência. Acredito que finalizar o trabalho pensando mais neles do que em mim é um ponto positivo.

Muitos colegas licenciados se sentiram frustrados com a situação do ensino remoto, afinal muitos esperavam que o

estágio supervisionado fosse o seu momento de ir para a sala de aula e aprender de fato com a prática, como sempre foi recomendado por muitos pensadores da educação. Porém, na minha opinião, antes dos caprichos, existe a necessidade de dar continuidade ao ensino, pois o desenvolvimento de toda a comunidade depende desse trabalho.

Dessa forma, fica claro que de fato "a vida não espera", e hoje percebo a dimensão da importância do estágio em períodos como esse. Acredito que no futuro, devido a toda pesquisa que foi feita, seremos capazes de reagir cada vez melhor aos momentos de incerteza e de limitações extremas, mas eu, particularmente, não reclamaria se pudéssemos voltar logo à normalidade. Nada se compara ao ambiente próprio para o aprendizado, que são as instituições de ensino.

Guilherme Mota Godinho
São Luís-MA, janeiro de 2022

Referências

BRASIL. Lei nº 9394/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União:* Brasília, 23 dez. 1996.

ORIENTADORAS

Nicole Penteado é maringaense de coração. É professora do Curso de Música - Licenciatura em Educação Musical da UEM. Durante a pandemia, estreitou laços com seus amigos, floresceu e até renasceu. Entre suas músicas preferidas nesse período, esteve Quem tem um amigo tem tudo (Emicida).

Sandra Mara da Cunha é casada, mãe da Juliana e do Francisco, professora da Licenciatura em Música, do PPGMUS e coordenadora dos estágios supervisionados em música da UDESC. Em setembro de 2020 viajou pela primeira vez desde o início da pandemia e se deu conta da alegria que é poder sentir o sol na pele, a brisa do mar, e lançar olhares ao longe, até onde a vista alcança.

Maira Ana Kandler é professora substituta no curso de Licenciatura em Música da UDESC, no qual atua como orientadora nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado. Durante a pandemia descobriu muitos aplicativos e plataformas digitais para o ensino de música. Começou a cultivar suculentas e transformou a varanda de seu apartamento em um pequeno jardim.

Marisleusa de Souza Egg tem dois filhos lindos e é casada com um professor músico. Iniciou o doutorado no PPGMUS da UDESC durante a pandemia. Em seu quintal começou o cultivo de um jardim e uma horta, o que colaborou a manter sua mente equilibrada. Gosta de cozinhar e desenvolveu novas receitas. Durante as aulas online conheceu pessoas de outros estados e mantém alguns desses vínculos afetivos até hoje.

Carla Eugenia Lopardo é educadora musical na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) no RS. É apaixonada por ensinar a ensinar música. Adora compor canções para crianças e brincar de ser criança nos projetos que coordena. Na pandemia lembrou que sabia fazer macramê, estudou Tameana e Sound Healing, reconectando com o caminho ao interior.

Bárbara Trelha descobriu na pandemia que conseguia desenhar com nanquim. Trabalha com música e inclusão e, embora, seja doutoranda do PPGMUS da UDESC, prefere se imaginar uma espécie de astronauta desvendando a espaço no campo da pesquisa em Educação Musical. Acredita que ensinar música é uma aventura repleta de constelações. Nas poucas horas vagas, escreve, toca clarinete, filosofa, compõe e cozinha.

DE GRADUANDA A ORIENTADORA: VOLTANDO PARA CASA EM NOVA FUNÇÃO E FORMATO

Raízes de uma professora orientadora

Era 6 de fevereiro, uma tarde quente. Saí da pensão onde moraria durante aqueles primeiros doze meses, andei por entre tantos universitários animados com o início do ano letivo. Aglomeração, distribuição de picolé, alegria. Cheguei ao bloco que ficava em frente à famosa cantina central, depois de me perder na grande universidade da cidade que eu ainda não conhecia, e, de repente, era como se a quietude fizesse morada ali. Parecia mal iluminado, grande demais... Parecia estar me "engolindo", e não havia um só amigo ou familiar. Fiquei por ali nos seis anos subsequentes. Cheguei adolescente, cursei graduação e especialização em Música, fiz bons amigos e conheci grandes mestras da Educação Musical.

Mais tarde, olhei para trás, lembrei das sensações daquele dia e compreendi que se tratava de impressões de uma recém-chegada bastante jovem e que, apesar da disposição e do apoio familiar para viver intensamente o momento de formação profissional inicial, tinha seus anseios, medos, inexperiências. Mas eu fui tão feliz naquele prédio, naquela universidade! Eu cresci tanto, amadureci, tornei-me uma educadora musical! Claro, em processo permanente de formação, mas me fiz e a Universidade Estadual de Maringá (UEM) me fez professora.

Quando o futuro começou a se aproximar

Já em setembro de 2019, finalizando o mestrado, eu soube que haveria um processo seletivo para professores na

universidade que me criou e me viu crescer. Fiz as provas e fiquei em 2º lugar. Talvez fosse chamada dali uns anos, tudo bem. Outra oportunidade bateu em minha porta, e fui ser professora na escola. Eu queria mesmo alongar essa minha experiência. Já havia lecionado no espaço escolar durante alguns anos, mas tinha o desejo de fazer aquilo um pouco mais, sobretudo porque entendia ser condição *sine qua non* para quando me tornasse professora universitária, meu principal objetivo, e estivesse à frente de disciplinas voltadas para o estágio em Música na escola.

De repente, era 2021. O mundo estava de ponta-cabeça, e a minha vida pessoal também. Eu estava na escola, numa tarde comum, e recebi uma mensagem de uma grande amiga: “Está preparada para ser professora universitária?”. Eu vinha me preparando para isso por meio de minha formação profissional, e também era um dos motivos de meu interesse em atuar na escola básica por um tempo, como mencionei. No entanto, nem sempre que me pegava imaginando a possibilidade sentia que poderia ser tão capaz. Tive mestras que admiro muito, e a caminhada parecia ainda longa até que pudesse começar a ser um pouquinho do que elas são.

"O bloco de Música provavelmente estará diferente agora”, pensava. “Eu já não sou mais uma adolescente sozinha em uma cidade nova; conheço o corpo docente; conheço aquele bloco como a palma da minha mão”. Dessa vez, certamente, ele pareceria bem iluminado, sonoro, familiar. Eu estaria entre os meus e em casa. Lar, doce lar! Mas não havia bloco de Música. Não havia colegas de trabalho na sala ao lado. Não havia sala. Agora lidávamos com um ambiente virtual e, na hora da aula, apertávamos um botão com o *mouse* para aceitar a “entrada” do estudante. Tudo, ou quase tudo, era novo de novo, mas não era escuro, nem frio, nem maior do

que eu. Era só novo, e eu já estava mais madura e segura, e também feliz e pronta para começar!

Um ofício duplamente novo

Os estágios do curso de Licenciatura em Música da UEM são organizados de maneira seriada. Assim, as turmas de 3º ano realizam o Estágio Escola, enquanto o Estágio Comunidade é desenvolvido no 4º ano. As estagiárias realizaram o Estágio Comunidade durante o período de aulas remotas. O formato era diferente daquele que vinha sendo desenvolvido até então.

Foram propostos cursos on-line integrados a um programa de formação de professores e de apoio à Educação Básica, realizados no segundo semestre de 2021. O contato das estagiárias com a escola não seria direto, mas elas estariam junto daqueles que estão na escola, fazendo-a acontecer.

A princípio, as alunas não queriam fazer seus estágios. Estavam inseguras, receosas, preferiam esperar pela oportunidade de desenvolver as práticas de ensino presencialmente. O trabalho da coordenadora de estágios foi intenso e cuidadoso: buscou por parcerias até encontrar a melhor forma, possível para aquele momento, de realização dos estágios; esteve sempre pronta para conversas com as estudantes, sem fazer imposições, mas mostrando caminhos e empatia; representou amparo, e isso foi indispensável para que eu, professora iniciante na universidade, no estágio, no papel de orientadora, me sentisse também confiante para desenvolver o meu trabalho. A coordenação deixou o terreno pronto para o plantio, orientou-me com relação aos anseios das alunas e aos encaminhamentos do trabalho, tivemos e

encontros on-line em que conversamos sobre os estágios, e eu me sentia preparada para começar. Acolhimento. Vamos juntos.

Eu tive duas orientandas, que propuseram trabalhos com temáticas bastante distintas. Busquei também ter um olhar de empatia, cuidado e respeito para com minhas alunas, sobretudo considerando o delicado momento pelo qual o mundo passava, cenário em que se dariam suas práticas e os desafios próprios daquele contexto e formato de trabalho. Para mim, essa era a hora de a instituição demonstrar a que vem: educar. E se a instituição somos nós, professores, além dos estudantes e demais servidores, esse era meu papel, o que incluía demonstrar apoio às alunas.

Além do novo ofício – que envolvia as aulas, os estágios, as orientações –, havia um desafio em meu desafio: ser professora no modo remoto. Eu havia começado a dar aulas dois meses antes. Além disso, de certa forma, sou uma professora jovem, com idade próxima ou inferior à de alguns de meus alunos da graduação. O contexto era esse, e meus sentimentos tinham relação com ele. Eu me perguntava se seria capaz, se estaria preparada para trilhar, junto às estagiárias, um caminho bem pavimentado; se aprenderia tanta coisa nova tão rapidamente. Havia anseios, pressão sobre mim mesma, mas, sobretudo, muita vontade de acertar.

Eu, assim como minhas alunas, não sabia bem o que era o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Elas estavam inseridas nesse modelo há poucos meses, e eu acabava de chegar à universidade. O ERE é diferente do EaD. No Ensino a Distância, em resumo, existe uma plataforma preparada para esse formato, com material didático desenvolvido, com tudo planejado previamente. O ERE, como o próprio nome diz, era

emergencial e sua concepção, da mesma forma, foi concebida às pressas. Esse era o cenário em que as estagiárias e eu precisaríamos fazer nossos trabalhos: orientar e ser orientada, sem que nos conhecêssemos pessoalmente; desenvolver material para as aulas; aprender a usar o Google Meet e suas ferramentas; ser professora (no meu caso e no delas).

O ensino remoto facilita um acompanhamento mais próximo do trabalho do estagiário, e eu aproveitei isso. Buscava estar presente na maioria das aulas, participando das atividades ou apenas "no canto da sala", de microfone fechado. Se minha aluna precisasse de ajuda, ali estaria eu. Fui sempre muito amparada por minha professora de estágio e, depois, senti-me muito bem-vinda por minhas colegas de profissão, que foram minhas mestras ontem mesmo. Elas moldaram uma educadora que, com seu exemplo prático de como ensinar para a vida, queria também ser alicerce para suas alunas. Assim como me senti cuidada, queria também que o estágio daquelas pessoas fosse significativo para sua formação e para suas vidas.

As estagiárias propuseram seus cursos, que contaram com 10 aulas cada, acontecendo entre setembro e novembro de 2021, entre 19h e 21h, semanalmente. Professoras e professores em capacitação, integrantes dos cursos, com formações diversas, desde pedagogas a professores de arte e/ou música, enfrentavam um dia todo de trabalho e compromissos e participavam das aulas à noite. Eu admirava sua disposição para aprender, para estar ali e, a cada encontro, reafirmava a mim mesma meu compromisso de trabalhar junto às alunas de estágio para que oferecessem a melhor aula que pudessem.

Acredito que a música esteja entre os ofícios mais desafiadores de se trabalhar através da tela. Tratando-se de

uma arte, e por conta de suas especificidades, requer movimento, toque, corpo, percepção sonora... Eu vinha sendo professora através do monitor. As estagiárias trabalhavam com professores que, assim como qualquer estudante, tinham seus anseios com o formato on-line. Os professores em capacitação tinham alunos também na mesma situação. Todos nós vivenciávamos o contexto da educação on-line.

Quando não tenho experiência com um ofício, prefiro me preparar em dobro. Isso me deixa mais segura, mais satisfeita comigo mesma, e era assim com as estagiárias. Eu assistia às suas aulas on-line com olhares múltiplos, buscando enxergar, pescar e anotar tudo que pudesse contribuir para nossa orientação e, consequentemente, para suas práticas de estágio. Buscava pinçar de tudo – coisas de ordem pedagógica, musical, algo importante que um professor dissesse, informações referentes às presenças dos participantes, momentos que sugerissem ideias para as próximas aulas –, e havia vários diagnósticos por aula: sobre o que poderia melhorar, o que poderia mudar, o que estava no caminho.

As "leituras" que eu fazia durante as aulas das orientandas me deixavam contente comigo mesma. Muitas vezes me via nelas, estagiária em meados de 2015. Sentia-me como uma musicista experiente que assiste à própria gravação de um recital antigo e encontra detalhes de sua performance, sem dificuldades, enxerga o que já conseguiu melhorar, pontua o que precisa aprimorar. Era como acontecia quando eu “laudava” cada aula das estudantes. “É, sou professora mesmo”, pensava. Ficava num orgulho só. Abraçava de novo meu diploma, minha escolha, minha profissão.

Batia os olhos em um planejamento, projetava a aula imaginariamente e sabia o que daria certo e onde era preciso mais atenção. Comparava minhas habilidades de orientadora

com minhas deficiências de quando orientanda. Recordava minhas vivências como professora de escola e agradecia a mim mesma por ter me dado aquela chance, pois aquelas práticas estão nas minhas habilidades docentes hoje. Tenho sido capaz do que não sabia que seria. Olhava para minhas anotações, refletia sobre a orientação que teria com as alunas e conseguia me fazer professora orientadora.

Em outros momentos, me peguei me boicotando. "Será que eu estou fazendo a diferença mesmo? Será que tenho dado conta de ser uma professora orientadora? Não fossem as orientações, o trabalho das meninas ainda não seria o mesmo ou, pelo menos, não seria bom o bastante? Será que minha orientação tem se feito necessária e cumprido com seu papel?". Às vezes, somos duros com a gente mesmo, mas, na medida certa, entendo que isso é necessário, porque, estivesse eu sempre satisfeita comigo, não buscaria por mais. Minha experiência, portanto, se fez de questionamentos, dúvidas, mas também de busca, reflexão e ação!

As alunas concluíram seus estágios com sucesso. Inúmeros professores em capacitação foram positivamente impactados, seu feedback foi unanimemente positivo com relação ao aproveitamento do curso e à qualidade das aulas das estagiárias; as estudantes deram seus depoimentos de alegria e satisfação com a experiência.

Eu considero que essa minha primeira vivência como orientadora de estágio teve também seu sucesso. Meu principal objetivo tem sido atingido: ser uma orientadora-alicerce e garantir que as estudantes tenham experiências significativas para sua formação como professoras. O resultado poderia ser "apenas" esse e eu já estaria feliz, mas ele foi para além disso. Eu comecei a aprender a ser professora universitária sendo professora orientadora; os primeiros passos foram dados, e não pisei em falso.

A experiência de lidar com o ensino remoto foi única. Eu não tive essa oportunidade enquanto estudante, e o modelo também não fez parte de minha formação para ser professora. Assim, eu, como muitos professores brasileiros e de todo o mundo, aprendi na prática, no "susto", a trabalhar com o ensino remoto e entendo que esse é, agora, mais um recurso que podemos utilizar em nossas práticas. Além disso, eu jamais me imaginara preparada para ser professora no formato EaD caso a oportunidade surgisse um dia, e agora essa é uma opção.

A hora chegou e aqui estou eu, trilhando meu novo caminho e, com esforço e dedicação, podendo vê-lo florir. Pretendo seguir a vida, por um longo tempo, na profissão que escolhi, vivendo meu sonho adolescente. Existem muitas profissões no mundo, mas, para mim, hoje, poder fazer parte de uma universidade pública, contribuir para formar professores, é a que faz mais sentido, é um ato político, é a mais bonita.

Nicole Penteado
Maringá-PR, janeiro de 2022

CADÊ O ESTÁGIO QUE ESTAVA AQUI?

Olhei retrospectivamente para estágios que orientei no primeiro semestre letivo de 2020 e no segundo semestre de 2021 para escrever este relato. A mirada para a ação docente trouxe à tona pensamentos e sentimentos vividos na situação emergencial de encontros remotos realizados a partir de casa. No processo de revisitar o passado recente, emergiram reflexões que misturam os âmbitos profissional e pessoal, embaralhados na morada que também se tornou espaço de trabalho.

Afastamento e aproximação são palavras que me parecem sintetizar o que foi ser professora nesse tempo pandêmico, com sua insistência de desafiar a vida e a docência. O isolamento social converteu as idas e vindas à universidade e aos campos de estágio em uma constância de muito tempo passado em frente às telas, em salas virtuais acessadas por muitos links.

Tendo a situação descrita acima como pano de fundo para essa escrita, fiei-me na ideia de que seria oportuno refletir sobre limitações e aprendizagens, minhas e também de orientandos, provocadas por nossas atuações no formato de aulas remotas e híbridas. Esse debruçar-me sobre o vivido traz também pontos importantes que foram objeto de discussões na condução da formação profissional docente que aconteceu no trânsito entre orientações e atuações de estudantes nos campos de estágio.

É importante destacar que penso este texto como um terceiro debruçar-me sobre estágios de música na pandemia. Uma primeira investida em pensar o assunto foi o relato de experiência que escrevi em coautoria, apresentado em congresso da Educação Musical no final de 2020 (MATEIRO;

CUNHA, 2020). Em seguida ao evento, as discussões foram ampliadas e resultaram em artigo publicado em periódico científico da área (MATEIRO; CUNHA, 2021).

Voltando a este relato, a primeira lembrança que me vem à mente é de animação no primeiro semestre de 2020. Depois de tratativas feitas ao longo de 2019, finalmente a Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Coloninha[1] seria um campo de atuação para alunos que cursavam as disciplinas Estágio I e II da Licenciatura em Música, das quais sou professora. Os alunos dessas duas disciplinas desenvolvem estágios em contextos de educação não formal como corais, grupos de prática de música popular e de tradição oral, com a possibilidade de estagiar em escolas públicas de educação básica da cidade de Florianópolis e do seu entorno.

Com a definição da dupla de estudantes que trabalharia no novo campo, fui com eles à sede da Coloninha para conversar com membros da Velha Guarda Musical, da diretoria e com o mestre da bateria, supervisor do estágio. A noite estava agradável e ficamos do lado de fora da quadra da Escola conversando sobre o plano de trabalho que seria ali desenvolvido. Voltei para casa pensando nas trocas de saberes musicais que poderiam acontecer naquele campo de estágio, temática que abordaria na próxima reunião de orientação. Mas, antes que ela pudesse acontecer, foi decretada a suspensão das aulas na UDESC.

- *Cadê o estágio que estava aqui?* - eis a pergunta que me veio à mente naquele momento e que não consegui responder. Apesar de ter a certeza da necessidade do isolamento social, confesso que o período inicial da pandemia foi difícil de viver; as incertezas me tomaram de assalto.

[1] A Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Coloninha foi fundada em 10 de janeiro de 1962. Sua sede está localizada no bairro Coloninha, na parte continental de Florianópolis (SC).

Sozinha em casa, voltei-me para meu pequeno mundo doméstico: pintei paredes, fiz novas mudas de plantas, cuidei da casa enquanto aguardava os acontecimentos.

Poucos dias depois, o trabalho remoto substituiu o presencial na universidade. Aulas e estágios levaram um tempo maior para recomeçar, dado que foram muitas as discussões em torno do assunto e da preparação para a volta. A data, 22 de junho de 2020, ficou gravada na minha memória.

No intervalo de três meses entre a suspensão das aulas e a retomada das mesmas no novo modelo, envolvi-me com colegas das disciplinas da Educação Musical nos debates sobre a continuidade dos estágios. Ainda que naquele momento eu não soubesse dimensionar como seria fazer e orientar estágios no modo on-line, defendi-os porque era preciso manter o que julgava importante, ainda mais naquele momento: a relação pedagógica com orientandos.

Alguns estudantes decidiram não continuar o estágio, preferiram esperar a volta ao modelo presencial. Esse foi o caso da estagiária e do estagiário que estava orientando na escola de samba Coloninha. Alguns estagiários que optaram pela continuidade tiveram que mudar de campo, dado que escolas de educação infantil e todos os contextos de educação não formal foram descontinuados. Escolas públicas de educação básica de todos os âmbitos governamentais foram os espaços que receberam estagiários da Licenciatura em Música da UDESC nesses dois anos de pandemia.

Ao desafio inicial de fazer estágio por meio de plataformas digitais de ensino em 2020, modalidade que de certo modo os orientandos já dominavam, no segundo semestre de 2021 outra adversidade veio se somar: o estágio em modelo híbrido. Alunos e supervisores já estavam na escola, mas os estagiários permaneceram dando aulas a partir de suas casas.

Os relatos davam conta de dificuldades envolvendo principalmente a escuta. Falas de crianças e jovens nem sempre eram compreendidas, dificultando a comunicação dos estagiários com eles. Professoras supervisoras muitas vezes tiveram que repetir a orientandos o que tinha sido dito por seus alunos, colocando-se bem próximos aos microfones e telas dos computadores de suas salas. Em relação à linguagem musical, o inconveniente não foi menor porque sons não eram ouvidos com nitidez, como os graves, por exemplo. Nesse caso, não houve como remediar a situação. A única solução era nos conformar e buscarmos as alternativas possíveis com os orientandos.

Um tema presente nas conversas com orientandos foi sobre o que vivenciaram e conheceram da realidade que a pandemia colocou a descoberto nas escolas públicas: a desigualdade social brasileira. Entendo que formar professores de música significa desenvolver com eles, também, a consciência de que educar é um ato político que pressupõe a compreensão do momento histórico e dos contextos sociais nos quais atuam. A todo momento orientandos relatavam a invisibilidade de crianças e adolescentes que não puderam acompanhar as aulas, pois suas famílias não dispunham de computadores ou smartphones ou não tinham acesso à internet. Alguns de seus alunos receberam atividades impressas, mas esse processo foi instável - e não foi pequena a parcela daqueles que ficaram completamente fora da escola. O direito à educação, apesar de previsto no artigo 225 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), infelizmente não foi plenamente garantido.

Por outro lado, foi gratificante testemunhar o comprometimento de estagiários que orientei nesse tempo pandêmico. Elas e eles não mediram esforços para apoiar

professores supervisores sobrecarregados com tantas demandas. Ministraram aulas trazendo seus saberes musicais e pedagógicos, elaboraram material de apoio didático em formatos digital e impresso e colocaram em ação o conhecimento acerca do uso de recursos tecnológicos - como gravações, edição de áudio e vídeo.

Para finalizar esse relato sobre a experiência de orientadora em modo on-line, destaco dois pontos que considero importantes de serem trazidos nessa reflexão. O primeiro deles é sobre o quanto as tecnologias digitais foram essenciais para garantir a relação pedagógica e humana desde o princípio e reconhecer que continuarão como uma possibilidade de apoio à ação docente. Plataformas de reuniões virtuais me permitiram estar com estudantes e acompanhar o trabalho que desenvolveram em seus campos de estágio, tornando possível pensar com elas e eles sobre questões pedagógico-musicais, trocar conhecimento, saberes e ideias, além de podermos falar sobre nós mesmos. Os encontros virtuais possibilitaram ouvir e conversar sobre questões pessoais e existenciais que afetaram estudantes e a mim mesma.

O segundo ponto responde à pergunta "Cadê o estágio que estava aqui?". A experiência vivida e refletida sobre orientações de estágios no formato remoto é que eles entraram no lugar de orientações e estágios presenciais como forma de atender a uma situação de emergência, e assim devem ser entendidos. Eles não substituem o modo anterior (e futuro, espero), porque falta às virtualidades o que considero fundamental quando falamos em educação: o encontro uns com outros, em presença. É ausente a presença que o modelo remoto promove, com ele as muitas formas de escuta ficaram seriamente comprometidas; elas são essenciais na educação

musical. Tanto a escuta que se volta para sons e músicas como a que confere à atividade docente um dos seus grandes compromissos – o de estar aberto à escuta das vozes envolvidas no ato educador: de orientandos, no meu caso, e das vozes infantis que estagiários têm cada vez mais ouvido e considerado em suas aulas nas escolas-campo desde antes da pandemia.

Foi também com base em escutas e diálogos que estabeleci com cada estagiária e estagiário nesse período que também pude exercer minha voz e minha razão docente de ser. Essa razão é a que busca promover uma formação de professores de música que pensam seu importante papel na construção de uma sociedade brasileira mais inclusiva e participativa, tendo a música como razão dos encontros.

Sandra Mara da Cunha
Florianópolis-SC, fevereiro de 2022

Referências

BRASIL. Presidência da República. *Constituição da República Federativa do Brasil.* 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 fev. 2022.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Estágios curriculares supervisionados em música: uma aventura incerta. In: Encontro Regional Sul da ABEM, 19, 2020. *Anais eletrônicos [...] [S. l.]:* ABEM, 2020. p. 1-13. Disponível em: http://abem-submissoes.com.br/index.php/RegSul2020/sul/paper/viewFile/407/427. Acesso em: 12 fev. 2022.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Escola para além do digital: reflexões sobre os estágios na formação docente em música. *Revista da ABEM,* v. 29, p. 161-177, 2021. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1023. Acesso em: 12 fev. 2022.

ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIOS DURANTE A PANDEMIA: OS DESAFIOS IMPOSTOS PELO ENSINO REMOTO

Breve introdução

Iniciei o ano de 2020 com muitas expectativas e planos que esperava há algum tempo para pôr em prática. Imaginava que seria, pelo menos para mim, um ano mais tranquilo. Isso porque 2019 havia sido um ano de muitas mudanças e readaptações: voltei a morar em Florianópolis depois de residir quatro anos em Porto Alegre, concluí o doutorado e defendi a tese em agosto. No mesmo mês, fui chamada para assumir uma vaga como orientadora de estágios e professora substituta na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), assumindo as atividades quando o semestre letivo já havia iniciado.

No ano seguinte, tive mais tempo para me organizar e planejar em relação ao trabalho. O primeiro semestre letivo de 2020 iniciou em meados do mês de fevereiro, os estagiários haviam escolhido seus campos de atuação e estavam se preparando para iniciar as observações. No entanto, no dia 16 de março, assim como outras tantas instituições de ensino no país, a UDESC suspendeu suas atividades em função da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 (Covid-19). O período de suspensão das aulas na universidade, que inicialmente supúnhamos que fosse curto, se estendeu por cerca de três meses.

Durante esse intervalo de tempo, além de cursos de capacitação para uso de recursos tecnológicos a serem utilizados nas atividades de ensino, mesmo não tendo a certeza de que a realização dos estágios seria permitida

durante a pandemia, fizemos reuniões entre as professoras da equipe de estágio curricular supervisionado, a fim de pensarmos como viabilizar, da melhor forma possível, esse momento formativo, que, parafraseando Mateiro (2009), é um ponto central para a formação docente dos licenciandos.

No ano de 2020, os estagiários que estavam sob minha orientação, em sua maioria, atuariam em contextos não escolares de ensino e aprendizagem de música, como corais, grupos de canto e bandas de instrumentos de sopro. Em virtude da pandemia e das restrições sanitárias e epidemiológicas adotadas, todos os grupos nos quais os estágios aconteceriam suspenderam suas atividades, e somente um coral retomou seus ensaios de forma on-line depois de algum tempo de inatividade.

Com a impossibilidade de realizar as atuações em contextos não escolares de ensino e aprendizagem de música, precisamos realocar os licenciandos que concordaram em realizar o estágio remotamente. Contando com a parceria de professores de música de instituições de ensino em diferentes cidades, entre julho de 2020 e fevereiro de 2022 – período que compreende três semestres letivos da UDESC –, os estágios foram realizados em escolas públicas de educação básica, municipais e federais e também em turmas de ensino médio de institutos federais (para mais informações, ver MATEIRO; CUNHA, 2021).

Nesse processo de mudança dos campos de estágio, percebi, por parte dos licenciandos que atuariam inicialmente em espaços não escolares de ensino de música, certa decepção por não poderem realizar o estágio nesses contextos. Como orientadora, busquei apresentar pontos positivos dessa mudança e motivá-los em relação à docência nas escolas, ao mesmo tempo em que compreendia essa

decepção. A atuação em contextos não escolares é geralmente esperada pelos licenciandos, pois, na maioria dos casos, a prática pedagógico-musical é realizada em áreas nas quais eles têm maior afinidade.

A organização do ensino nos campos de estágio

Os formatos de atividades de ensino adotadas pelas instituições nas quais orientei a prática docente dos estagiários foram variados. No primeiro semestre de estágios em modo remoto, algumas escolas optaram por realizar as atividades de ensino de forma assíncrona, ou seja, o material elaborado por cada professor era postado nos *sites* institucionais da escola e/ou impresso e retirado pelas famílias nas escolas, para depois ser devolvido para acompanhamento e correção dos professores. Outras instituições optaram por um modelo misto, com aulas síncronas quinzenais, alternadas com atividades assíncronas, postadas em plataformas institucionais, como o SIGAA[1]. Tivemos também escolas que realizaram aulas síncronas semanais e complementavam a carga horária por meio de atividades assíncronas postadas no MOODLE[2].

Nos semestres seguintes (primeiro e segundo semestres letivos de 2021), buscamos por campos de estágio nos quais a atuação pudesse ser realizada semanalmente e de forma síncrona. Isso porque, em 2020, nas instituições em que as

[1] Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. É um espaço para gerenciamento de disciplinas e de todas as informações relativas à vida acadêmica do aluno.

[2] Plataforma de aprendizagem projetada para fornecer a educadores, administradores e alunos um sistema seguro e integrado para criar ambientes de aprendizagem personalizados.

atividades foram realizadas somente de forma assíncrona, o contato dos estagiários com os estudantes se mostrou quase inexistente. Além de as atividades serem assíncronas e de não haver contato direto entre os estagiários e os estudantes, pouquíssimos alunos devolviam o material que haviam recebido para que fosse corrigido pelos professores e/ou estagiários. Essa falta de retorno gerava frustração e insegurança nos licenciandos, pois era praticamente impossível saber se as atividades propostas eram compreendidas e/ou realizadas pelos estudantes.

A partir do primeiro semestre letivo de 2021, muitas escolas já estavam realizando as atividades de ensino de modo híbrido, com estudantes que participavam das aulas presencialmente e outros que assistiam às aulas por meio de videochamadas. Esse formato possibilitou que os estagiários tivessem mais contato com os estudantes, maior retorno em relação às propostas que estavam desenvolvendo e, consequentemente, deu mais ânimo para os licenciandos. Vale esclarecer que, durante os três semestres de estágio, os licenciandos atuaram de forma on-line, ministrando as aulas por meio de videochamadas.

A cada semestre de estágios, deparamo-nos com novos desafios relacionados, principalmente aos formatos nos quais as aulas eram realizadas. Nesse processo, pude acompanhar a busca constante e a preocupação dos licenciandos em superar esses desafios. Juntos, buscávamos formas de proporcionar uma experiência docente significativa para os estagiários e também para os estudantes das escolas.

A impossibilidade do encontro

Penso que um dos maiores desafios impostos pela pandemia foi lidar com a distância física, com a impossibilidade

do contato humano, do convívio entre as pessoas. Conseguimos realizar diversas atividades sem nos encontrarmos fisicamente, como a pandemia nos mostrou. No entanto, considero que "o ensino envolve, pois, um encontro humano. Porque ensinar é, em definitivo, participar no processo de formação de outra pessoa, tarefa que só pode ser feita em um sentido pleno *com* esse outro" (BASABE; COLLS, 2010, p. 146, grifo dos autores).

Ser professor envolve estar em contato com nossos alunos, requer proximidade, encontro, convivência, construção de vínculo afetivo. Não aprendemos a ser professores somente dando aula. Nós nos formamos como docentes experienciando o dia a dia da escola, tendo contato com nossos alunos não só durante as aulas, mas também em outros tantos momentos da vida escolar. Aprendemos a ser professores também conversando e trocando experiências com outros docentes da escola, nos intervalos entre as aulas, nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe.

A pandemia cerceou a possibilidade desses encontros, da convivência e a contribuição dessas experiências para a formação docente de nossos licenciandos. Dessa forma, orientar a prática docente de licenciandos em Música durante a pandemia, em meio a formatos diversos de ensino e à impossibilidade de os estagiários estarem presencialmente na escola, mostrou-se uma tarefa desafiadora. Desde os primeiros encontros de orientação com os estagiários, refletimos sobre como viabilizar, da melhor forma possível, o ensino de música e o fazer musical por meio de videochamadas em plataformas digitais que não foram pensadas para esse fim. Também nos preocupamos em como promover maior aproximação entre os licenciandos e os

estudantes das turmas nas quais o estágio era realizado, além de desenvolver diferentes estratégias e atividades para incluir aqueles estudantes que não tinham acesso às aulas on-line, principalmente por falta de recursos tecnológicos e financeiros.

Mesmo com todo planejamento, preparação e reflexão sobre as atuações, durante todo o período de realização dos estágios de modo on-line, foram vários os momentos em que, durante as orientações semanais, os estagiários relatavam sobre a sua frustração em relação à impossibilidade de atuar presencialmente nas escolas e de não terem a experiência de estar dentro da sala de aula conhecendo os estudantes pessoalmente e interagindo com eles. Lamentavam toda a situação que estávamos vivendo, ao mesmo tempo em que mostravam estar conscientes de que haviam escolhido, por diferentes motivos e demandas pessoais, realizar o estágio no contexto da pandemia e que, por isso, precisavam encontrar formas de lidar com os desafios que surgiam. Nesses momentos, eu procurava acolher as suas angústias, ao mesmo tempo em que buscava apontar situações positivas ocorridas durante o estágio, a fim de incentivá-los a seguirem adiante.

Ao longo das orientações, também várias foram as conversas sobre a dificuldade que os estagiários tinham em ter o retorno e/ou perceber a reação dos estudantes em relação aos conteúdos e atividades propostas durante as aulas. Principalmente nas turmas nas quais professor supervisor, estagiários e estudantes estavam de modo on-line, os estudantes raramente abriam suas câmeras ou os microfones para interagir com os estagiários e/ou com os colegas. A participação dos estudantes, quando acontecia, era por meio do *chat*, fazendo breves comentários sobre o conteúdo tratado ou então respondendo às perguntas feitas pelos estagiários.

Já nas turmas nas quais os estudantes estavam presencialmente nas escolas e os estagiários ministravam as aulas por meio de videochamadas, o desafio era conseguir ouvir os estudantes. Por conta do uso das máscaras e também de limitações técnicas dos equipamentos de áudio e vídeo das escolas, muitas vezes o som chegava para os estagiários de forma "cortada" ou embolado. Outro problema recorrente eram as oscilações no sinal de internet, que faziam com que a imagem travasse e/ou os estagiários perdessem por alguns instantes o contato com os estudantes. Mesmo com a mediação e ajuda dos professores supervisores em sala de aula, todas essas situações atrapalhavam o fluxo da aula, além de gerar desgaste psicológico nos estagiários.

Durante todo esse período, acompanhei a preocupação e o zelo dos estagiários em relação à qualidade do trabalho que buscavam desenvolver nas escolas onde atuavam. Procuramos enfrentar juntos os desafios que a pandemia e o ensino remoto impunham à prática docente, buscando diferentes estratégias para contorná-los. Algumas foram mais acertadas, facilitando o desenvolvimento das propostas pedagógico-musicais e contribuindo para maior interação entre estagiários e estudantes. Outras estratégias, ao se mostrarem ineficientes ou não contribuírem com o resultado desejado, foram logo descartadas.

Considero que todos os desafios enfrentados pelos estagiários, os "acertos" e os "erros" experienciados ao longo desse período, contribuíram para a sua formação como futuros professores reflexivos, criativos, determinados a proporcionar experiências pedagógico-musicais significativas aos educandos; além disso, eles se mostraram sensíveis às necessidades e dificuldades de seus alunos. Como

orientadora, sinto-me grata por ter participado desse processo, com o qual também aprendi muito e cresci pessoal e profissionalmente.

Maira Ana Kandler
Florianópolis-SC, janeiro de 2022

Referências

BASABE, Laura; COLS, Estela. La enseñanza. In: CAMILlONI, Alicia (comp.). *El saber didáctico.* Buenos Aires: Paidós, 2010. p. 125-161.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Escola para além do digital: reflexões sobre os estágios na formação docente em música. *Revista da Abem,* v. 29, p. 161-177, 2021.

MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (org.). *Práticas de ensinar música:* legislação, planejamento, observação, espaços, formação. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CRIANDO SOLUÇÕES PARA O INESPERADO

Era verão, as janelas abertas nos permitiam ouvir a agitação dos carros pela rua, mas isso não interferiu no entusiasmo dos alunos no primeiro encontro, que ocorreu no dia 12 de março de 2020. Os estudantes demonstravam boas expectativas sobre as possíveis escolas que os receberiam como estagiários. Um mapeamento já tinha sido encaminhado à turma para a escolha dos campos de atuação.

No entanto, já se ouvia rumores de que algo não andava bem mundo afora. Uma síndrome respiratória desconhecida fora detectada em Wuhan, na China, e a Organização Mundial da Saúde foi informada em 31 de dezembro de 2019. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS publicou um informe alertando para o grave problema de saúde pública que se tornava uma ameaça mundial (WHO, 2020). Segundo o parecer nº 05/2020 do MEC, "A OMS declarou, em 11 de março de 2020, que a disseminação comunitária da COVID-19 em todos os Continentes a caracterizava como pandemia. Para contê-la, a OMS recomendou três ações básicas: isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social" (BRASIL, 2020, p. 1). Em 17 de março, o Ministério da Educação emitiu portaria autorizando as Instituições de Ensino a substituir atividades presenciais por atividades remotas emergenciais.

Em decorrência desse cenário que inesperadamente afetou a todos nós, eu, como uma das professoras dos Estágios Supervisionados II e III das turmas – 3ª série/2020 e 3ª e 4ª séries/2021 do curso de Licenciatura em Música da UNESPAR, campus de Curitiba II –, busquei compreender as mudanças ao longo dos primeiros meses e como minhas atividades

docentes poderiam ser redimensionadas. No primeiro semestre, os alunos foram desafiados com leituras, debates, discussões e apreciação de documentários. Sem o campo da prática (as escolas), realizamos atividades pedagógicas musicais apenas com a presença virtual dos alunos.

Nesse primeiro momento estávamos receosos e assustados à espera do que aconteceria. Com a suspensão das aulas nas escolas da rede pública de educação básica, ficaríamos sem as atividades presenciais de estágio. Discussões foram feitas em reuniões de colegiado do curso de Licenciatura em Música, e alguns encontros ocorreram entre docentes e discentes para refletir sobre essa situação.

Tomar decisões e criar soluções

No segundo semestre de 2020, o planejamento foi remodelado. Continuamos no modo virtual e repensamos como os alunos poderiam colocar em prática o estágio curricular supervisionado.

A partir do dia 13 de abril, iniciou-se a transmissão das videoaulas pelo canal 9.2 Paraná Turismo e pelo canal TV Escola Curitiba, no YouTube, para os alunos da rede pública. Essas videoaulas eram transmitidas conforme a grade horária definida, mas no YouTube as gravações permaneceram disponíveis on-line. O estado optou por contratar algumas pessoas para gravar as aulas, portanto os alunos de estágio das licenciaturas não puderam participar das videoaulas. Em função disso, uma colega sugeriu um contato com a escola privada onde trabalhava. Todo o trâmite foi feito, e o retorno foi positivo. Fomos acolhidos por essa escola, que oportunizou uma nova forma de estágio.

Em virtude do isolamento social, a escola não permitiua entrada dos estudantes. Ficou combinado que enviaríamos videoaulas semanalmente à supervisora. Após as indicações dos temas propostos para cada série, iniciou-se a organização dos Planos de aula, das pesquisas e das discussões em torno de cada temática. Em seguida, era feita a estruturação do roteiro para as gravações. Os alunos e eu falávamos diariamente pelo grupo de WhatsApp, revendo dúvidas e questões sobre o planejamento e roteiro. Após as atividades serem revisadas, eram devolvidas com observações para que continuassem as gravações finais.

Confesso que essa fase inicial não foi nada fácil. Da equipe sob minha orientação, apenas uma aluna tinha experiência com edição de vídeos, então ela se dispôs a colaborar. À medida que as videoaulas ficavam prontas, as equipes me enviavam para novas sugestões; se fosse necessário, seguiam indicações de cortes ou acréscimos, como a correção de alguns trechos que apresentavam diferenças no resultado das gravações e do volume. Começamos a perceber que a luz, o cenário, a entonação de voz, o vestuário e o visual influenciavam significativamente na qualidade do vídeo. O conteúdo apresentado deveria ser criativo, lúdico e leve. Outras questões foram observadas, como: situar o contexto do tema; atentar à pronúncia de palavras estrangeiras e a termos musicais; como se referir a determinadas obras e compositores; interagir com os espectadores; falar pouco e ilustrar os exemplos abordados com imagens. Comparando-se a uma aula presencial de 45 minutos, a duração das aulas pré-gravadas era mais curta, de 7 a 10 minutos, tornando mais complexo expor alguns temas solicitados pela escola.

Neste contexto, observei que o estágio estava abarcando questões que em aulas presenciais não seriam percebidas. Em discussões com os estudantes – inclusive algumas calorosas,

por ter participantes mais comprometidos do que outros na equipe se envolvendo nas edições e nos roteiros –, precisei reconsiderar os combinados, como ajustes entre as equipes para que o trabalho ocorresse com tranquilidade.

Os estagiários realizaram pesquisas em diversas plataformas, verificando quais os melhores aplicativos para editar e como aprender a gravar as videoaulas. O processo de edição era demorado e custoso – fato também percebido durante as gravações. A possibilidade de regravar e editar antes do envio à escola foi uma vantagem percebida por todos.

Em certos momentos, notei o desapontamento refletido nos olhos dos estagiários ao relatarem que "estamos nos preparando, desejamos tanto este momento, conhecer os alunos, sentir a escola e agora nos deparamos com outra situação". A frustração foi imensa, e vários estagiários demonstraram insatisfação; alguns até trancaram o curso na expectativa do retorno presencial. No entanto, uma professora da equipe nos encorajava dizendo: "para o momento, é tomar decisões e criar soluções". Agarramo-nos a esta recomendação e criamos soluções para o inesperado. Outro colega comentou: "estamos num ritmo acelerado, nada mudou; apenas não escolhemos estar onde estamos".

De vez em quando, era oportunizado um tempo para conversas pessoais para que soubéssemos como cada um estava vivenciando a situação da pandemia. Relatos de perda de amigos, conhecidos ou de familiares eram relembrados. Palavras de conforto, esperança e ânimo eram compartilhadas no grupo. Procurei observar aspectos ressaltados por Marchesi (2006, p. 112): "a capacidade de estimular o interesse por aprender [...] o cuidado com o desenvolvimento afetivo e moral, a atenção à diversidade dos alunos, a gestão da aula e o

trabalho em equipe". Coloquei estes aspectos como objetivos nos encontros: mesmo distantes, podíamos nos encorajar com a presença virtual do outro.

Finalizamos o estágio de 2020 refletindo sobre a modalidade do estágio remoto. Eis alguns pontos favoráveis apontados pelos alunos: "aprendi a gravar e editar os vídeos"; "aprendi a formatar a aula no tempo cronometrado"; "aprendi a superar as expectativas e dificuldades tecnológicas"; "aprendi a trabalhar com a câmera"; "foi menos corrido por ser uma aula mais curta"; "gostei de fazer videoaulas"; "gostei de trabalhar com novos temas"; "trabalhamos muito bem em equipe"; "descobri novas formas de deixar a aula mais legal"; "trabalhar com gravações foi um desafio superado"; "realizar atividades além do planejado foi positivo"; "tenho problemas com a autoimagem, e as gravações me ajudaram nisso".

Pontos desfavoráveis destacados: "devido à pouca privacidade em casa, não tive um ambiente propício para as gravações"; "não gostei de dar aula para o celular"; "muito difícil ajeitar os atrasos dos áudios"; "não ter o *feedback* dos alunos foi bem complicado" (esta foi a frase mais repetida); "minha rua é bastante barulhenta, tive que refazer várias vezes trechos do vídeo"; "houve falta de comunicação entre os membros da equipe"; "não consegui cumprir alguns prazos de entrega com a minha equipe"; "meu celular não é tão bom para gravações"; "tive Covid, isto atrapalhou, mas consegui fazer um bom trabalho".

De acordo com Pimenta e Lima (2006), a profissão docente é uma prática social como qualquer outra. Por meio dela, pode-se interferir na realidade social, no caso, mediante a educação que ocorre. Conforme o depoimento dos estagiários, a prática foi afetada pela realidade, que mudou planos, metas e objetivos; ou seja, tivemos interferência do

contexto vivido e pudemos intervir na realidade de outros alunos de uma forma jamais pensada.

A melhor parte e a pior parte: tudo é on-line

No ano de 2021, as aulas on-line foram mantidas, e o estágio seguiria quase o mesmo percurso anterior. No primeiro dia de aula, montamos o planejamento com as equipes e conversamos sobre o que poderia ser melhorado. Por sorte, a escola que nos acolheu no ano anterior se manteve parceira no estágio. Ao recebermos os temas das supervisoras, iniciaram-se as pesquisas, a formatação dos roteiros, as orientações e gravações.

Desta vez, as videoaulas retornaram com inovações. As equipes mudaram o modo da apresentação. Um grupo que trabalhou com o tema "música africana" adotou um visual com referências às culturas africanas, incorporando cabelos, roupas e adereços. As aulas foram criativas e trouxeram ilustrações conforme a temática. Outra equipe desenvolveu o tema "reciclagem", trouxe soluções, incentivou os alunos a criarem instrumentos com objetos recicláveis que tinham em casa e a desenvolverem a musicalidade por meio de uma pequena banda de sucatas. As demais equipes também se apresentaram com criatividade utilizando novos recursos. Alguns criaram vinhetas para a abertura das aulas e para os trechos entre uma atividade e outra.

Ao final desse estágio, novamente um debate aconteceu para que todos relatassem suas experiências. Entre os pontos favoráveis, foram apontados: "descoberta de novos repertórios"; "foi positivo trabalhar em equipe"; "fizemos novas pesquisas para as aulas, e o retorno foram novos aprendizados"; "muitas trocas entre os colegas"; "gravar aulas

foi favorável a mim, que sou tímido"; "ter o roteiro pronto colaborou na gravação, a aula ficou melhor"; "a modalidade de aula dada permitiu que uns ajudassem aos outros"; "a melhor parte e a pior parte é ser tudo on-line"; "a gravação e a regravação permitiram o autoajuste".

Alguns pontos desfavoráveis: "falta de *feedback* dos alunos" (frase mais dita por todos); "ansiedade antes das gravações"; "dificuldades em enquadrar a câmara e me comunicar"; "dificuldades por ser tudo on-line"; "fez falta a experiência da sala de aula"; "dificuldades por ser tudo muito diferente do presencial"; "sons externos atrapalhavam as gravações".

Os estagiários interagiram e articularam os saberes pedagógicos de modo diferente do que esperavam, mas, como afirmou um dos alunos, "não se faz mais um professor só com livros, giz e um quadro. Nossa grade curricular já deveria ter mudado, e a pandemia está nos forçando a essas mudanças". Durante os estágios remotos, compreendi a necessidade de construir novos olhares. Nossa formação e nosso aprendizado são carregados de experiências pessoais, valores e significados. Daí a necessidade de rever e fazer outras leituras do momento que vivemos. O contato pessoal com a escola e com os alunos fez muita falta. Se tivéssemos aulas síncronas, parte dessa sensação seria resolvida. Essa ausência e distância fizeram com que tivéssemos pouco retorno das aulas produzidas.

Ao considerar que a finalidade do estágio é possibilitar ao estudante uma aproximação com a realidade na qual atuará, as aulas on-line estiveram longe de ser a escolha ideal ou o melhor caminho para a educação musical, mas foi uma oportunidade proveitosa. As videoaulas permitiram o envolvimento com a tecnologia, que veio contribuir na troca de

conhecimentos e com novas ideias, novas descobertas em um novo contexto. Foi possível ressignificar os saberes pedagógicos, o que permitirá suprir necessidades numa situação futura. A produção de videoaulas nos tirou da zona de conforto. Fomos desafiados, e, ao mesmo tempo, os obstáculos superados se tornaram um diferencial no processo de formação pedagógico-musical. Celebrar o que aprendemos nesse período de descobertas e de crescimento mútuo é a melhor forma de trazer à memória o quanto somos capazes de nos adaptar, reorganizar e contribuir na construção da sociedade, principalmente em se tratando de educação.

A realização dos estágios no formato de videoaulas possibilitou novos aprendizados, beneficiou a interação entre os estudantes num outro contexto, contribuiu no enfrentamento da pandemia trazendo sentido e propósito em dias tão difíceis. Também contribuiu para manter a motivação e o envolvimento, mesmo com o distanciamento social em um contexto político e sanitário caótico e incerto.

Todo o trabalho com as videoaulas trouxe mudanças no meu jeito de ver o ensino de música, conforme os relatórios ao final de cada estágio e mediante o breve depoimento trazido aqui pelos estudantes. Certamente as experiências que vivenciei durante esses estágios afetaram minha identidade, gerando deslocamentos afetivos, emocionais e intelectuais.

Marisleusa de Souza Egg
Curitiba-PR, janeiro de 2022

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer nº 05/2020 do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação. Aprovado em 28/4/2020. *Diário Oficial da União:* Brasília, Seção 1, p. 321, jun. 2020. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_PAR_CNECPN52020.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, Selma G. *Estágio e docência:* diferentes concepções. Revista Poíesis, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

MARCHESI, A. *O que será de nós, os maus alunos?* Porto Alegre: Artmed, 2006.

WHO Director-General's statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus (2019-nCoV). *WHO,* 30 Jan. 2020. Disponível em: https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ihr-emergency-committee-on-novel-coronavirus-(2019-ncov). Acesso em: 28 jan. 2022.

O LUGAR E A TEMPORALIDADE DA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA EM MÚSICA NA PANDEMIA

Perante um semestre atípico, por conta da pandemia, vejo que meu estágio foi, de certa forma, desafiador e cheio de adaptações (Thiago, discente do Estágio Supervisionado II, 2021).

Com esta frase, Thiago, discente do curso de Licenciatura em Música da UNIPAMPA, inicia o texto reflexivo do seu portfólio de Estágio Supervisionado II, componente desenvolvido durante o segundo semestre de 2020, ano em que um novo modo de se relacionar com a realidade se instalou nas nossas vidas acadêmicas, profissionais e pessoais.

A pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 trouxe um novo modo de olhar para a nossa realidade como universidade, como curso e como docentes e alunos dentro de um sistema que tentou lidar da melhor forma possível com as demandas e exigências na formação de licenciandos em Música num contexto pandêmico, que continua sendo desafiador para todos os sujeitos envolvidos dentro ou fora do espaço formador universidade-escola.

Para compreender os processos pelos quais os nossos discentes atravessam e são atravessados, precisamos conhecer como estes se organizam. A Universidade Federal do Pampa é uma universidade fronteiriça, localizada na região da Campanha do extremo sul do país, no estado de Rio Grande do Sul. Muitos dos nossos alunos são oriundos dessa região e outros vêm de estados distantes, fato altamente significativo na hora de descrever como foram desenvolvidos os estágios, principalmente desses discentes que, em isolamento, se encontravam nos seus estados de origem.

A retomada on-line das aulas ocorreu com atraso.

A pandemia foi anunciada em março de 2020, mas nossas aulas só foram iniciadas no mês de setembro nessa nova modalidade. As aulas começaram totalmente desfasadas em relação ao calendário civil e aos calendários escolares. Além disso, até o momento da escrita deste texto, ainda existe um deslocamento entre as diferentes instâncias de formação, trazendo constantes desafios e obstáculos na hora de pensarmos qual o impacto dos futuros formandos na construção da docência em Música nesse contexto.

A maior parte dos alunos e alunas que realizaram integralmente suas práticas docentes nessa modalidade hoje estão se formando sem ter vivenciado a escola como ambiente de vivência pedagógica, o que me leva a refletir sobre a importância do acompanhamento desses discentes mesmo após formados, no intuito de orientar e guiar suas caminhadas profissionais. Essa ação poderá ser pensada e executada em possíveis projetos de pesquisa que oportunizem aos próprios discentes estudarem a nova realidade que enfrentam.

O estágio supervisionado no curso de Música da UNIPAMPA se estrutura nos últimos quatro semestres do curso. São 405 horas entre instâncias de observação no estágio I e de planejamento, pesquisa, elaboração e construção de planos de aula, relatórios, projetos de ensino, construção de materiais didáticos, dentre outros elementos da prática docente em música, nos estágios II, III e IV, transitando pelos diferentes níveis de ensino da educação básica. O ingresso nas escolas para a realização das observações e regências, desenvolvida de forma on-line, criou a incerteza sobre como entrar nesses espaços virtuais utilizando ferramentas e meios muitas vezes desconhecidos pelos nossos discentes. Isso foi altamente desestabilizador para nós,

professores orientadores, e para os nossos estagiários e estagiárias. Como orientadora, parti da ideia de zelar pela autonomia e liberdade do e da discente para escolher os caminhos, estratégias, recursos tecnológicos e didáticos para desenvolver, da melhor forma possível e adequada às necessidades de cada um, os estágios nos espaços virtuais.

Para isso, decidi vincular um projeto de extensão coordenado por mim, que desde abril de 2020 venho desenvolvendo junto às ações de formação de professores da rede pública, com o intuito de estimular o diálogo universidade-escola durante esse tempo de isolamento. O projeto "Contos para Cantar" foi desenvolvido na plataforma YouTube e contou com a participação de mais de 500 professores das redes municipal e estadual. Foram duas edições desenvolvendo aspectos didático-musicais e com participação de professores convidados que fizeram parte do projeto na sua produção inicial e que deu origem ao livro didático *Uma história com começo e sem final* (LOPARDO, 2020).

Foram oferecidas cinco aulas de formação musical para professores da rede tendo o livro como material pedagógico, com propostas didáticas para os anos iniciais do ensino fundamental. A participação do discentes do Estágio Supervisionado I possibilitou a interação entre as diferentes esferas de formação desde um olhar virtual, mas dinâmico e enriquecedor, pois os estagiários vivenciaram, de forma direta, a intervenção musical mediada por plataformas digitais para o desenvolvimento de práticas de audição, interpretação e criação musical numa sala de aula virtual.

Com essa experiência, começamos a entender quais seriam os desafios dos nossos discentes a partir do Estágio II, momento de ingressar no espaço da sala de aula com crianças do outro lado da tela. Ainda no decorrer do ano 2021, a

universidade e a escola não conciliavam seus calendários acadêmicos e escolares. Com isso, nosso principal obstáculo foi a ausência de turmas da escola para a realização das práticas de estágio dos nossos discentes. Partindo da capacidade de autonomia, preferi que eles optassem pela realização das práticas das regências por meio de videoaulas disponibilizadas às escolas da rede ou pelo ingresso deles no espaço escolar virtual, com aulas on-line para escolas abertas a essa possibilidade.

Na tentativa de construir uma postura pedagógica que dialogasse com as suas realidades, na elaboração do portfólio de estágio, os discentes se lembravam dos seus referenciais teóricos, fazendo uma ponte entre a teoria e a prática. Partindo das ideias de Donald Schön (2009) sobre o conceito de reflexão-na-ação, eles dizem: "percebo que, mesmo minhas ações não tendo a interação usualmente esperada de um estágio, [essas ideias] impactaram durante o processo de gravação, edição e até nas formas e escolhas de metodologias para cada aula". No que se refere aos procedimentos, os alunos discutiram sobre o planejamento das aulas, como pensar em projetos de estágio on-line, com ou sem o contato direto com alunos, como desenvolver práticas musicais significativas, sua avaliação e autoavaliação. Observei que o estagiário foi construindo um olhar reflexivo a partir do seu poder de decisão na sua trajetória de formação, pois reconhecem que seus relatórios são construídos desde a base do diálogo crítico-reflexivo com pedagogos da grande área da Educação, da educação musical e da inclusão, permitindo-se "destravar" esse tipo de escrita que dialoga com o conhecimento e com as práticas construídas até o momento.

Assim, as próprias limitações da realidade pandêmica, o distanciamento, o deslocamento geográfico-espaço-temporal

com a escola e os desafios encontrados nesse novo panorama oportunizaram momentos únicos de crescimento e desenvolvimento, que são considerados "ganhos" dessa experiência. Ao falar dos desafios da produção de videoaulas para as escolas, os discentes reconhecem que "diversos imprevistos contribuíram para um trabalho com longa duração, e o processo de edição foi extremamente difícil, sendo necessário um longo tempo de disposição". Dizem também que "a falta de recursos não é algo restrito às escolas, mas muitos alunos de baixa renda não têm acesso aos recursos tecnológicos, impossibilitando e prejudicando o seu processo de ensino e aprendizagem na pandemia" (Thiago, discente do Estágio Supervisionado II, 2022).

A desigualdade atingiu todas as esferas de formação, gerando uma série de adaptações ao modelo de regências de estágio, como a redução da quantidade de aulas; a simplificação e o remanejo de recursos e materiais didáticos concretos e digitais, seu planejamento e avaliação; a necessidade de aprender a lidar com novos recursos tecnológicos, de ter uma percepção diferente do tempo de uma aula de música e, principalmente, de construir uma consciência sobre o ingresso ao espaço familiar desse aluno, desenvolvendo um senso crítico sobre aspectos éticos, sociais e psicológicos desse tipo de envolvimento e interação.

Mesmo com o distanciamento, o vínculo pedagógico pareceu atravessar vieses desconhecidos, oportunizando outros tipos de aproximação. Acredito que o aproveitamento do famoso e tão anelado "tempo" ocasionou, no meu caso, a otimização dos momentos das aulas on-line, na tentativa de diminuir os efeitos colaterais do isolamento, de interagir desde um lugar mais humano possível como uma insurgência a essa insistência em desumanizar nossas vidas.

Josso (2010) me acompanhou durante anos de pesquisa e agora suas palavras ecoam ao me lembrarem que

> [...] a formação resulta de um processo que justapõe ou articula experiências de vida. Essas experiências são atividades específicas, encontros ou relações, situações e acontecimentos emocionalmente fortes que constituem pretextos de aprendizagens e não existe regra que permita associar certas vivências com certas aprendizagens. (JOSSO, 2010, p. 313).

De alguma forma, a experiência vivida por todos nós nos atravessou de inúmeras formas: algumas mais sutis, outras mais profundas, mas, com certeza, todos temos aprendido e estamos aprendendo algo, desde o pessoal, o pedagógico, o acadêmico, o social, o transcendental. O sentimento de tarefa inconclusa me marca atualmente, pelo fato de que qualquer tentativa de formação a distância não proporciona a vivência direta com o fazer musical desde o sentir, desde a experiência sensorial do ouvir, tocar e criar entre todos. Mesmo assim, compreendo que essas experiências de formação no contexto pandêmico nos possibilitaram aprender a lidar com outras formas de ensinar e fazer música, e os cursos EaD nos mostram isso há muitos anos. Espero que essas marcas deixadas pelos últimos tempos nos nossos contextos formativos possam contribuir para a construção de um olhar muito mais intuitivo, humanizador, autônomo, criativo e inovador do SER professor.

Carla Lopardo
Bagé-RS, janeiro de 2022

Referências

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si.* Trad. Albino Pozzer. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

LOPARDO, Carla. *Uma história com começo e sem final.* Porto Alegre: Cirkulinha, 2020. (Coletânea Contos para Cantar livro, n. 1).

SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo:* um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ASPECTOS DE COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM DE UM LICENCIANDO EM MÚSICA: PROCESSOS INCLUSIVOS DURANTE ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIO

Imagens congeladas de crianças sorrindo. conversas desconexas e engraçadas no chat. o professor: 'João, vamos parar de distrair a turma'. Em resposta, muitas carinhas com diferentes 'emojis' no chat. Professor: 'assim não dá, gente! fechem as câmeras, vamos ver um vídeo. Depois vamos fazer um quiz... vocês gostaram do quiz semana passada!

O fragmento anterior é a descrição de um momento em uma escola com crianças do terceiro ano do ensino fundamental em uma aula curricular de música. Em vez de fileiras, os tradicionais burburinhos, o empresta lápis e caneta e o levanta para apontar lápis, uma tela cheia de ícones, sons e imagens. A alegria, as traquinagens, os corpos inquietos, tudo ali, porém em uma tela bidimensional. Estávamos em uma atividade musical escolar síncrona adaptada ao distanciamento social imposto pela pandemia da Covid-19. Eu realizava a observação dessa atividade junto com um licenciando de 24 anos de idade, na quarta fase do curso de Música da UDESC. Esse licenciando faria seu estágio como professor de música nessa mesma turma após as observações. Foi nesse ambiente virtualizado com interações mediadas por telas que as experiências e os nossos encontros formativos aconteceram. Esse relato se refere ao período de setembro de 2021 a fevereiro de 2022, quando ainda vigorava o distanciamento social no âmbito das universidades federais e estaduais no município de Florianópolis. Essas supervisões aconteceram de forma remota, mediadas por tecnologias de comunicação, adaptadas para os diferentes momentos de ensino-aprendizagem.

Estágio docente como professora orientadora

Um dos motivos para que eu supervisionasse o licenciando, além de realizar o meu estágio docente por ser estudante de doutorado, era a minha experiência com educação inclusiva e como professora de música na escola básica. Era notório que o estudante tinha algumas características peculiares de comunicação e linguagem. Sua atuação em estágios anteriores já havia chamado a atenção das professoras orientadoras. Era necessário adaptar a forma de solicitações de tarefas para que ele pudesse realizá-las. Mesmo assim, algumas de suas respostas eram diferentes ou insuficientes.

Descrevo a minha orientação de estágio e comento algumas das estratégias que utilizei, bem como dificuldades e avanços do referido estudante em formação docente. Eventualmente, nesse relato, utilizo citações narrativas que fiz em meus diários e relatórios durante o processo, o que chamo de "registros autonarrativos". O primeiro que escolhi descreve o que pensei e senti quando comecei a pensar sobre o meu papel como professora orientadora.

> Quando me pediram para acompanhar um estagiário, fiquei evocando na minha mente como seria esse estudante e esse estágio. Ao saber sobre ele, professoras anteriores descreveram-no elencando as seguintes características: a forma de falar diferenciada, a dificuldade em lidar com situações não planejadas durante sua atuação com os alunos, a percepção parcial da realidade da sala de aula, a inabilidade em agir quando havia situações inusitadas e a forma pouco usual de elaborar seus relatórios. Senti

> que, nesse primeiro encontro com as professoras orientadoras anteriores, a preocupação foi descrever como ele se portava, como, por exemplo, o fato de escrever a minutagem de cada ação que observara na aula de música. Foi dito que ele "travava" em algumas situações, não sabendo como agir. Indaguei à professora do seu estágio anterior se ela sabia como ele se sentia emocionalmente nesses momentos, e ela respondeu dizendo que "ele não demonstrava nada e não sabia como ele se sentia".

No primeiro encontro de orientação, perguntei ao estudante: quais são as coisas que você acha mais difíceis no estágio? Ele respondeu: "Quando eu preciso falar, quando preciso improvisar, quando acontece alguma coisa que não estava programada para acontecer". Percebi aos poucos que o importante era compreender como se dava sua acomodação emocional frente às suas experiências. A subjetividade dele me interessava. Perguntei como ele se sentiu nas aulas síncronas, se ficou nervoso. Ele respondeu que se sentiu ansioso, mas nada muito forte que o fizesse entrar em pânico. Disse que era baterista e contou como decidiu fazer música, esclarecendo que, inicialmente, "não era uma opção, pois queria Medicina". Entretanto, quando seu professor de bateria sugeriu o curso de música, ele passou a pensar na possibilidade e decidiu tentar o vestibular.

Comunicação e fala

Meu primeiro objetivo no trabalho individual com ele foi a questão da fala. Conversei abertamente com ele sobre sua fala ser alterada, com ritmos de prosódia incomuns e alguns

comprometimentos na dicção. Ele disse "que percebia, mas que nunca havia procurado uma fonoaudióloga". Comentou: "Não é que eu seja gago, mas às vezes, quando preciso me concentrar em alguma coisa, acabo repetindo as palavras e as frases". Foi conversando sobre suas características e dificuldades pessoais que fui desenvolvendo exercícios e ferramentas para auxiliá-lo. A fala costumava ficar ecolálica[1] quando ele estava ansioso. Conseguimos conversar sobre a percepção dessa ansiedade e dei a ele uma ferramenta de comunicabilidade que poderia ser usada. Além de oferecer a ferramenta, ainda fiz um teste em que eu simulava uma conversa de forma que ele aplicasse comigo a ferramenta.

A estratégia que propus, para os momentos em que *"travasse"* por ansiedade ou por situações não previstas, era falar a frase: *"Espera um pouco, deixa eu pensar"*. Pontuei que depois da frase ele poderia dispor do tempo que precisasse para reorganizar suas ideias e fala. Ele entendeu e, ao fazer o exercício comigo, usou a frase. Durante o seu estágio, o estudante não precisou desse "recurso", mas me parece que o simples fato de ter uma solução para esses embaraços desencadeou nele a segurança que precisava para se desenrolar bem nas conversas.

Na sala de aula "virtual", durante sua atuação como estagiário, era educado e escutava a todos. Atentei-me ao fato que ele chamava todos os alunos pelo nome, agradecia com

[1] Hábito ou mania de fazer rimar palavras, falando ou escrevendo. "Não há divergência entre pesquisadores quanto ao fato da ecolalia ser 'tendência para repetir palavras ou frases faladas por outros [...]', como disse Barr (1898: 20) ou 'repetição de enunciados produzidos por outros', como afirmaram Prizant & Rydell (1984)" (OLIVEIRA, Mariana. T de Oliveira. Reflexões sobre as falas ecolálicas e a interpretação fonoaudiológica a partir da discussão de dois casos de psicose infantil.InPLA/PUC, São paulo, 2003.

obrigado todas as interações e pedia por favor aos alunos quando fazia alguma solicitação. Em uma das orientações, esclareceu que foi ensinado a falar assim desde pequeno com seu irmão gêmeo, então se acostumou. Ali estava uma peculiaridade sua, bem-vinda e produtiva. Os alunos gostavam da atenção e gentileza e pareciam muito à vontade com ele.

Escrita: descrevendo experiências vividas

Quando acabou o processo de estágio, pedi que o estagiário me enviasse por escrito o que ele havia relatado em uma das orientações quando trabalhamos questões de identificação com a docência e os seus planos futuros como professor de música. Durante os encontros de orientação, eu utilizei uma abordagem que valorizava a sua história de vida, incentivando que me contasse sobre suas experiências. O estudante escreveu dois momentos importantes para ele sobre a escolha de fazer o curso de Licenciatura em Música. No primeiro, ele narra: "Eu fui o primeiro aluno do primeiro professor de bateria. E, em uma das primeiras aulas, talvez a primeira, o pai do meu professor falou para mim: 'esse é o primeiro aluno e vai ser o único músico'".

Lembro que essa sua colocação só aconteceu conforme fui dialogando, informalmente, durante a orientação, onde eu falava um pouco das minhas atividades e abria espaço para ele falar de si e para me perguntar alguma coisa. Como sua dificuldade de interação social era explícita ao não manter um diálogo contínuo e sabendo que isso seria uma habilidade importante para ele em sala de aula, estimulei-o. Dessa forma, obtive resultados e evoluções na sua comunicação, linguagem e expressão. Além disso, descobri que também fora atleta de futebol amador durante sua adolescência. Ele ficou muito feliz

em contar: “Houve outra vez que disseram que eu seria músico. Eu estava no oeste de Santa Catarina para disputar um torneio de futebol. Estávamos batucando nas mesas, e um colega meu falou: ‘se eu não fosse jogador, eu seria músico’”.

Essa abordagem com o licenciando, mais próxima, pessoal e humanista, mesmo que realizada por plataformas virtuais, como o *Meet* e o *Zoom*, possibilitou que ele trouxesse para os planejamentos da aula elementos que eram da sua história. Quando sistematizamos os três planos de aula, o estagiário, de forma autônoma, criou uma atividade a partir de um desenho animado que marcou sua infância. Sobre planos profissionais futuros, comentou: “Já tive vontade de ser professor. Para ser professor do Conservatório Souza e Lima de São Paulo. Conservatório que o meu segundo professor estudou".

Breve reflexão final

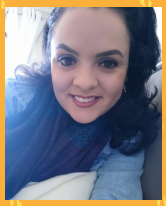
Após essa experiência, penso que, mais do que metodologias e didáticas, a aproximação do universo do aluno é necessária tanto para despertar suas potencialidades quanto para encarar as alteridades que surgem durante o processo de ensino e aprendizagem. Como educadores, precisamos olhar para elas com naturalidade, porém com comprometimento. Inclusão é um modo de olhar. Ao olhar de forma inclusiva, o acolhimento surge, a criatividade para o processo didático-pedagógico se impõe, e os desafios propostos propiciam crescimento para todos os envolvidos.

Para concluir, reproduzo aqui o que o estudante em formação docente escreveu sobre os nossos encontros: as orientações foram muito amigáveis e foram focadas nos conteúdos da orientação e das atuações e em exercícios de

comunicação e da fonética, feitas a cada duas semanas, com um dia e horário definidos. Depois das atuações, era feita uma análise sobre o que foi feito e o que poderia ter sido feito.

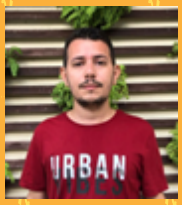
Bárbara Trelha
Florianópolis-SC, fevereiro de 2022

SUPERVISORAS E SUPERVISORES



Krisley Motta é graduada em Arte-Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Fez Especialização em Musicalização no Grupo Educacional Censupeg e o Mestrado em Artes (PROF-ARTES) na UDESC. É professora de Arte da rede estadual do Paraná. Durante a pandemia passou por duas perdas familiares irreparáveis e trabalhou de modo remoto de maneira exaustiva. Entretanto, aproveitou o momento para se mudar e arrumar a casa ao seu gosto.

Fernando Bresolin é violinista, ator e doutorando em música no PPGMUS da UDESC. Foi professor substituto no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e no Departamento de Música da UDESC. Durante a pandemia aprendeu a fazer pães de levain e destilar gin, fez todas as trilhas da Ilha de Florianópolis e se tornou remador olímpico.



Micael Carvalho dos Santos é natural de Marabá (PA) e sente-se maranhense desde 2012. Mora em São Luís (MA), ilha do amor. Toca clarinete e flauta doce. Gosta de receber amigos em casa, cozinhar e não dispensa um café. Na pandemia explorou sensibilidades no olhar e no sentir, além da sensibilidade de escutas. Comprou um piano digital e (re)aprendeu a explorar a companhia musical.

Tereza (com z) Cristina é professora de Artes/Música no Instituto Federal Catarinense, Campus Avançado Sombrio (IFC/CAS). No período da pandemia, além de trabalhar remotamente, recebeu a linda missão de ser mãe de um menino chamado Arthur.

Gislene Natera é professora de Música na RME de Florianópolis/SC. Foi realizar uma instância de Doutorado sanduíche na Universidade de Granada (Espanha) e lá viveu isolada nos primeiros seis meses da pandemia. Nunca mais esquecerá a primavera de Granada, nas primeiras autorizações de caminhadas pelas ruas da cidade. Linda! Meu hino e de muitos espanhóis durante o período foi Resistiré - 2020.🎧

Bárbara Funke Haas é gaúcha de nascimento e "manezinha da ilha" de coração. Após um tempo na área das ciências, apaixonou-se pela educação musical. Desde 2010 dá aulas de música na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Durante a pandemia, aprendeu novas maneiras de ensinar, mas descobriu que o que importa mesmo é o ser humano por detrás das telas.

PARANÁ E SANTA CATARINA: UMA RELAÇÃO MUSICAL EM PLENA PANDEMIA

Costumo dizer para aqueles que convivem comigo que, se eu pudesse, gostaria muito de permanecer em contato com uma universidade. Tenho verdadeiro apreço pelo ambiente universitário. Seja como aluna ou trabalhando, como colaboradora em projetos de extensão ou participando de eventos, gostaria sempre de estar presente. Não sei exatamente do que mais sinto falta: das aulas carregadas de reflexão, dos grupos de pesquisa que nos dão suporte em leituras e bagagem para nossa formação ou do "ar" diferenciado que uma universidade possui. Esse "ar" atrelado ao conhecimento, à capacitação, à politização e à transformação.

Porém, após assumir um concurso de 20 horas em 2015 e a partir daí, ter preferência na distribuição de aulas extraordinárias[1] para mais 20 horas, minha vida acadêmica mudou e muitas coisas na minha rotina de professora em formação também mudaram. Nem sempre tenho aquela disponibilidade tão desejada para participar de reuniões, eventos e me inscrever em cursos ou processos seletivos que exigem licenças e afastamentos. A realidade não é mais como a de alguns anos atrás.

Em contrapartida, aceito com muito prazer todo programa ou projeto universitário para o qual sou convidada e posso estar inserida. Gosto de me sentir ensinando e aprendendo e é isso que acontece, principalmente quando

[1] Aulas Extraordinárias são acréscimos de aulas na jornada de um professor QPM, ou seja, que pertence ao Quadro Próprio do Magistério no estado do Paraná, podendo chegar ao máximo de 40 horas semanais.

trabalhamos em parceria, escola e universidade. Paulo Freire disse: "É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende" (1997, p. 19). Essa existência pode ser compreendida quando nos identificamos como seres ativos, vivos, presentes por inteiro em um processo educativo, o qual não realizamos sozinhos.

Dentre os convites a que me referi estão o Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID), no qual já atuo como professora supervisora há quatro anos, e os estágios para que acadêmicos atuem com observações e regências nos ensinos fundamental e médio. Tanto o PIBID quanto os estágios são do Instituto Federal – campus Palmas (PR), com acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Ainda tive a oportunidade de receber os acadêmicos do curso de Licenciatura em Música da UDESC como estagiários no ano de 2021, ano pandêmico. Foi uma experiência desafiadora, assim como todo processo educacional, sobretudo por ter sido realizado totalmente de forma remota e num momento conflitante, atípico e tortuoso.

No primeiro semestre de 2021, devido ao agravamento da pandemia, um dos períodos mais difíceis registrados no país, desenvolvemos apenas trabalho remoto emergencial. Todas as aulas foram observadas e realizadas via Google Meet, estando cada um dos envolvidos em sua casa: eu e os alunos em Palmas (PR), e os estagiários em Florianópolis (SC). Eram sete estagiários divididos em três duplas, e uma acadêmica trabalhou individualmente; já os alunos pertenciam a quatro turmas de sétimo ano e tinham entre 12 e 13 anos de idade.

Os estudantes de música me perguntaram o que eu sugeria, dentro do meu planejamento da disciplina Arte,

para ser trabalhado por eles com os alunos. Como proposto pelo planejamento da nossa Secretaria Estadual de Educação (SEED) e como uma amante da cultura nacional, sugeri: manifestações culturais populares brasileiras. Sendo assim, foram abordados ritmos brasileiros como: fandango paranaense, jongo, maculelê e musicar dos tambores. Os estágios de música aconteceram durante as minhas duas aulas semanais e geminadas[2] de Arte. Essa disciplina contempla as quatro áreas do conhecimento artístico: música, dança, artes cênicas e artes visuais.

Definido o tema a ser desenvolvido, o primeiro passo foi estudar o meu planejamento e o que era disponibilizado pela Secretaria de Educação do Estado (SEED). Foram consideradas as características e a realidade social da escola, da equipe gestora e pedagógica e da documentação educacional vigente.

Desde o princípio o contato com os acadêmicos foi excelente, com muito interesse demonstrado por parte deles, leveza nos diálogos, carisma e principalmente companheirismo.

Em pouco tempo de contato e mesmo a distância, a impressão que tínhamos era a de que já convivíamos há mais tempo e nos conhecíamos pessoalmente. Mesmo com poucas aulas, a resposta dos alunos para os estagiários foi de muita "proximidade". Pediam pelos novos professores e por vezes me perguntavam: "Quando eles vão vir aqui para Palmas, prof?". Penso que cativar alguém, ainda mais em tempos difíceis, vai além de conhecer presencialmente. Está no trato com o outro, está no respeito e na demonstração de importar-se com o próximo.

[2] Aulas geminadas são aulas que acontecem uma na sequência da outra.

No segundo semestre de 2021, vivenciamos outro momento que se concretizou após a vacinação dos professores (1ª dose): o retorno presencial para a escola que foi feito apenas por nós, professores. Os alunos e os estagiários permaneceram em suas casas nos acompanhando remotamente. Aproximadamente dois meses depois, tivemos o início do ensino híbrido, com revezamento das turmas: recebíamos 50% dos alunos em sala presencialmente e 50% em sala virtual via *Google Meet*, assim como os acadêmicos. Havia ainda aqueles que realizavam as atividades impressas, por residirem em zona rural ou não terem acesso à internet. Como a escola pública tem por objetivo acolher a todos, precisávamos contemplar a totalidade. Em alguns poucos casos, quando não recebíamos o retorno das famílias dos alunos, a equipe pedagógica realizava a busca ativa e o contato com o Conselho Tutelar do município para que a situação fosse regularizada.

Independentemente da atividade proposta, não poderíamos deixar ninguém de fora do processo de ensino-aprendizagem. Nos casos de aulas práticas, nós nos planejávamos inclusive quanto aos materiais que os alunos precisariam ter em suas casas, como objetos para substituir instrumentos de percussão.

Com o passar do tempo, a diminuição dos casos de Covid-19 nas cidades do Paraná e o avanço da vacinação fizeram com que o retorno presencial continuasse acontecendo gradativamente. Passamos a realizar rodízios com mais alunos em sala de aula e menos de forma remota. Esse foi o cenário da segunda sequência de estágios, realizados por um número menor de acadêmicos de Música.

Em relação aos acadêmicos, apenas uma dupla permaneceu junto e com a mesma turma do sétimo ano

com a qual havia trabalhado no período matutino. As outras duas acadêmicas trabalharam de maneira individual: enquanto uma manteve a mesma turma de sétimo ano do período vespertino, sugeri que a outra estagiária mudasse, pois a turma que tinha sido contemplada anteriormente não demonstrava interesse nem apresentava bom rendimento. Sendo assim, pensando na melhor adaptação de horários, o nono ano B do vespertino foi escolhido.

Com o tempo os acadêmicos foram percebendo que logo teriam que enfrentar essa nova e desafiadora realidade: o ensino híbrido. Assim sendo, passei a atuar com eles na organização da turma no modo presencial, tanto dividindo grupos quanto contando o tempo para a entrada das músicas, pois as chamadas de vídeo possuem atrasos de som. Auxiliava mantendo a ordem quando necessário, realizava o compartilhamento de telas, áudios e vídeos e levava instrumentos de que a escola dispõe. Dessa vez, tivemos outro diferencial: a participação da professora da universidade, orientadora dos estágios, observando algumas aulas e o desempenho dos futuros professores de música.

Encaminhando-nos para o término de mais um estágio, recebemos uma normativa para o fim das chamadas Meet's. Segundo uma resolução vinda da SEED, apenas alunos com comorbidades mediante apresentação de atestado médico deveriam permanecer com trabalhos escolares feitos de casa. Com isso, a escola, tendo sua autonomia, decidiu por atividades impressas para esses alunos e por aulas presenciais para os demais.

Após as observações, os temas sugeridos para que os estagiários realizassem suas regências foram: ciranda, canto e improvisação para os sétimos anos; samba e arte modernista para o nono ano. Sendo assim, a dupla do período matutino

incorporou o trabalho do Grupo Barbatuques com percussão corporal, forma musical, improviso com músicas do repertório dos alunos e também de cirandas. A estagiária do outro sétimo ano do vespertino, abordou o dançar e cantar ciranda utilizando a técnica do cânone. A estagiária do nono ano vespertino propôs o histórico de Mário de Andrade e do Modernismo brasileiro, além de divisões rítmicas com práticas percussivas.

Avalio todo o processo que vivenciei com os acadêmicos de música durante esse período de dois semestres como um grande ganho para ambos os lados, pois vejo que tivemos uma troca interestadual de ensino. Aproximamos músicos, alguns já professores de música no ensino particular, ministrando aulas de instrumentos, e músicos de estúdio ao ensino de sala de aula, no nível fundamental. Proporcionamos aos alunos conteúdos ainda mais específicos sobre música por meio de aulas com instrumentistas e cantores, os quais se depararam com a realidade escolar. Hoje acredito que o calendário que inicialmente nos aproximou, da educação básica do estado do Paraná e do ensino superior da UDESC, por estarmos no mesmo período letivo, nos trouxe resultados de excelência mesmo em meio a uma realidade desafiadora.

Escrevo esta narrativa em meio a intervalos, entre uma hora atividade e outra, sentada em um sofá na sala dos professores, com um fone de ouvido desfrutando o que considero uma boa música, relembrando fatos e refletindo também sobre minhas práticas, sobre meus aperfeiçoamentos, sobre o meu ano letivo.

Senti que essa experiência com estágios de música me fortaleceu, me fez continuar acreditando que por meio de aulas de música é possível construir relações: afetivas, cognitivas, sonoras e humanas. Fez-me perceber,

principalmente, que, mesmo em tempos de grandes adversidades pessoais e profissionais, coisas boas sempre acontecem paralelamente, pois foi através dessa experiência de muito aprendizado, que me deparei com profissionais dinâmicos, competentes e comprometidos que me ensinaram não só mais sobre a música, mas também sobre se reinventar e o significado de sermos resilientes.

Krisley Motta dos Santos
Palmas-PR, dezembro de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não:* cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

UMA PEQUENA SERENATA PANDÊMICA

Prelúdio

Fazer a retrospectiva sobre a experiência de ensino remoto e a supervisão de estagiários, na pandemia, cerca de um ano depois, fez emergir em mim uma porção de sensações mistas, paradoxais e imagino que comuns àqueles que atuaram e ainda atuam na educação musical neste período pandêmico. Como professor, violinista e ator, tenho prazer em contar histórias, sejam essas compostas por sons ou por narrativas descritas em palavras. Junto a isso, o gosto pelo drama e o receio (ou não) de romantizar fatos que, quando postos no papel, firmam uma espécie de contrato entre mim, os personagens das histórias e aqueles me leem.

Cada parte deste texto nomeei com termos da linguagem musical seguidos de obras musicais. Essas obras foram em algum momento assunto de aula, nas quais encontrei um significado outro para este texto. Proponho à leitora ou ao leitor que as escute no decorrer da leitura do texto ou separadamente, pois, neste período de isolamento, tenho certeza de que a música foi um ponto de conexão muito forte entre todos nós.

Fermata

- O dia em que a Terra parou

O ano letivo no Instituto Federal da Santa Catarina (IFSC), *campus* Florianópolis, teve início em 14 de fevereiro de 2020. Como professor colaborador da instituição, iniciava o meu segundo ano como docente. Os projetos propostos pelos estagiários contemplavam as mais variadas temáticas com a

finalidade de proporcionar um percurso plural de aprendizado na música. Essas propostas haviam sido pensadas para atuação docente presencial; em suma, um laboratório possível para esses professores em formação experimentarem os assuntos e procedimentos em uma sala de aula.

No dia 14 de março de 2020, foram detectados os primeiros dois casos de Covid-19 no *campus* Florianópolis. Nesse dia, os grupos de WhatsApp usados para comunicação interna da instituição entraram em agitação. Dois dias mais tarde, todas as atividades presenciais foram suspensas – inicialmente por 15 dias, mas, até o momento que escrevo este texto, janeiro de 2022, ainda não retornaram.

Exposição: *O bêbado e a equilibrista*

- Caía a tarde feito um viaduto

A instituição, antes dividida sobre voltar ou não com as aulas remotas, definiu-se. As aulas voltariam para quem pudesse acessá-las; para os outros, bem, a instituição lidaria com essas questões posteriormente. No campo das artes, nosso voto era para voltarmos e mantermos a delicada ligação entre os alunos e o IFSC, proporcionando uma rotina de aulas. Essa sensação de um entardecer institucional, o sentimento de que algo desabava na nossa frente, acredito que são sentimentos compartilhados entre muitos dos profissionais da educação que atuaram nesse período.

Nosso cronograma foi organizado intercalando, semanalmente, encontros síncronos e assíncronos. Lembro com uma vivacidade dolorida o primeiro encontro síncrono de um estagiário com a turma: apenas um aluno conectou. Era com essa realidade que teríamos que lidar. Outra questão que aparecia era a dos microfones mudos, das câmeras fechadas.

Por muitas e muitas aulas não nos víamos.

Iniciamos com os estagiários observando um encontro síncrono, cujo objetivo era traçar um perfil da turma, conhecer os alunos, saber como estavam e discutir a tarefa assíncrona proposta na semana anterior, que era debater a música "O bêbado e a Equilibrista", de Aldir Blanc e João Bosco, interpretada por Elis Regina, buscando fazer ligações da letra com o cenário do Brasil pandêmico. Na época havia escolhido esta canção em especial, pois seu compositor havia falecido de Covid-19, e a lei de auxílio emergencial (BRASIL, 2020) aos artistas levou seu nome: Lei Aldir Blanc.

Desenvolvimento

- Poema eletrônico

O Poema Eletrônico, de Edgard Varèse, foi ouvido com desconfiança pelos alunos em um encontro síncrono e pareceu ilustrar essa nova realidade: uma música feita e transmitida por meios eletrônicos, bem semelhante de como seria a nossa rotina de aulas.

A ideia de linearidade e continuidade do programa escolar havia sido implodida pelo vírus, como o viaduto da canção. Neste momento, a ideia de um experiencial não retilíneo, como o descrito por Christopherr Small (1989), pareceu ser um caminho possível. Uma pedagogia em forma de *mosaico* ou mesmo em *rede, metafórica* (vários pontos que se conectam e formam uma trama de conhecimentos) e *literal* (vários de nós como pontos conectados na internet), no nosso caso: "Nosso modo natural de aprender se parece muito mais com um sistema de rede ou com a forma como se arma um quebra-cabeças do que com uma sucessão retilínea" (SMALL, 1989, p. 191).

Neste sentido, propus como objetivo condutor das aulas a ampliação da escuta. Penso hoje que esse objetivo soa mais como um ideal, e não como uma tarefa a ser completada. Para desenvolver esse ideal, busquei amparo no conceito de *Musicking* de Small para propor uma reinvenção no que diz respeito ao fazer musical e à prática pedagógica, alicerçando-me no entendimento de que música é algo que as pessoas fazem, é simplesmente uma atividade humana. Trata-se de entender a música não como um substantivo, mas como um verbo, como explica Small (1989, p. 2, grifos do autor): "Música não é de modo algum uma coisa e sim uma atividade, algo que as pessoas fazem. A aparente 'música' [como substantivo] é uma invenção, uma abstração da ação, cuja realidade desaparece assim que a examinamos de perto" (SMALL, 1989, p. 2).

Deste modo, pude pensar o fazer musical através das telas dos computadores, celulares, na solidão da casa, mas ainda conectados para enfim compartilharmos os saberes, criando relações entre os agentes e a linguagem musical. Neste sentido, Small explica que o ato de *musicar [musicking]*, estabelece um conjunto de relações no lugar onde está acontecendo, e é nestas relações que reside o sentido desse ato. Essas relações, no entanto, não são apenas encontradas entre os sons organizados e no material musical, mas também entre as pessoas que estão participando (SMALL, 1998, p. 13).

A familiaridade da maioria dos estagiários com as ferramentas digitais e a capacidade de compartilhar essas habilidades são fatores que não apenas contribuíram, mas também viabilizaram efetivamente o processo de troca de conhecimento e a implantação de uma prática musical no ensino remoto emergencial. Penso que essas contribuições devem fazer parte da construção de uma escuta própria para

minha formação como professor. A atualização neste (não tão) admirável mundo novo será cada vez mais necessária. Neste período pandêmico, o meio virtual – ainda que não ideal, às vezes até hostil – foi o possível para o desenvolvimento das atividades não presenciais. Interessante que esse lugar também escancarou questões fundamentais nada virtuais sobre desigualdades de várias ordens, que antes eram discutidas de modo geral, mas que se evidenciaram de tal forma que se tornaram impossíveis de serem ignoradas. Estávamos dentro das residências de nossos alunos.

As professoras Teresa Mateiro e Sandra Cunha (MATEIRO; CUNHA, 2021) explicam que essa pedagogia formativa remota emergencial deu-se com a imposição da necessidade da migração do espaço físico escolar para os espaços privados familiares. Assim, neste processo, ficaram ainda mais evidentes as grandes desigualdades de nosso país: "Assim, a situação da educação remota emergencial acentuou o que não é novo: que somos um país de grandes desigualdades no acesso à educação" (MATEIRO; CUNHA, 2021, p. 165).

Coda - *Confutatis e Uma Pequena Serenata Noturna*

- Amadeus

Colocado em um texto que trata de um recorte da vida em meio a uma pandemia, este subtítulo parece um pouco sombrio, mas garanto que essa escolha tem pouco a ver com o conteúdo textual e funcional da obra de Mozart. Uma das atividades assíncronas propostas era a de assistir ao filme *Amadeus* (1984), do diretor Milos Formand. Cito o trecho em que Mozart, já doente, acamado, dita para sua nêmese Antonio Salieri as partes do *Confutatis*. De modo poético, são

mostrados o funcionamento de alguns aspectos da composição musical, as camadas de vozes, instrumentos, ritmos, o texto, todos os elementos que se sobrepõem e se misturam. Nesse mesmo ponto do filme, podemos observar um momento complexo de *Musicking*, em que o compositor entrega a música que está em sua mente para um outro. Este interlocutor a escreve, e nós, como espectadores, vemos e ouvimos esse processo por meio de uma tela. Apesar de esta cena ser ficcional, os procedimentos nela demostrados não diferem muito das atividades realizadas em aula, onde camadas de conteúdo musical se fizeram presentes, se misturavam, se sobrepunham e interagiam para formar esse *mosaico* processual de ensino-aprendizagem.

Em certo ponto, as aulas síncronas já eram chamadas de presenciais, como um ato falho que escapa e logo é corrigido, demonstrando uma vontade de estar presente, de estar realmente "conectado". As câmeras, que estavam sempre fechadas nos primeiros encontros, agora se abriam como pequenas janelas, apareciam como um lembrete de que por trás da virtualidade havia pessoas reais e que juntas estávamos construindo relações reais de processos educativos.

Neste início de 2022, reflexo das festas, viagens e encontros de fim de ano, o aumento exponencial de casos de Covid-19 traz o temor de que o ensino remoto emergencial continue ainda por mais um período. Diante dessa realidade, espero continuar experimentando e que esse movimento proporcione um impulso novo de ideias para a volta do ensino presencial. Sem a intenção de dar respostas, propor métodos aplicáveis ou replicáveis, sigo com o desejo de discutir e continuar fazendo, pesquisando e, acima de tudo, permitindo-me experimentar, errar, tentar de outra maneira, até que

todas as câmeras estejam abertas espontaneamente, até que possamos nos encontrar novamente e que esses dias proporcionem, além dos Réquiens, as alegrias de Serenatas Noturnas.

Fernando Bresolin
Florianópolis-SC, fevereiro de 2022

Referências

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Escola para além do digital: reflexões sobre os estágios na formação docente em música. *Revista da ABEM,* v. 29, p. 161-177, 2021.

MOZART – *Requiem with subtitles in 14 languages, Español, Português, English ... Pandemic version. [S. l.: s. n.], 2020.* Publicado pelo canal Akademia Filmu i Telewizji. Versão da Akademia Filmu i Telewizji. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w3B2ThdFbMI. Acesso em: 6 fev. 2022.

O BÊBADO e o Equilibrista. Intérprete: Elis Regina. Compositor: João Bosco e Aldir Blanc. *In: ESSA Mulher.* Rio de Janeiro: WEA, 1979. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1g_p4Xcn5CE. Acesso em: 28 jan. 2022.

O DIA em que a Terra Parou. Intérprete: Raul Seixas. I*n: O DIA em que a Terra Parou.* Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1977. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H8zbYY41Vus. Acesso em: 28 jan. 2022.

POÈME Électronique. Compositor e intérprete: Edgard Verèse. Feira Mundial de Bruxelas, Philips Pavilion, 1958. Peça musical. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JLDbBqHCslw. Acesso em: 28 jan. 2022.

SMALL, Christopher. *Música, sociedad, educacion.* Madrid: Alianza Editorial, 1989.

SMALL, Christopher. *Musicking:* the meanings of performance and listening. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 1998.

STAGE@SEVEN*:* Mozart: A Little Night Music (Eine kleine Nachtmusik) – Ruth Reinhardt. *[S. l.: s. n.], 2020.* Publicado pelo canal hr-Sinfonieorchester – Frankfurt Radio Symphony. Versão da hr-Sinfonieorchester – Frankfurt Radio Symphony. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=156u4nV2uGE. Acesso em: 28 jan. 2022..

MODULAÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO COLÉGIO UNIVERSITÁRIO DA UFMA

Em meados de março de 2020, deparei-me com a notícia da suspensão das aulas presenciais para cumprirmos o isolamento social. Recordo-me de que nesse dia cheguei ao Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão[1] – local onde eu trabalho como professor de música – com algumas notícias sobre o que estávamos prestes a viver. Na sala de professores, durante o intervalo, comentei com alguns amigos e colegas sobre a situação das contaminações e do desconhecimento que nós tínhamos sobre uma possível pandemia. Confesso que não tinha noção do que nos aguardava. Na verdade, penso que quase ninguém imaginava que atravessaríamos um período tão longo e com tantas perdas.

Os dias começaram a passar mais devagar, e os meses pareciam semestres. Foi nesse avançar do tempo que estávamos assimilando a realidade, mas também pensando em como poderíamos retomar o processo educativo com esse cenário social. As implicações eram diversas, com enormes desafios que envolviam pensar na natureza do trabalho docente, na concepção educacional, na relação família-escola

[1] Os Colégios de Aplicação são espaços de desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão, vinculados às universidades. No Brasil os CAps têm sua origem em 1946, inicialmente com nomes de Ginásios de Aplicação, vinculados às Faculdades de Filosofia, tendo o campo de estágio como característica comum. Correia (2017) evidencia que os colégios de aplicação vêm desempenhando uma função de grande importância para o contexto educacional brasileiro, pois possui caráter público com qualidade socialmente referenciada. Para saber mais sobre o COLUN, indico o acesso ao site: https://portais.ufma.br/PortalUnidade/colun/index.jsf.

e no desenvolvimento do ensino em formato que garantisse as atividades remotas como parte da continuidade do calendário escolar.

Depois de alguns meses discutindo como retornaríamos às aulas com nossos(as) alunos(as), aprovamos o Projeto Adaptado ao contexto da pandemia com o título "Formação humana em tempos de pandemia: a humanidade somos nós", o qual foi adotado até o final de 2020. Nesse projeto pedagógico, a proposta curricular foi pensada a partir da transdisciplinaridade como forma de reduzir o isolamento entre as disciplinas, não sobrecarregando discentes e docentes. Particularmente senti-me desafiado a encarar essa experiência pedagógica junto com outros(as) colegas do Colégio de Aplicação (CAp), tendo em vista que nunca tínhamos trabalhado com esse formato (remoto) e com essa proposta (transdisciplinar).

O projeto orientou as atividades remotas, que foram conduzidas por área de conhecimento (Linguagens e Códigos, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática), com aulas compartilhadas por vários(as) professores(as) em uma mesma turma, com planejamento semanal dividido por eixos temáticos: a) refletindo sobre a vida; b) reconstruindo a vida; e c) uma nova humanidade: ressignificando a formação humana. Para saber mais sobre o projeto, indico a leitura do trabalho completo publicado nos Anais do XXV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), vinculado ao Grupo de Trabalho Especial (GTE) 12 "Ensino de música nas escolas de educação básica", intitulado "Educação Musical Escolar no contexto do ensino emergencial remoto: um relato de experiência".

Foi nesse contexto, após o início das aulas remotas, que fui procurado pelo coordenador de estágio do curso de

Licenciatura em Música da UFMA à época (segundo semestre de 2020) para as explicações sobre o funcionamento das atividades no Colégio Universitário (COLUN) e quais as possibilidades de trabalho com Estágio Supervisionado. Situei o professor sobre o projeto em desenvolvimento, acordamos receber 15 estagiários(as) de Música para desenvolverem suas atividades no ensino médio, de modo que esses(as) licenciandos(as) pudessem realizar sua experiência de forma mais tranquila. Destaco que o diálogo e a reflexão conjunta com os(as) coordenadores(as) e supervisores(as) docentes foram fundamentais para a qualidade do trabalho na formação docente.

Como professor supervisor, o primeiro momento que tive com os(as) estagiários(as), junto com o coordenador de estágio do curso de Licenciatura em Música da UFMA, foi desafiador por se tratar de uma novidade no processo de formação, considerando os meios utilizados para os encontros, realizados pelo Google Meet. Nossas reuniões aconteciam uma vez por semana, onde num primeiro momento apresentei o projeto transdisciplinar e a estrutura administrativo-pedagógica para que todos conhecessem a organização interna da escola.

Nas primeiras reuniões, indiquei artigos sobre ensino remoto e educação musical e sugeri alguns cursos on-line que a universidade estava ofertando para sua comunidade acadêmica, nos quais destaco "Noções de como gravar videoaula usando recursos disponíveis em casa", "Conceitos básicos de direitos autorais para produção de recursos educacionais" e "Introdução à propriedade intelectual, direito autoral, de software e personalidade". Definimos, então, que trabalharíamos na construção de materiais didáticos para o período e nível de ensino em questão e que essas leituras e

cursos funcionariam como parte da formação teórico-metodológica para o estágio supervisionado.

A organização do calendário de atividades para esta etapa de formação foi articulada pensando nos seguintes eixos: 1) observação de aula remota síncrona; 2) escolha do tema da videoaula; 3) elaboração do roteiro da videoaula; 4) correção do roteiro da videoaula; 5) gravação/elaboração das videoaulas; 6) exibição de videoaulas para as turmas com participação dos estagiários; 7) elaboração do relatório final do estágio.

Em reflexões coletivas, sugeri que o trabalho fosse feito em grupos devido ao número de estagiários(as) e à quantidade de turmas pelas quais eu estava responsável. Penso que o trabalho do estágio deve ser uma experiência positiva e incluir a dimensão da carga horária no contexto de pandemia e a articulação coletiva com propostas criativas que permitam o desenvolvimento de cada estagiário. Antes da pandemia, eu indicava no máximo dois estagiários por turma para o melhor andamento e acompanhamento dos trabalhos pedagógicos. Com a divisão dos grupos, os licenciandos produziram três videoaulas com as temáticas Doo Wop, Bumba meu boi de orquestra e Jogos de Copos. Deixei-os à vontade para a escolha da temática, sem desconsiderar a qualidade das produções e os cuidados necessários com relação ao público-alvo dos materiais produzidos.

No ano seguinte, em 2021, o modelo adotado pelo COLUN foi o retorno ao formato de divisão dos horários por disciplina, mas continuando o formato remoto. Considerei a experiência da transdisciplinaridade exitosa e com muitos aprendizados, mas não deixo de salientar que tivemos alguns problemas de adaptação e compreensão coletiva sobre a proposta. No âmbito geral, penso que houve um

aprendizado significativo para os docentes e discentes do COLUN que experimentaram, de forma temporária, essa proposta curricular.

Em julho, recebi contato da nova coordenadora do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Música da UFMA para a parceria no desenvolvimento desta etapa de formação docente. Foram oito licenciandos(as) que integraram as atividades no ensino médio. Dessa vez, eu estava trabalhando com quatro turmas do 1º ano e quatro turmas do 3º ano. Foi uma experiência com percursos diferentes do que tinha sido o estágio no ano anterior, porque algumas etapas se aproximaram um pouco mais do que fazíamos antes da pandemia.

Indiquei a organização do estágio com reuniões ampliadas de discussão sobre a proposta curricular para o semestre, observações das aulas síncronas, aulas compartilhadas comigo (etapa em que os licenciandos ficaram responsáveis por parte da aula) e, depois de sentir um pouco mais de segurança, as regências de turmas, sob minha supervisão/observação, das aulas síncronas integralmente.

Considero importante, nas relações estabelecidas durante essa formação inicial, o diálogo de provocação com os(as) estagiários(as) para gerar uma reflexão coletiva (inclusive a minha) acerca de descobertas, desafios e problemas que surgem no cotidiano escolar e também na rotina da vida profissional docente. Dessa relação, penso que instigar a criatividade e a proatividade é fundamental para potencializar o trabalho docente no estágio supervisionado, criando condições para reflexões críticas acerca da educação musical escolar. Do mesmo modo, vejo também como essencial o incentivo à busca de referenciais e materiais pedagógicos que possam qualificar os estudos para o

desenvolvimento das regências em turmas e para a construção dos planos de ensino.

Em minha avaliação, o ápice do trabalho com este grupo de estagiários(as) foi o momento em que iniciamos o eixo temático "Indústria Fonográfica", quando discutimos com os alunos os materiais de gravação/reprodução musical (mecânico, elétrico e digital) ao longo da história até chegarmos ao debate sobre mercado de *streaming* e direitos autorais. Foi então que iniciamos as indicações às turmas para criação musical com recursos da tecnologia digital – o que seria desafiador, porque essa produção dos alunos do COLUN, em grupo, se daria de forma remota. Destinei várias aulas síncronas exclusivamente para o trabalho de orientação para as produções e separei algum tempo para que os alunos se auto-organizassem em outras salas do Meet para a construção da composição musical. Esse momento foi acompanhado pelos(as) estagiários(as) de Música, que também se dispuseram a auxiliá-los por e-mail ou outros meios fora da aula síncrona.

No final do ano letivo, destinamos uma semana para a socialização dos trabalhos em grupo em turma. Esses trabalhos foram incorporados como a última avaliação, e o estabelecimento das notas dos grupos foi discutido e indicado a partir do diálogo que fiz junto com os estagiários de cada turma. Pensei nesse mecanismo como forma de desenvolver as capacidades de reflexão sobre a avaliação em música, considerando os critérios estabelecidos no processo avaliativo, as características das turmas e os perfis dos grupos.

Compreendo o campo do estágio como uma etapa crucial na formação docente, pela relação mais próxima com as demandas do "mundo do trabalho", mas também porque considero um exercício para pensar os desafios da formação

docente em vários contextos – escolares, sociais e econômicos – e as possibilidades para a construção curricular, apontando metodologias e abordagens que contemplem a articulação dos saberes docentes com as demandas da educação básica. Por fim, gosto de sinalizar os objetivos do campo do estágio no colégio de aplicação, que pretende permitir aos estagiários observação e participação no ambiente educacional de qualidade, buscando uma prática significativa e de alto nível para uma experiência mais abrangente e positiva antes de concluírem o curso de licenciatura.

Micael Carvalho dos Santos
São Luís-MA, janeiro de 2022

Referências

CORREIA, Evelline Soares. Colégios de Aplicação Pedagógica: sua história e seu papel no contexto educacional brasileiro. *Rev. Eletrônica Pesquiseduca,* v. 9, n. 17, p. 116-129. jan./abr. 2017.

SANTOS, Micael Carvalho dos. Educação Musical Escolar no contexto do ensino emergencial remoto: um relato de experiência. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 25., 2021, Londrina. *Anais* [...]. Londrina, v. 4, 2021. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/985/public/985-4409-1-PB.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO COMPONENTE CURRICULAR ARTES/MÚSICA NO IFC-CAS

Notas iniciais

Este texto traz um relato de experiência das atividades do estágio supervisionado em Música realizadas de forma não presencial em turmas de cursos técnicos integrados ao ensino médio, a partir de minha perspectiva e reflexões como professora que ministra a disciplina de Artes/Música no referido contexto educacional. O texto traz reflexões sobre o processo de observação, planejamento e intervenção, bem como alguns desafios enfrentados pela professora, os quais também foram apreciados pelos estagiários.

No ano de 2020, o mundo foi acometido pela pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2. As etapas dessa batalha ainda não foram completamente vencidas, porém muito se evoluiu no que se refere à prevenção, aos cuidados e à parte mais importante: a vacinação. Essa situação provocou mudanças em todos os âmbitos da sociedade, e com a educação não foi diferente.

Repentinamente, fomos obrigados a reorganizar e repensar nossos processos de ensino e aprendizagem e a aprender a lidar com novas ferramentas e estratégias para suas ações, em especial com as questões tecnológicas. Dentre outras questões, foi preciso verificar quais conteúdos poderiam ser trabalhados, as metodologias favoráveis e como possibilitar a inclusão de todos no novo processo educacional que se iniciava: o ensino remoto. Tal modalidade educacional começou a ser pensada e estruturada como possibilidade para todas as etapas e níveis da educação básica, para a educação superior e até mesmo para as escolas livres de música.

Em meio à pandemia, uma possibilidade de ralização do estágio supervisionado: o ensino integrado

Os estágios supervisionados não presenciais foram realizados em turmas de cursos técnicos integrados ao ensino médio[1]. Tal modalidade de ensino é ofertada nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). O Instituto Federal Catarinense (IFC) integra essa instituição[2].

No IFC foram estabelecidas Atividades de Ensino Remotas (AER) normatizadas pela Resolução nº 39/2020 do Consuper[3]. De acordo com a resolução, o regime de AER

> [...] é uma estratégia emergencial para a oferta de atividades acadêmicas desenvolvidas e acompanhadas pelos docentes, com mediação tecnológica ou não, realizada de forma remota pelos estudantes em substituição às atividades acadêmicas presenciais. (IFC, 2020).

Nos cursos técnicos do IFC- *Campus* Avançado Sombrio (CAS[4]), no componente curricular Artes, é ministrada a linguagem musical, considerando minha formação em Música. Sobre as atividades referentes a este componente curricular em formato remoto, muitas reflexões foram realizadas no início e durante o processo. A organização dos conteúdos e as atividades trabalhadas partiram do viés apresentado por

[1] Os cursos técnicos integrados ao ensino médio são uma modalidade da educação básica que integra o ensino técnico de nível médio à educação básica (BRASIL, 1996).

[2] O Instituto Federal Catarinense é uma das instituições originadas a partir da Lei nº 11.892/08 (BRASIL, 2008), que criou os Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia (IFs).

[3]Disponível em https://consuper.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/14/2020/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-39.2020-Altera%C3%A7%C3%A3o-de-AERs.pdf.

[4] O IFC Campus Avançado Sombrio (CAS) é um dos 15 *campi* que integra o Instituto Federal Catarinense.

França e Swanwick (2002): composição, performance e apreciação. De acordo com os autores,

> [...] composição e apreciação, juntamente com a performance, são os processos fundamentais da música enquanto fenômeno e experiência, aqueles que exprimem sua natureza, relevância e significado. Esses constituem as possibilidades fundamentais de envolvimento direto com a música, as modalidades básicas de comportamento musical. (SWANWICK; FRANÇA, 2002, p. 8).

Algumas práticas realizadas nas aulas foram apresentadas em eventos da área de Música, o que suscitou a possibilidade de este espaço educacional ser um local para os estágios supervisionados em música em formato remoto.

Organizando o processo: planejamento do estágio supervisionado

O estágio supervisionado compreende parte fundamental na formação do professor que atuará na educação básica, independentemente da área de atuação (BRASIL, 1996, art. 61). Nos cursos de Licenciatura em Música, os estágios realizados em contextos educacionais da educação básica são possibilidades de encorajar os licenciandos a desenvolverem o trabalho musical nestes espaços. Para Buchmann e Bellochio (2007, p. 229), "o estágio curricular supervisionado é um componente que ocupa lugar de destaque nos cursos superiores de formação de professores".

Os processos de estágio a que me refiro neste texto foram realizados no segundo semestre de 2020 e no

primeiro semestre de 2021 por acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). As aulas foram ministradas nos primeiros e segundos anos dos cursos técnicos em Informática e no segundo ano do curso técnico em Hospedagem. Devido à nova organização do ensino, compreendo que o processo do estágio supervisionado realizado de forma remota proporcionou aos estagiários uma experiência nova, com a qual muitos não tinham contato, conheciam apenas o ensino presencial.

O estágio supervisionado incluiu as etapas de observação, elaboração de propostas e regência, ou seja, a intervenção. A etapa de observação das minhas aulas permitiu que os estagiários conhecessem a turma, bem como os processos que foram adotados no espaço educacional estagiado. A partir do registro das observações, foi possível organizar a intervenção das aulas. A organização das etapas do estágio foi sendo construída em parceria comigo, com os professores supervisores e com os estagiários. Essa organização foi de suma importância, pois cada um pôde contribuir a partir das experiências vivenciadas até o momento.

A organização do trabalho docente dos estagiários esteve pautada em: planejamento de aulas síncronas e assíncronas[5]; preparação de materiais impressos para estudantes que possuíam dificuldades de acesso à internet ou mesmo não se adequaram à nova proposta de ensino; adaptações de materiais para estudantes atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE), bem como organização do processo de avaliação. Neste quesito, compreendo que o estágio possibilitou uma vivência ampliada das demandas da

[5] No IFC-CAS, as aulas remotas foram ministradas de forma síncrona e assíncrona.

educação básica, pois permitiu estar em contato com a diversidade de estudantes, de possibilidades de ensino e aprendizagem e de avaliação – desafios estes presentes na educação básica, independentemente da etapa ou da modalidade.

As aulas síncronas aconteceram na plataforma Google Meet, sendo gravadas para que os estudantes que tivessem algum problema de acesso no momento pudessem acessá-las posteriormente. Os materiais e atividades foram postados na turma virtual, no sistema do IFC[6]. Nessa direção, é possível refletir sobre um desafio encontrado: os estagiários não tinham acesso ao sistema, assim, para enviarem as atividades e os materiais, eles encaminhavam à professora regente, e a postagem era realizada. O mesmo processo aconteceu na devolutiva das atividades realizadas pelos estudantes. Esse procedimento necessitou de organização prévia dos estagiários.

Destaco que a participação dos estudantes nos momentos síncronos teve variação de acordo com a turma, porém as atividades propostas foram realizadas por grande parte dos estudantes, o que já era habitual nas aulas de Artes/Música, pois, de acordo com normativa da AERs do IFC, era facultativo aos estudantes participarem dos momentos síncronos.

Um ponto que merece menção é o uso das tecnologias nesse formato de ensino, seja por sua contribuição positiva, seja por se apresentar como um desafio. As tecnologias auxiliaram muito no processo educacional do ensino remoto, fazendo com que os estudantes e professores tivessem o

[6] Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA).

o mínimo de contato, mesmo que de forma virtual. Porém, ressalto que, no contexto educacional estagiado, assim como em outros espaços, foi possível observar dificuldades de acesso às tecnologias por parte dos estudantes[7]. Ainda foram observadas dificuldades não somente nesse quesito, mas também na organização do espaço e do tempo de estudo dos estudantes, que, como todos, tiveram que aos poucos se adequar à nova rotina.

Reflexões finais

Diante de dificuldades e incertezas que o ensino remoto trouxe para os sujeitos da educação, as experiências de estágios supervisionados não presenciais possibilitaram aos licenciandos em Música, bem como a mim, uma nova vivência no que se refere à organização das aulas, à proposição de metodologias, dentre outros.

Vale ressaltar que o ensino remoto foi uma possibilidade de manter o contato entre professores e estudantes em um momento ímpar, porém é preciso refletir que educação é socialização, interação; é o contato com outro e com suas experiências. Para Freire (2006), educação é humanizar os humanos na luta em denunciar e superar os elementos desumanizadores, e isso acontece de forma mais intensa no ensino presencial. Essa perspectiva converge com os apontamentos dos estudantes que relataram gostar das propostas realizadas nos estágios, porém, se fosse presencial, seria mais interessante, pois necessitava de bastante troca, o que, de forma remota, ficou prejudicado.

[7] No IFC, muitas ações foram realizadas para que todos os estudantes tivessem acesso à internet: auxílios digitais, chips de celulares, dentre outros.

Saliento que algumas ações planejadas para o ensino remoto podem ser exploradas e utilizadas no ensino presencial. Como exemplo, trago as atividades de composições individuais e coletivas que podem ser desenvolvidas com o auxílio de tecnologias acessíveis aos estudantes, como o gravador do celular. Outra possibilidade do aprendizado musical é a prática da apreciação. Ambas as atividades foram realizadas em minhas aulas e também pelos estagiários. De acordo com Beltrame e Ribeiro (2016, p. 65), "as novas tecnologias vêm modificando as formas de ouvir, tocar e criar música" e podem ampliar a experiência musical dos alunos. É possível "praticar a performance por meio de instrumentos musicais [...], fazer músicas, criar partituras em um instrumento MIDI [...] ou usando softwares de gravação" (p. 65).

Como supracitado, o planejamento foi realizado em conjunto, as atividades propostas foram utilizadas como parte da avaliação do componente curricular, e as notas foram baseadas nas devolutivas dos estagiários para a docente e para os estudantes. As tecnologias contribuíram para o planejamento das aulas, considerando que era possível organizar encontros anteriores para a organização do processo. Acredito que esses direcionamentos devem ser pensados para a formação dos licenciandos, considerando que experiências dessa natureza, usando as tecnologias, possibilitam novos caminhos para pensar o ensino de música na educação básica.

Considero pertinente, para este relato, apresentar brevemente as temáticas e alguns recursos tecnológicos que foram utilizados pelos estagiários: 1) ritmos e estilos musicais de origem africana, cujo trabalho resultou em composições coletivas com sons corporais e sons do cotidiano dos alunos;

2) composições a partir da paisagem sonora utilizando software de áudio Reaper; 3) biografia de Milton Nascimento, ficando as atividades centradas na apreciação musical; 4) cultura local do Mato Grosso, cujas atividades focaram a apreciação musical.

Em síntese, sobre a formação do professor de música, Bellochio (2013) destaca que a formação docente "enreda-se entre saber e viver músicas, saber e viver diversificadas formas de ensinar e de aprender. Saber ensinar música, saber como se aprende música e saber avaliar os processos de desenvolvimento musical dos estudantes" (BELLOCHIO, 2013, p. 82). Sendo assim, o estágio supervisionado auxilia nesse processo, compreendendo que este é o momento no qual a teoria estudada será colocada em prática, sendo assim avaliada e reorganizada, se necessário.

Desta forma, depreendo que, mesmo com os desafios do ensino remoto, foi possível a realização do estágio supervisionado com os estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFC-CAS, sendo trabalhadas questões significativas no que se refere ao ensino de música na educação básica.

Tereza Cristina Benevenutti Lautério
Sombrio-SC, 19 de janeiro de 2022

Referências

BELLOCHIO, Cláudia. *Educação Básica e Educação Musical:* formação, contextos e experiências formativa. Intermeio, v. 19, n. 37, p. 76-94, 2013.

BELTRAME, Juciane Araldi. RIBEIRO, Giordano. Tecnologia e Recursos Digitais na Aula de Música. In: CAVALIERI, Cecília França et al. *Hoje tem aula de música?* Belo Horizonte: MUS, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da
educação nacional. *Diário Oficial da União:* Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9394.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

BUCHMANN, Letícia; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. O estágio supervisionado na formação inicial em música*:* um estudo na UFSM. In: . *Revista Ciranda* –Montes Claros, v. 4, n.1, 2020. p.95-106

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, v. 13, n. 21, p. 5-39, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. Conselho Superior. Resolução nº 39/2020, de 24 de agosto de 2020. Dispõe a realização de Atividades de Ensino Remotas (AER) nos cursos de Qualificação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, Técnico de Nível Médio e Superiores ofertados pelo Instituto Federal Catarinense (IFC) em virtude da Pandemia COVID-19. Conselho Superior, 2020. Disponível em: https://consuper.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/14/2020/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-39.2020-Altera%C3%A7%C3%A3o-de-AERs.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

PROCESSOS DE APRENDIZAGENS COMPARTILHADOS COM OS ESTAGIÁRIOS DE MÚSICA

Isolamento e aprendizagens

A pandemia da Covid-19, em março de 2020, tirou de mim a oportunidade do encontro, do abraço, da troca face a face e das possibilidades de compartilhar aventuras, cirandas e emoções diferentes em terras espanholas durante meus estudos na Universidade de Granada. Fui aprendendo a desenvolver um mergulho em meu cotidiano e buscando transformá-lo em objeto de reflexão crítica, o que para mim significou a busca por aprender com toda aquela experiência proposta, não perdendo de vista o verbo "esperançar" (FREIRE, 1997, p. 17-18).

Dentro deste contexto pandêmico, caminhei em busca do afeto, da partilha, da troca de conhecimentos, aventurando-me progressivamente às aulas on-line, às descobertas de diversos aplicativos, às inúmeras *lives*, às presenças em congressos e seminários nacionais e internacionais e aos preenchimentos de tarefas e compromissos educacionais em diferentes plataformas. Conforme Buckingham (2007) explica, fui vivenciando a *media literacy*[1]. O tempo foi passando, mas a pandemia não.

Voltei ao trabalho em 2021, mas, por fazer parte do grupo de risco, até agosto exerci minhas atividades apenas de forma on-line. Depois da aplicação da segunda dose da vacina, mudei para a forma presencial. Foi dentro dessas realidades

[1] Conceito frequentemente traduzido como letramento midiático, literacia midiática ou alfabetização midiática. Resumidamente, trata-se de aprender a desenvolver: aptidões e competências para localizar assuntos na internet; regular o acesso usando orientações; decodificar ou interpretar as mídias; conhecer os processos de produção e ter capacidade de criticar a mídia.

que aceitei receber estagiários em minhas aulas. Entendo o período de estágio como uma possibilidade única para que o estudante de música vivencie "com intencionalidade, carinho e medo o difícil diálogo entre a Universidade e a Escola, entre a teoria e a prática" (NATERA, 2013, p. 2).

Já atuei como professora orientadora de estudantes de Licenciatura em Música, mas havia chegado o momento de assumir o papel da professora supervisora. Lugares e responsabilidades diferentes, mas ambas muito importantes na formação do(a) futuro(a) professor(a) de música. Escolhi neste texto descrever uma visão mais geral das diferentes situações que eu e os estagiários[2] da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) fomos convidados a experimentar.

Sou professora efetiva na Escola Básica Municipal Mâncio Costa – Escola do Futuro. No ano de 2021, os alunos puderam optar entre participar do sistema híbrido (presencial) ou do sistema remoto. O grupo de estudantes que optou pelo sistema híbrido foi dividido em dois: o grupo A ia à escola em uma semana e o grupo B, na outra. Na semana-casa, ambos os grupos recebiam atividades propostas de todas as disciplinas.

Já o grupo que optou pelo sistema remoto deveria assistir às aulas síncronas na semana do grupo A. Para garantir o acesso de todos às aulas síncronas, a Rede Municipal de Ensino ofereceu um chip de internet. Entretanto, caso não tivessem aparelhos para acompanhar as aulas síncronas, o material pedagógico estava disponível na plataforma Google Sala de Aula ou impresso na escola.

[2] Neste caso específico, a escolha pelo gênero masculino se deu por todos se apresentarem como homens, mas ressalto que o termo se refere a ambos os gêneros.

O material era produzido de 15 em 15 dias e postado no Google Sala de Aula e no Google Drive da escola para que as coordenadoras pudessem ter acesso. A devolutiva das atividades garantia a presença e permitia a avaliação do processo pedagógico. Vale ressaltar que a internet na escola nem sempre funcionava, apesar de ser "escola do futuro".

Assim, é possível perceber o aumento de trabalho dos professores com a produção de atividades para tempo-escola, tempo-casa e mais atividades para os estudantes remotos. O resultado dessa proposta mostrou e acentuou, com a pandemia, a imensa desigualdade econômica e social existente não só em nosso país, mas também em outros (BRASIL, 2021).

No primeiro semestre de 2021, atuei de forma remota e recebi seis estagiários; no segundo semestre, de forma presencial, trabalhei com quatro. Todos os licenciandos em Música realizaram seus estágios de forma on-line[3] em ambos os semestres. De qualquer maneira, rondavam na minha cabeça algumas questões desafiadoras para lidar com a Covid e com os estagiários nesse processo.

Entre tantas questões, destaco: o que, por que e como posso compartilhar com os licenciandos em Música, futuros professores, a importância de um trabalho fundamentado, sério, mas também prazeroso e respeitoso em relação às possibilidades e aos limites das crianças e jovens de uma escola pública? Como orientar aula de música on-line sem nunca ter vivenciado isso? Como seria possível ajudar na orientação dos estagiários? Como compartilhar a importância das brincadeiras musicais, dos jogos de mãos e das rodas sem

[3] Também conhecido como ensino remoto emergencial.

"dar as mãos"? Como manter a seriedade sem perder a alegria e a leveza? Em tempos tão amargos, como mostrar aos estagiários e às crianças que a música poderia adoçar um pouco as nossas vidas? Apesar de todos os limites presentes, como mobilizar o desejo e a importância de se tornar professor na escola pública?

Minhas certezas eram que a carga horária permaneceria normal, independentemente do contexto da pandemia, e que todos os conteúdos e práticas pedagógico-musicais passariam, de alguma forma, pela avaliação dos pais cotidianamente. Nossas paredes viraram vidraças em tempos de negacionismo, preconceito e polarizações, promovidos por um governo sem compromisso com a educação e a ciência. Um ano marcado por atitudes radicais.

Metamorfoses

Os ajustes de horários das aulas na escola e as possibilidades dos estagiários no primeiro semestre já foram os primeiros desafios. Duas duplas de estagiários acompanharam as turmas do 6º e 7º anos, que possuem 3h/a semanais. Já a outra dupla, por dificuldades na logística, acompanhou uma aula do 5º, uma do 8º e uma do 9º ano[4]. Dividir a atuação em três turmas semanalmente com os estagiários foi quase insano, devido às dificuldades de se cumprir exatamente o conteúdo que deveria ser dado em uma aula ou na outra.

Transformei-me com essa experiência. Aprendi que como professora supervisora devo dar mais atenção ao processo de aproximação dos estagiários com os diferentes saberes das

[4] Na RME de Florianópolis, essas turmas possuem 2h/a semanais de Arte no currículo.

crianças/jovens do que com as disponibilidades de carga horária deles. Como afirmam Mateiro e Cunha (2021), é fundamental considerar "o contexto a que as crianças [...] pertencem, de modo que o conhecimento musical esteja em relação com os sujeitos para os quais as aulas são planejadas" (p. 163). Para isso ocorrer, são necessários tempo e proximidade.

Como era de se esperar, os licenciandos que permaneceram com o mesmo grupo conseguiram mais aproximação tanto das crianças quanto das propostas pedagógico-musicais. Dentro de todo o contexto de aulas on-line, aprendi que os professores jamais serão substituídos pelas tecnologias. As crianças necessitam de nossas presenças para aprender e se desenvolver (TARDIF, 2020) . As mídias podem contribuir para o ensino e devem urgentemente ser repensadas em seus usos (BUCKINGHAM, 2007). Aprendi a desenvolver a competência de alfabetização midiática junto aos jovens, sem perder de vista a diversidade social de suas práticas.

No segundo semestre, devido ao desencontro do calendário entre as instituições de ensino, os quatro universitários iniciaram sua disciplina de estágio um mês após meu retorno presencial. Sendo assim, o conteúdo e o repertório do segundo semestre já haviam sido decididos e iniciados, assim como a conquista de uma sala de aula para a disciplina de música com instrumentos[5], carteiras distanciadas e álcool em gel disponível.

Nesse semestre, senti-me mais segura e penso que isso se deu porque me foi possibilitado observar mais de perto

[5] Com a inauguração do prédio novo de nossa escola, a área de Música ganhou vários instrumentos, mas que estavam há mais de um ano e meio guardados nas caixas.

alguns sentimentos dos estudantes: alegria, tristeza, medo, raiva, frustração, gratidão, amor, esperança, compaixão etc. Somente sentindo essa reação em cada atividade e em cada desafio é que percebi os limites de cada criança/jovem.

Os conteúdos desse semestre foram diluídos na construção de arranjos instrumentais de músicas africanas. Como houve muito envolvimento dos estudantes, acabamos gravando vídeos, que foram apresentados em três seminários: XV Seminário de Diversidade Étnico-Racial-Ancestralidades (2021), VIII Seminário de Música & VII Encontro das Artes (2021) e Congresso de Educação Básica – Práticas pedagógicas em tempos de pandemia: vozes, saberes e fazeres (2022), conforme a Figura 1.

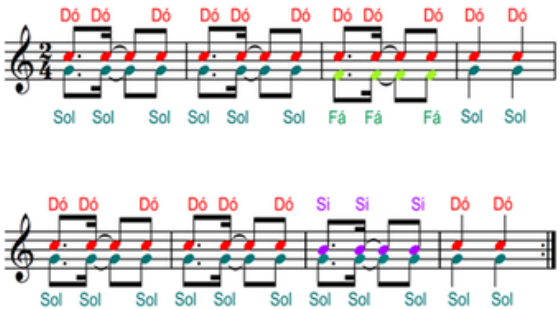
Figura 1: Estudantes do 5º, 6º e 7º anos da EBM Mâncio Costa

Fonte: Acervo da autora. Gravação autorizada pelos responsáveis dos estudantes.

Nesse processo, por um lado, aprendi que, pelo fato de os estagiários não atuarem em todas as turmas e não terem que responder pedagogicamente por tudo, eles conseguiram desenvolver mais habilidades com as tecnologias do que eu. Foram incríveis os trabalhos que realizaram. Entre eles, compartilho um material escrito e midiático que construíram

para explicar aos estudantes como realizar os tubos harmônicos nos arranjos musicais (Figura 2).

Figura 2: Tubos sonoros



Fonte: Acervo da autora

Por outro lado, aprendi que devo deixar os estagiários experimentarem algumas atividades, mesmo tendo ciência de que não funcionariam. Eu era, de alguma forma, professora tanto dos estudantes como dos licenciandos; por isso, esses últimos, apesar de estarem on-line e não perceberem alguns detalhes, precisavam tentar realizar algo diferente e perceber por si mesmos se a opção da atividade tinha sido boa ou não.

Com certeza, os estagiários e eu não conseguimos realizar as melhores e mais eficazes aulas de educação musical, mas conseguimos empenhar o nosso melhor, o que nos foi possível dentro dessa realidade pandêmica e política de nosso país. Juntos, lutamos pelo fortalecimento da área, não perdendo de vista nosso compromisso estético e ético com a educação.

Gislene Natera

Florianópolis-SC, fevereiro de 2022

Referências

BRASIL. *COVID-19 e desenvolvimento sustentável:* avaliando a crise de olho na recuperação. 1. ed. Brasília, DF: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD): Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF); Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO): Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), 2021. Livro eletrônico.

BUCKINGHAM, David. Digital Media Literacies: rethinking media Education in the age of the Internet. *Research in Comparative and International Education,* v. 2, n. 1, p. 43-55, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Escola para além do digital: reflexões sobre os estágios na formação docente em música. *Revista da ABEM,* v. 29, p. 161-177, 2021.

NATERA, Gislene. Possibilidades e limites do estágio em música aos ouvidos da orientadora. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 21., 2013, Pirenópolis. *Anais [...].* Pirenópolis: ABEM, 2013.

TARDIF, Maurice. *Lições da pandemia para o futuro da educação*. [S. l.]: Cepec Educação, 2020. (Série Vozes Educadoras). Publicado no canal Portal Cenpec. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Yi4S0iCEUII&feature=emb_logo. Acesso em: 12 jan. 2022.

A TERRA PAROU, MAS EU NÃO: COMO EMBARQUEI EM UMA GRANDE AVENTURA EM PLENA PANDEMIA

Ainda não acabou. No momento em que inicio a escrita deste relato, o mundo ainda vive o horror da pandemia de SARS-CoV-2, mas em uma fase em que o número de mortes por Covid-19 finalmente está diminuindo. A variante ômicron vem causando novas contaminações, mas parece não afetar gravemente quem completou o esquema vacinal. Porém, o período que descreverei, ou seja, o segundo semestre de 2020, ainda era cheio de incertezas, os nervos à flor da pele, o noticiário mostrando imagens e situações que pareciam muito mais com as cenas de uma série de suspense impactante, do tipo *Black Mirror*[1], do que com a realidade como eu conhecera, ao longo dos meus 47 anos de vida. Foi nesse cenário de distopia que aconteceu essa história, significativa para mim. O meu olhar de supervisora, de professora de música e, mais do que tudo, de um ser humano que viveu durante a pandemia e saiu transformado pela vivência, pela tristeza, pelas descobertas, enfim... por fatos e sensações que jamais serão esquecidos por todos os que viveram na década de 2020.

O dia em que a Terra parou

16 de março de 2020. Foi neste dia que as escolas fecharam. Ao redor do mundo, a palavra *lockdown* ecoou, para muitos, como uma sentença de morte. De uma hora para outra, nosso mundo real se reduziu à nossa casa, e o convívio com o marido e os dois filhos, que antes era

[1] Black Mirror é uma série britânica de ficção científica criada por Charlie Brooker e centrada em críticas satíricas relacionadas ao uso de novas tecnologias.

esporádico, passou a ser de 24 horas por dia, com a preocupação do preparo das refeições, de manter a casa relativamente limpa e em ordem. Passamos a viver o mesmo pânico que assolou bilhões de pessoas ao redor do mundo: a ignorância inicial sobre o contágio, os efeitos, a prevenção. Comprar álcool em gel e máscaras. E a maior preocupação de todas: a vida de parentes e amigos. As nossas vidas.

Contrariamente ao confinamento, nossa privacidade passou a ser aberta para o mundo virtual. Além do famigerado e, ao mesmo tempo, salvador trabalho remoto, nosso cotidiano virou uma rotina de coisas que podíamos fazer sem sair de casa. Ler, assistir a filmes e séries, arrumar os guarda-roupas, aprender a preparar novos pratos, tocar, cantar. Até gravar e mandar para os amigos e parentes, como um presente pessoal possível, já que a presença física não era mais permitida. Busquei atividades que trouxessem leveza ao cotidiano, pois lá fora só tinha o pesadelo acontecendo. Equilíbrio mental para mim, para os filhos, para o marido. Todos achávamos que tudo passaria em dois ou três meses, que voltaríamos à vida normal. Mal sabíamos o que nos esperava...

Estágio em meio a uma pandemia: onde, como, com quem?

Foi nesse quadro de terror e de resistência que me veio, por e-mail, o pedido da coordenadora de estágios da universidade: *"Você poderia aceitar alguns estudantes? Os campos de estágios estão fechados para eles. Poderia receber, assim... uns quatro estudantes em suas escolas?"*.

Minha resposta foi rápida: "É claro! Imagina!". Sempre que entram em contato comigo com esse tipo de pedido, volta

à minha mente a lembrança de quando eu era estudante do curso de Música desta mesma universidade. Lembro-me como se fosse hoje da minha própria angústia ao procurar um local para estagiar, das dúvidas e da decepção ao receber vários "nãos" antes de vir, finalmente, um "sim". Hoje, como professora formada e em sala de aula há mais de dez anos, sei que aceitar um estagiário significa expor sua prática, suas qualidades e seus defeitos, e não é nada fácil se você também não estiver disposto a *se deixar transformar por essa experiência.*

Por outro lado, se, em tempos normais, ser supervisora de estágio já é desafiador, pense no que significa isso em plena pandemia, em que o principal ator dessa experiência, ou seja, o estudante, está quase ausente, sem o calor da aula presencial.

Mas, por incrível que pareça, o estágio de 2020 foi um dos melhores entre os que tive a oportunidade de supervisionar. Não que os estágios que supervisionei anteriormente não tenham sido bons. Pelo contrário, tive o privilégio de sempre me surpreender positivamente com os estudantes de graduação que estagiaram comigo, e por isso mesmo me senti encorajada a continuar recebendo-os. Mas esse estágio, em plena pandemia, com todas as dificuldades, se tornaria especial, o que guardarei na memória e no coração por mais tempo. Será porque, como quase todo mundo, fiquei mais sensível, mais humana, com tudo isso acontecendo ao meu redor, ou talvez porque, de fato, tenha sido mesmo excepcional? Foram quatro estudantes, e com todos eu aprendi muito, mas aqui vou contar como foi a supervisão de dois estudantes que ainda estavam no meio do curso – na quinta fase, se não me engano.

Os dois jovens estudantes da Licenciatura em Música já tinham conversado um pouco comigo anteriormente, em uma reunião virtual, junto com seu orientador. Inicialmente, trouxeram propostas que, no presencial, seriam incríveis, mas tiveram que ser trazidos de volta ao mundo real por mim. Que tristeza ter que fazer isso! Naquele mundo real, um trabalho em pequenos grupos que necessitasse de interação entre meus estudantes via internet e que utilizasse recursos de gravação via celular, por exemplo, não tinha a menor chance de funcionar, simplesmente porque meus estudantes não tinham, na época, recursos tecnológicos suficientes para isso... Um chip com pacotes de dados só seria entregue a eles pela prefeitura no início do ano seguinte. A maioria não possuía sequer um celular só seu. Alguns usavam os dos pais e, normalmente, à noite. Assim, era minha obrigação alertar os estagiários que essas limitações teriam que ser levadas em conta no planejamento de suas aulas.

Não é fácil, para alguém que quer incentivar o voo, ter que cortar as asas logo no primeiro encontro. O que eu ainda não sabia é que, em breve, nós faríamos uma grande viagem, uma viagem interplanetária, guiados por um ser de outro planeta.

No meio do caminho havia uma pedra. Ou melhor: um curso!

De repente, na ânsia de fazer curso disso, curso daquilo, surgiu um convite da professora Viviane Beineke para um curso on-line de formação continuada sobre práticas criativas em educação musical, direcionado para professores da educação básica durante a pandemia e ofertado pela mesma universidade dos meus estudantes estagiários. Fiz a inscrição num impulso... Quem sabe se este curso poderia me ajudar a ensinar música no meio de uma pandemia?

Adivinhem só o que aconteceu: no primeiro encontro, descobri que eu, a *professora supervisora*, tinha virado *colega* de curso de um de meus *estagiários*! Por sugestão da coordenadora do curso, nosso projeto poderia ser elaborado e ofertado dentro do estágio. Passamos a proposta para o orientador de estágio dos licenciandos, convidamos o outro estagiário para entrar no curso e... OK! Tudo certo! Então, *alea jacta est*!

No curso de Práticas Criativas em Educação Musical, coordenado pela professora Viviane, trabalhamos inicialmente o embasamento teórico sobre as práticas musicais criativas. Em seguida, dividimo-nos em grupos menores (núcleos). Após algumas discussões, ficou combinado que cada núcleo desenvolveria um projeto, no qual elaboraria uma série de *podcasts* a serem ofertados para os estudantes do ensino fundamental. A opção por *podcasts* veio para atender a questão de pouco acesso à internet dos estudantes da rede municipal, pois áudios gastam muito menos *bytes* do que vídeos.

O núcleo do qual participei optou por elaborar uma série de *podcasts* sobre a história da Música Popular Brasileira, inspirados pelo livro *Histórias da Música Popular Brasileira para Crianças* (CIT; TEIXEIRA; GNATALLI, 2003).

O primeiro episódio foi um grande desafio! Para produzi-lo, precisamos pensar não apenas sobre o que seria necessário para a elaborar um *podcast*, mas também como torná-lo atraente e ao mesmo tempo desafiador para nossos estudantes do ensino fundamental, confinados em casa. O processo de produção deste episódio e o resultado me mostraram que havíamos acertado em juntar o estágio com o curso. Foi uma grata surpresa descobrir que um dos estagiários tinha vasta experiência com gravação e edição de

som. Além disso, ele estava sempre atento às discussões e comprometido com as demandas, demonstrando grande sensibilidade no trato com as pessoas. O outro estudante também demonstrou total comprometimento, mas mostrou-se, inicialmente, mais introvertido que seu colega. No entanto, durante a gravação do primeiro episódio, ele demonstrou um talento incrível na interpretação de Nimuê, personagem-guia da história, trazendo, a partir da voz, um toque de humor para todos os episódios da série. Explicando um pouco melhor: Nimuê é um ser extraterrestre que pode viajar no tempo e no espaço, e foi o estudante que fez com que Nimuê cativasse a todos nós, incluindo os estudantes da minha escola.

No total, foram seis episódios centrados em artistas como Chiquinha Gonzaga, Pixinguinha e Elza Soares, sendo Nimuê nosso aventureiro e cicerone ao longo de toda a viagem. A série, intitulada *Nimuê Descobre a Música Popular Brasileira*, a descrição do projeto e suas conexões dentro do grupo de pesquisa "Inventa" podem ser acessadas pelo link https://www.udesc.br/ceart/inventa/podcast/nimue 🎧 (UDESC, 2020).

Produzir *podcasts* dentro de uma perspectiva criativa de educação musical e em tempos de pandemia trouxe desafios fantásticos para nós, como: aprender a escrever um roteiro; narrar, gravar e editar áudios com o máximo de qualidade; realizar cada etapa colaborativamente. Levou-me não apenas a ser a *supervisora*, que compartilhava com seus estagiários sua experiência como professora de música, mas tornou-me colega de curso, uma aprendiz com muita sede de aprender e disponibilidade para ouvir.

Esse estágio em plena pandemia foi um dos melhores até hoje para mim, pois foi a partir da interação com os estudantes e com o grupo de pesquisa que consegui superar,

em grande medida, a tristeza, o medo e a ansiedade devido à situação que enfrentávamos. Mesmo não conhecendo pessoalmente parte do grupo, inclusive os estudantes de estágio, conseguimos nos entender de tal forma que produzimos um material didático riquíssimo, o qual poderá ser ressignificado ao longo dos anos por nós mesmos ou por outros educadores musicais. Particularmente, ter sido colega dos meus estudantes me deu a oportunidade de exercitar as habilidades de ouvir, acolher, refletir, repensar, e só depois falar, corrigir, propor, orientar. No caso deles, na verdade, o que mais me lembro de ter feito foi me surpreender, elogiar e aprender. Muito.

Valeu, meninos! Valeu, pessoal do curso de práticas criativas! É para vocês que dedico esta narrativa pessoal, emocionada e despretensiosa. Desejo especialmente aos estagiários e colegas de curso que continuem sonhando, apesar da dureza do mundo real... E que a boa lembrança dessa experiência se torne, para vocês, tão especial como se tornou para mim.

Bárbara Funke Haas
Florianópolis-SC, fevereiro de 2022

Referências

CIT, Simone; TEIXEIRA, Iara; GNATALLI, Roberto. *Histórias da Música Popular Brasileira para Crianças*. Curitiba: Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, 2003.

UDESC. *Podcasts Inventa:* Núcleo Nimuê. Florianópolis, 2020. Disponível em: https://www.udesc.br/ceart/inventa/podcast/nimue. Acesso em: 19 jan. 2022.

Encerramento

Tempo, tempo, tempo: vivido, lembrado e narrado por estudantes, professores e professoras de música

Teresa Mateiro

Muitas vezes me encontro pensando sobre o tempo. Não sobre o tempo musical, expresso no livro de Eduardo Seincman (2001), na perspectiva fenomenológica da temporalidade, ou seja, do tempo e a música, da música no tempo e do tempo na música. Também, nesse caso, não me atrevo a refletir sobre o caráter polêmico do tempo de Jean-Marie Guyau (2010) em publicação de 1890. O filósofo e poeta francês explica que o tempo é uma organização de imagens que, ao serem evocadas, se justapõem e "engendram ao mesmo tempo a aparência do tempo e a do espaço" (p. 143). Desse modo, o espaço é um meio de representação do tempo, e o tempo é um simples efeito da consciência. Meus pensamentos vão mais em direção às dez considerações escritas por Jönsson (2004), professora de Física de uma universidade sueca, que conduz o leitor a refletir sobre a melhor utilização do tempo, porque parece que é um bem que nos faz falta.

A passagem do tempo é tema da canção "Tempo Perdido"🎧, um dos grandes clássicos da banda de rock Legião Urbana[1]. Foi composta por Renato Russo e inicia assim: "Todos os dias quando acordo / Não tenho mais o tempo que passou /

Mas tenho muito tempo / Temos todo o tempo do mundo". Poderia dizer o mesmo da letra da canção "Templo do Tempo" (2015)🎧 , de Flaira Ferro e Igor Bruno. A letra diz: "Eu sou o templo do tempo / O tempo acontece em mim / No meu rosto, na minha pele / No meu modo de vestir". Posso mencionar outras tantas canções, como "Oração ao Tempo" (1979)🎧, de Caetano Veloso, ou "O Tempo não Para" (1988)🎧, de Cazuza e Arnaldo Brandão. Porém, a canção "Tempo Rei" (1984) 🎧, de Gilberto Gil, é a que mais se assemelha ao que estou tentando escrever neste capítulo: "Não me iludo / Tudo permanecerá / Do jeito que tem sido / Transcorrendo / Transformando / Tempo e espaço navegando / Todos os sentidos...".

Independentemente do que expressa a letra das canções ou da área de conhecimento de cada autor e autora supracitados, parece que é comum entre eles a ideia de que o tempo só pode ser medido por intermédio do espaço. Jönsson (2004, p. 93) questiona: "Há alguma coisa que não esteja situada no espaço?". Nessa perspectiva, o tempo possui direções a partir de uma consciência cronológica – passado, presente e futuro, relacionado à existência e experiência humanas – pessoal e social. Falar de coisas comuns que unem as pessoas, como o tempo em "Tempo Perdido", e falar da experiência de cada um foi o fio condutor do disco Dois, lançado em 1986 (ver CAPACCHI, 2003). Renato Russo canta: "Temos nosso próprio tempo / Somos tão jovens / Tão jovens / Tão jovens". Associo essas ideias aos conceitos do tempo vivido, tão discutidos por autores e autoras que se dedicam à pesquisa biográfica.

Delory-Momberger (2012) esclarece que a dimensão do tempo é a principal característica da pesquisa biográfica e que a distingue de outras abordagens disciplinares, como, por exemplo, a sociologia do indivíduo. Para a autora, esse tipo de pesquisa trata de mostrar como a "experiência individual em

um tempo biográfico se situa na origem de uma percepção e uma elaboração peculiar dos espaços da vida social" (p. 524, grifos da autora). Jönsson (2004, p. 136) pondera que, de maneira geral, as experiências nos formam e são elas que nos permitem fazer associações, produzir conhecimentos e sentimentos. Volto a ler os textos de Larrosa e, no Prefácio do seu livro *Tremores: escritos sobre a experiência*, me deparo com a insistência do autor em dizer que

> [...] não se pode pedagogizar, nem didatizar, nem programar, nem produzir a experiência; que a experiência não pode fundamentar nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia; que a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece; e em que a experiência, que não sabemos o que é, às vezes canta. (LARROSA, 2015, p. 13).

Contudo, a experiência pode ser compartilhada por pessoas concretas para contar um fato. Foi o que fizemos neste livro: quisemos registrar o que se passou com os estágios curriculares supervisionados dos cursos de Licenciatura em Música durante o período pandêmico. Um grupo de estudantes, professores e professoras, que estudam e trabalham com música em instituições de ensino, como escolas de educação básica e universidades, se reuniu para elaborar, individualmente, relatos escritos. É importante dizer, assim como Marinas (2007, p. 72) adverte, que a escrita de um relato não está conectada ao tempo que se dedica para isso, mas sim com a capacidade de escrever sobre o que foi vivido. É uma tarefa complexa e bastante subjetiva também por evocar a

memória, sendo esta uma memória que se transforma, e não uma memória imutável.

Foi no "tempo das férias", como destacado no relato de Risaelma Cordeiro, que a maioria de nós – estudantes, professoras e professores – escreveu sobre o tempo vivido durante os anos de 2020 e 2021: o tempo da e na pandemia. Nesses dois anos o conceito de tempo foi alterado. Todos os dias pareciam iguais, segundas e terças, quartas, sábados e domingos, quintas e sextas. A relação temporal resumia-se apenas a ontem, hoje e amanhã. O tempo dos relógios também foi semelhante por não estarmos vivendo no regime *inter-humano*, como define Jönsson (2004, grifos da autora). A interação mais normal entre a técnica e o homem, explica a autora, está no fato de que ela conecta as pessoas. O trabalho remoto emergencial, por vezes, exigia o encontro com o outro, como aulas síncronas e reuniões, e isso pressupunha a necessidade de estar de acordo para o início e o término das atividades. Esse tipo de tempo foi citado por um dos estudantes da professora orientadora Marisleusa, quando disse: "aprendi a formatar a aula no tempo cronometrado".

Outros conceitos também mudaram: distância, presença, ausência, encontro, sala de aula, escola, socialização, comunicação, interação. Bárbara Sales de Holanda narra que, no seu estágio, as meninas de uma comunidade carente de Cuiabá não tinham computadores nem acesso a uma boa conexão à internet, então "foi preciso adaptar as aulas de musicalização para a realidade das alunas: elas utilizariam os celulares de seus responsáveis e nos comunicaríamos pelo aplicativo WhatsApp". Júlia, ao mencionar a preparação das aulas em vídeo e as respostas dos alunos por meio de formulários, considera que a interação foi unilateral e, apoiada em Paulo Freire, reitera que "ensinar não é transmitir conhecimentos".

Falando sobre os estágios que realizou, Vinicius afirma: "Os fatos imutáveis eram que todas as interações aconteceriam virtualmente, com pessoas que não conhecíamos, cujos rostos muito provavelmente nunca veríamos e cujas vozes talvez nunca ouvíssemos".

Os relatos de estagiários e estagiárias se ocupam de temas como: gravação de videoaulas para facilitar a prática musical, a dificuldade de ser professor em um mundo digital, a primeira experiência como professora em um momento tão desafiador, a não presença durante quatro semestres de estágio remoto emergencial, aulas por meio do WhatsApp, os desafios com a fidelidade sonora e o tocar sincronizadamente. Maria Clara expressou sua insegurança por não ter experiência como professora e chegou a pensar que não seria capaz de dar aulas no formato remoto. Ela escreveu: "queria esperar a volta das atividades presenciais [...], já que sempre tive grandes expectativas sobre a chegada desse momento [estágio] em que eu, enfim, poderia começar a exercer e a sentir na pele a minha profissão". De maneira geral, os(as) estudantes consideraram que esse tempo foi de muito aprendizado.

Os professores e professoras de música, que aceitaram trabalhar com estudantes em formação docente, relatam como se relacionaram com o tempo dos estágios e como o sentiram. Bárbara Haas declara: "o estágio de 2020 foi um dos melhores entre os que tive a oportunidade de supervisionar". Fernando conta: "pude pensar o fazer musical através das telas dos computadores, celulares, na solidão da casa, mas ainda conectados para enfim compartilharmos os saberes, criando relações entre os agentes e a linguagem musical". Por sua vez, Krisley escreveu: "Senti que essa experiência com estágios de música me fortaleceu, me fez continuar acreditando que, por

meio de aulas de música, é possível construir relações: afetivas, cognitivas, sonoras e humanas". Volto a citar Jönsson (2004, p. 136), relacionando o que ela reflete sobre as experiências com as histórias contadas pelos(as) docentes supervisores(as) de estágio. Ela diz: "No correr da existência, as experiências estão sempre presentes e têm uma influência considerável sobre a nossa personalidade, tanto nos detalhes como nos grandes traços".

A experiência de ficar em casa durante a pandemia, ainda que trabalhando, representou para mim uma grande pausa da rotina que há anos vinha se repetindo. Foi um tempo de parada, de quebra, de viver quase como eremita. Foi um tempo para pensar e influenciar o que viria depois. Ao ler os relatos das professoras orientadoras e das coordenadoras de estágio, percebo o quanto foi preciso parar para criar e pensar novas possibilidades para enfrentar os desafios que se impunham. As coordenadoras de estágio de quatro universidades – UFMA, UFMT, UEM e UDESC – refletem sobre a ressignificação da prática docente; sobre a experiência de ser ao mesmo tempo coordenadora, professora e orientadora; sobre as incertezas, as dúvidas e as buscas por alternativas para a realização dos estágios; e, ainda, sobre a possibilidade ou não de formar professores de música sem a dimensão da escola. Para todas, foi um tempo de descoberta.

> Acredito que o aproveitamento do famoso e tão anelado "tempo" ocasionou, no meu caso, a otimização dos momentos das aulas on-line, na tentativa de diminuir os efeitos colaterais do isolamento, de interagir desde um lugar mais humano possível como uma insurgência a essa insistência em desumanizar nossas vidas.

Assim se expressou a professora orientadora Carla. Os relatos das demais professoras, de alguma forma, vão nesse sentido. Nicole fala dos desafios do início de carreira em plena pandemia. Bárbara descreve como orientou um estagiário por meio de processos inclusivos. Marisleusa conta como foi o processo de orientação para a gravação de videoaulas. Maira ressalta a impossibilidade do encontro e descreve como trabalhou com os estagiários. Sandra destaca as tecnologias como essenciais "para garantir a relação pedagógica e humana desde o princípio e reconhecer que continuarão como uma possibilidade de apoio à ação docente".

Como sublinha Arango (2021), "Os seres humanos experimentam o passar do tempo por meio de sua expressão em uma história, em um conto que contamos a nós mesmos ou contamos aos outros por meio da narração de histórias" (p. 27, tradução minha)[6]. Os relatos contados neste livro descrevem e explicam por que fizemos, o que fizemos e como fizemos. Para concluir, posso dizer que essas justificativas, decisões e ações têm alguns significados: dimensão de ações e decisões que ampliam e fortalecem a educação em tempos de crise; importância de manter as colaborações entre ensino superior e educação básica; relevância em prosseguir a articulação com os licenciandos, mantendo-os mobilizados para o conhecimento e a aprendizagem; impactos para a educação e para a formação docente em música... Não foi tempo perdido.

[6] Original: "Los seres humanos experimentamos el transcurrir de tempo mediante su expresión em um relato, en un cuento que nos contamos a nosotros mismos o contamos a otros por médio del relato".

Referências

ARANGO, Gabriel Jaime Murillo. *La conversación en las aulas.* Ensayos de investigación biográfica narrativa en educación. Colombia: Universidad de Antioquia, 2021.

CAPACCHI, Candice Cláudia. As letras de canção de Renato Russo e seu diálogo com a poesia dos anos 80. *Dissertação* (Mestrado em Letras) – Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003.

DELORY-MOMBERGER, Christine Delory. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Trad. Anne Marie Milon Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, set./dez. 2012.

GUYAU, Jean-Marie. *A gênese da ideia de tempo e outros escritos.* Trad., org. e notas Regina Schöpke, Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

JÖNSSON, Bodil. *Dez considerações sobre o tempo.* Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

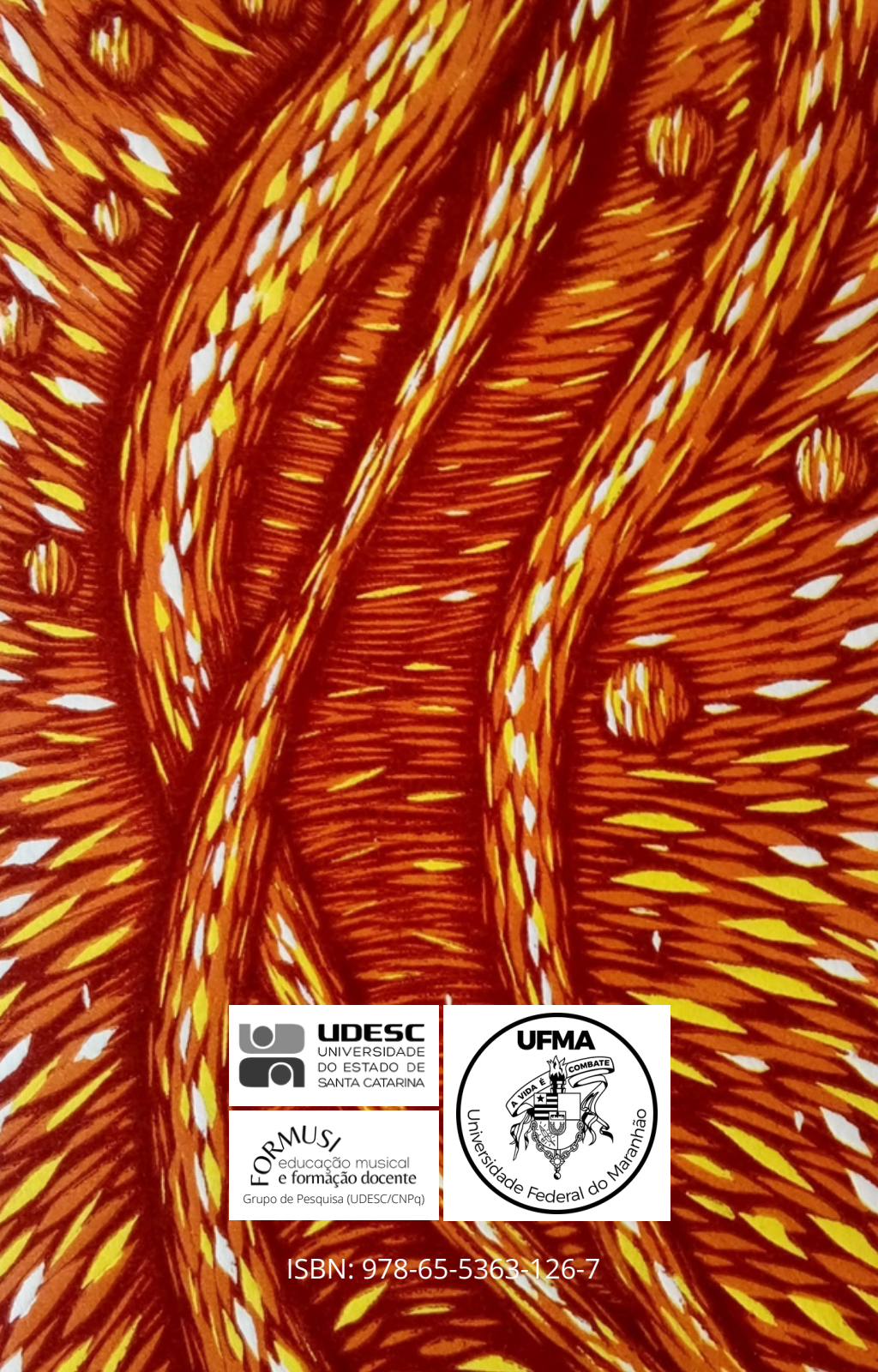
LARROSA, Tremores. *Escritos sobre experiência.* Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARINAS, José Miguel. *La escucha en la historia oral.* Palabra dada. Madrid: Síntesis, 2007.

SIENCMAN, Eduardo. *Do tempo musical.* São Paulo: Via Lettera, 2001.

Realizado o depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Lei n.o 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Título: Estudantes e professor(a)s de música- Estágios vividos e histórias contadas durante a pandemia.
Organização: Teresa Mateiro, Risaelma Cordeiro e Jéssica de Almeida
Consultoras da edição: Ana Lúcia Marques de Louro-Hettwer (UFSM),Delmary Vasconcelos de Abreu (UnB), Jusamara Vieira Souza (UFRGS), Leda Albuquerque Maffioletti (UFRGS) e Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres (IPA/RS).
Projeto Gráfico: Mônica Luchese Marques e Nicole Penteado
Revisão: Priscila Morandi
Xilogravuras: Milton Cazelatto
Páginas: 206
Edição: 1ª edição
Publicação: Editora da Universidade Federal do Maranhão - EDUFMA
Suporte: E-book



UDESC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

FORMUSI
educação musical e formação docente
Grupo de Pesquisa (UDESC/CNPq)

UFMA
A VIDA É COMBATE
Universidade Federal do Maranhão

ISBN: 978-65-5363-126-7